
LARA SMITHE
Minha
SÉRIE OS LAFAIETE - LIVRO- 4

Lara Smithe

M I N H A

Série Os Lafaiete

Livro 4

Primeira edição

Salvador/Brasil

2019



M I N H A

Capa: Joice S. Dias

Revisão: Lorena Bastos

Diagramação: Lara Smithe

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Título original: Minha – Série Os Lafaiete – Livro 4

Todos os Direitos reservados

Copyright © 2018 by Lara Smithe

Sumário

Índice

Sumário

Agradecimento

Mensagem

Sinopse

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Epílogo

Próxima história

Outros Romances da Autora



Agradecimento

Agradeço a DEUS em primeiro lugar, pois minhas inspirações vêm dele. Às minhas leitoras amigas do grupo do Whatsapp e do facebook: meninas vocês são maravilhosas.

Obrigada família, por sua paciência e compreensão.

Obrigada, minhas betas maravilhosas, por suas análises críticas, vocês me ajudaram muito com as opiniões e os conselhos.



Mensagem

O tempo passa? não passa.

O tempo passa? Não passa no abismo do coração. Lá dentro, perdura a graça do amor, florindo em canção.

O tempo nos aproxima cada vez mais, nos reduz a um só verso e uma rima de mãos e olhos, na luz.

Não há tempo consumido nem tempo a economizar. O tempo é todo vestido de amor e tempo de amar.

O meu tempo e o teu, amada, transcendem qualquer medida. Além do amor, não há nada, amar é o sumo da vida.

São mitos de calendário tanto o ontem como o agora, e o teu aniversário é um nascer toda hora.

E nosso amor, que brotou do tempo, não tem idade, pois só quem ama escutou o apelo da eternidade.

(Carlos Drummond de Andrade)



Sinopse

S*ou um romântico* inveterado, quando me apaixono é para sempre, e anseio com um casamento feliz ao lado da mulher que amo, com muitos filhos para cuidar.

Por isso, quando conheci Eleonora Miranda e iniciamos um romance intenso, apaixonado, comecei a fazer planos para nós dois, que foram destruídos quando, sem explicação, ela me expulsou da sua vida e terminou tudo comigo, fazendo

meu mundo desabar ao me forçar a viver afastado dela.

No entanto, quatro meses depois a reencontro, e para minha surpresa, ela está grávida..., mas nega que o filho seja meu.

Se ela pensa que as coisas ficarão assim, que aceitarei um “não” como resposta, ela está muito enganada. Não sei quais as razões que a levaram a mentir para mim, mas descobrirei, e quando descobrir, irei reivindicá-la e a tornarei minha esposa.

Afinal, sou um Lafaiete, não costumo desistir do que é meu.



Prólogo

...E foi assim que tudo começou

Alguns meses atrás.

O hospital está uma bagunça. Enfermeiros, médicos e policiais se misturam nos corredores. Estou à procura dos meus irmãos, Matheus e Marcos, em meio a toda essa agitação. Finalmente eles conseguiram resgatar minha cunhada Lana das garras do líder de um dos cartéis mais perigosos do mundo, e sei que eles se encontravam no hospital, como avisaram que fariam, pois vi dois amigos de Marcos conversando com um médico. Então, vejo uma moça alta e de longos cabelos castanhos vindo na minha direção. Já que ninguém responde às minhas perguntas, talvez ela possa respondê-las.

— Hei, moça. — Sinalizo com a mão, ao mesmo tempo que alguém bate no meu ombro, empurrando-me para trás — Doutora! — Ela veste um jaleco, então, eu presumo que seja médica, tem cara de uma...

Ela para e me olha, e tento me manter firme no lugar, pois a multidão de gente que passa no corredor é de dar medo, está parecendo um hospital público em época de surto de gripe. A moça olha para trás quando alguém grita perguntando pela *moça gato*. É um repórter que conseguiu passar pelos seguranças federais. Ele chega até a médica, segurando-a pelo braço e colocando o celular próximo ao seu rosto, bruscamente.

— Doutora, é verdade que a moça mia como um bichano? O que a

senhora pode nos dizer sobre ela? Ela está louca?

O repórter tenta puxá-la, e a médica fica desorientada, então corro para socorrê-la.

— Dê o fora daqui, seu sanguessuga, ou eu chamo a polícia! — Aponto para um dos policiais que caminha na nossa direção. — Se manda!

Prontamente o repórter, por medo de represália, sai de fininho.

— Nossa, isso aqui está uma zona de guerra. Eu nunca vi tantos repórteres juntos. — Ela diz, olhando à sua volta ainda um pouco desorientada. Olho para a identificação que está no jaleco: Doutora Eleonora, psiquiatra. — Posso ajudá-lo? — De repente, ela para de falar e me fita, curiosa.

— Sim, estou tentando saber notícias sobre a minha cunhada. É por causa dela

que este hospital está assim. Eu já tentei perguntar a todos que encontro pela frente, mas ninguém responde às minhas perguntas, tampouco consigo encontrar os meus irmãos.

— Então você é um Lafaiete!? A fama de vocês já correu o mundo, ou pelo menos este hospital inteirinho. — Ela sorri, e eu fico parecendo um bobo, admirando a beleza da linda mulher à minha frente. — Lana, não é?

— O quê? — Atrapalho-me com meus próprios pensamentos.

— O nome da sua cunhada não é Lana? — Seus olhos observadores varrem o meu rosto.

— Sim, sim... Como ela está? Meus irmãos não atendem os celulares, e estou desesperado por notícias.

— Venha até o meu consultório, lá é melhor para conversar, e poderei colocá-lo a par de tudo. — Eu a sigo, sem conseguir disfarçar o olhar avaliativo por todo o seu corpo, ainda que esteja escondido sob o jaleco

branco.

— Sente-se, quer uma água? — Ela me oferece, assim que chegamos à sua sala.

— Não, obrigada. — Ela se senta, encosta-se na cadeira e fica me observando com as mãos cruzadas sobre a mesa. — Está tudo bem com minha cunhada?

— Na medida do possível, mas ainda é cedo para uma avalição completa, pois uma pessoa que passou por tudo o que ela passou não se cura assim, em questão de horas, mas acredito que com a ajuda da família ela se recuperará logo...

Ela para a conversa assim que escuta o toque do meu celular. Atendo.

— *Onde você está, Maurício?* — É o Matheus, sua voz soa nervosa e apressada.

— Procurando você e o Marcos, já andei por todo o hospital, onde vocês estão?

— *Estou na recepção, esperando você, preciso que providencie algumas coisas*. — Levanto-me e peço um minuto para o Matheus.

— Obrigado pelas informações, doutora. Acho que nos veremos mais vezes. — Apertamos as mãos, e eu me demoro um pouco mais do que é necessário segurando-a.

— Com certeza... Qual é o seu nome?

— Maurício. Maurício Lafaiete. — Não consigo desviar meus olhos do seu lindo rosto, ela é o tipo de mulher que deixa um homem completamente atordoado.

— Prazer, Maurício. — Continuamos de mãos dadas, nos encarando e

sorrindo levemente um para o outro. — Meu nome é Eleonora, o que precisar, e se eu puder ajudar, é só me procurar. — Ela me entrega um cartão.

— Ok, Eleonora. Obrigado pelas explicações, — Soltamos nossas mãos, eu me viro dando alguns passos e ela me acompanha até a porta.

Confesso que foi difícil me afastar. Quase dou meia-volta e a convido para tomar um café, um suco, sei lá, qualquer coisa, mas me abstenho a só acenar com as mãos enquanto me afasto, pois algo me diz que eu a verei muitas vezes depois deste dia.



Capítulo 1

A pós muita insistência, Eleonora finalmente aceitou sair comigo. Oh, mulher difícil, escorregadia e durona! Ela sabe que estou interessado nela, assim como eu também sei que ela está a fim de mim. Conheço o olhar feminino, sei quando estou sendo sondado, e ela me quer tanto quanto eu a quero. E hoje não será apenas um encontro entre dois amigos, tenho outros planos.

Fiquei de buscá-la em casa, às dezenove horas, e já estou atrasado. Tive alguns problemas com o Home Center - um fornecedor – que atrasou uma entrega e eu precisei esperá-lo.

— Eleonora, você já está pronta? — Com o celular entre a orelha e o ombro, pergunto enquanto fecho a porta do carro e o ligo. — Em dez minutos estarei aí, me desculpe pelo atraso, eu só consegui sair da loja há quinze minutos... sim. — Ela pergunta se já estou no carro. — Ok, pode me esperar no hall do prédio, beijos.

Viro na próxima esquina, fazendo uma curva fechada, até escuto o ranger dos

pneus no asfalto.

Assim que desço do carro, a encontro já na calçada, me esperando, e franze a testa quando me vê. Através das suas sobrancelhas arqueadas, seu olhar alcança o meu rosto, encontrando meus olhos. Não perco a

oportunidade de contemplá-la. Eleonora é bem mais velha do que eu, apesar de não parecer. Tenho 32 anos, e em uma das nossas muitas conversas, ela deixou escapar que tem 43 anos, o que a faz ser, muitas vezes, intransigente, pois adora me chamar de garotão, mesmo sabendo que eu não gosto. Não ligo se ela é mais velha do que eu, nunca gostei de ninfetas, gosto de mulheres que sabem o que querem, e ela sabe. E além de tudo, ela é linda, inteligente, independente e dona de um sorriso que me deixa tonto.

Agito a cabeça com o intuito de me livrar de certos pensamentos libidinosos, pois minha futura namorada está vestida com um lindo vestido justo, que molda todas as curvas do seu lindo corpo, destacando os seus seios fartos e deixando à mostra suas coxas roliças. É muita areia para o meu caminhãozinho. Eu acho que precisarei dar muitas voltas para levar tudo isso na minha caçamba, mas se for preciso, darei quantas viagens forem necessárias. Sigo até ela com um sorriso largo no rosto, tentando disfarçar a minha excitação e mentalmente pedindo para que o meu pau não endureça mais do que já está duro.

Quando chego perto o suficiente, ela se inclina e me beija bem perto da minha boca. Se eu fosse um homem ousado, viraria o rosto para que meus lábios tocassem os dela.

— Vamos? — Surpreso com o gesto, pergunto, tentando disfarçar o quanto seu beijo mexeu comigo.

Ela apenas faz um aceno afirmativo com a cabeça, e eu estendo o braço, indicando o caminho para o carro. Ela passa na frente, e eu apenas encosto a palma da mão nas suas costas nuas, guiando-a. O simples toque dos meus dedos na sua pele é o suficiente para fazer burburinhos no meu estômago. Eu começo a perceber que a moça diante de mim perturba os meus sentidos, e como perturba...

Uma vez dentro do restaurante, percebo e admito que Eleonora provoca admiração. Não houve uma só pessoa que não a olhasse enquanto seguíamos o maître até a mesa que reservei. Confesso que isso me incomodou, e muito.

Eu sei que não temos nenhum envolvimento amoroso, e que tudo até agora não passou de flerte e de algumas carícias inocentes nas mãos quando elas se tocam na mesa da lanchonete do hospital. Ultimamente nos vemos todos os dias, pois ela é a psiquiatra da Alexia, a moça que foi resgatada junto com a minha cunhada Lana. Como estou no hospital todos os dias, nós nos tornamos amigos, e eu sempre a acompanho para um café ou almoço. A verdade é que quero algo além da amizade, e sei que a Eleonora também quer. Seus olhares são penetrantes quando nossas mãos se tocam, eles revelam o seu interesse. Eu não sou um tolo, sei quando uma mulher está interessada em mim.

— Maurício, o que vamos fazer depois de sairmos daqui? — Eleonora dá um meio sorriso, enquanto finge olhar a carta de vinhos.

— Eu pensei em irmos dançar um pouco, pois na nossa última conversa você me disse que adora dançar, o que acha?

— Adorei a ideia, faz tempo que não movimento o corpo na vertical. —

Ela me olha por cima da carta de vinhos com um brilho no olhar, bem provocante, e entendo o que ela quis dizer. — Você escolhe o vinho, aliás, escolha tudo, surpreenda-me.

Ela quer me testar. Há dois dias ela me disse que não costuma sair com rapazes, e sim com homens. Eu juro que se não fosse um cavalheiro, teria mostrado com quem ela está lidando. Entendi perfeitamente o que as suas palavras queriam me dizer. Eleonora acha que sou jovem demais para ela, ou que ela é velha demais para mim. Vai saber o que passa na cabeça de uma mulher.

Escolho algo bem leve para comermos e um vinho para ela, não vou beber, já que estou dirigindo.

Após o jantar, a levo para uma boate que costumo frequentar com amigos. Ela está lotada, quase não consigo uma mesa sem a necessidade de ter que dividi-la com mais alguém. Eu não quero nenhum empata foda, pois hoje a Eleonora vai se certificar de que não sou nenhum garotão, e sim o homem da sua vida. Presunçoso, eu? Sim, eu sou!

— Nossa! Isso aqui está um inferno. — Eleonora precisou encostar o rosto bem próximo à minha orelha para que eu pudesse escutar o que dizia.

— O que você queria? Estamos na melhor boate da cidade e em plena sexta-feira. Só pode estar um caos aqui dentro. — Digo, bem próximo ao seu rosto.

E nesse momento, nossos olhares se fixam, fazendo uma onda de desejo arrebatar o meu corpo inteiro e meu pau pulsar na frente da minha calça. Se ela soubesse o que pretendo fazer com ela, aposto que já estaríamos na horizontal, ou na vertical mesmo. Não importa em que posição os nossos corpos estejam, só quero dar o melhor que um Lafaiete pode dar a uma mulher quando ele a deseja.

— Vamos dançar? — Eleonora se levanta e nem espera pela minha resposta. Ela me puxa pela mão, e quando vejo, já estou na pista de dança.

Além de linda, ela é graciosa, sabe perfeitamente seduzir um homem com o balançar dos seus quadris. Eu me perco no seu balanço, quando ela circula os braços em volta do meu pescoço, me puxando para mais perto. Eu me deixo ser guiado, já imaginando o mesmo movimento quando estivermos nus e fazendo amor. Eleonora sabe do seu poder de sedução, tenho certeza disso. Seus olhos flamejam de tesão, sua boca me chama, e não consigo mais resistir.

Meus dedos circulam a sua nuca, prendendo-a, apertando-a com delicadeza, e ela não resiste, se deixa ser beijada. A princípio o beijo é lento, apenas um roçar de lábios e línguas, no entanto, quando seus lábios se entreabrem, a devoro com fome, deixo o meu desejo faminto mostrar a ela o que quero. Agora não dançamos mais, nossos corpos estão inertes, apenas nossas cabeças se movem lentamente, no ritmo de um beijo avassalador.

Eleonora se segura na parede dos meus músculos peitorais. Atordoada e atônita com a fúria do meu beijo, ela olha primeiramente para o meu peito largo, alisando-o com a mão por cima da camisa ajustada ao meu corpo, depois ela ergue a cabeça, até encontrar os meus olhos. A sua expressão arrebatada demonstra o quanto está surpresa. Seu olhar se move até a minha boca, e ela perde o controle sobre si, se entregando novamente ao meu beijo.

— Acho melhor irmos para outro lugar. — Digo, sem desgrudar da sua boca, mas lhe dirigindo um olhar malicioso.

— Sim... — Balbucia, ainda atônita. Afasto-me, sem soltar o seu corpo.

Ela leva os dedos até os lábios, acariciando-os, enquanto fecha os olhos rapidamente, como se ainda estivesse sentindo minha boca sobre eles.

Já sentada no carro, ela me olha, como se acabasse de acordar de um sonho louco.

— Desculpe-me, aonde estamos indo? — Pergunta, ainda entorpecida.

— Para onde quiser ir, seu desejo é uma ordem. — Paro o carro. Ela sorri fracamente, relaxa os ombros e seus olhos lindos encontram os meus.

— Seu apartamento? Pode ser? — Surpreendo-me com a sua proposta, na verdade eu estava pensando em um hotel. — Algum problema? Se não quiser, podemos ir para o meu, se você não se importar com a bagunça que eu deixei antes de sair. — Eleonora dá de ombros, depois sorri lindamente.

— Meu apartamento está ótimo, e é muito mais perto, fica a dez minutos daqui.

Mas como o desejo por ela correndo forte em mim, levo menos de dez minutos para chegar até onde moro.



Capítulo 2

D eixo-a entrar primeiro. Apesar de morar sozinho, meu apartamento é muito bem decorado e confortável. Eu prezo o espaço, e tenho orgulho de dizer que tenho muito bom gosto.

Eleonora se vira para mim, com um olhar de encantamento, ela gosta do que vê. Depois se aproxima e para bem perto de mim, nossos corpos quase se tocando. Imediatamente o meu coração dispara e as minhas pernas tremem.

Isso é loucura! Como posso estar reagindo desta maneira?

Seguro os seus pulsos com força, puxando-a para o meu corpo, fazendo com que sinta o calor das minhas coxas contra as suas, através do tecido do seu vestido. Ela me olha, capturando vagarosamente o meu olhar enquanto eu a avalio.

— O que você quer? — Eleonora pergunta, lambendo os seus lábios com a ponta da língua.

— Você! — Respondo com a maior simplicidade.

Ela não diz nada, apenas permanece com os olhos vidrados nos meus. Eu afrouxo o aperto nos seus pulsos, mas ainda posso sentir a sua pulsação contra os meus dedos. Sorrio, indolentemente, quando percorro lentamente

com o olhar todo o seu rosto, sentindo seu coração batendo contra o meu peito. A sua beleza inigualável me atinge como um soco bem no meio da cara. Os seus olhos, seus lábios vermelhos e sedutores em forma de coração, provocam-me, exigindo todo o meu controle para não a tomar às pressas.

— Então, está esperando o quê? — Ela diz, presunçosa.

— Humm! Então venha cá! — A expressão intensa dos meus olhos me faz parecer perigoso. — Dispa-se! Quero-a nua para mim. — Ela faz como eu mando e revela a visão mais bonita que eu já vi.

Sua beleza nua bate como um terremoto direto no meu coração e corpo.

Neste instante, Eleonora agarra a minha alma e acaba totalmente com as minhas últimas forças, e com esta visão do paraíso, eu a reivindico. Queimo, sinto o meu corpo arder de desejo, fico tão atordoado que receio virar chamas de dentro para fora. Olho para ela, desorientado, pois tudo o que eu sei sobre o amor é

instantaneamente direcionado para ela. Eu a amo, tenho quase certeza disso.

Eleonora olha para mim com os seus lindos olhos castanho-claros, e eu me inclino, tomando seus lábios em um beijo faminto. Ela geme e eu mergulho minha língua profundamente na sua boca, explorando cada pedacinho dela. Ela se afasta um pouco, apenas para tomar ar, pois está sem fôlego. Meu pau está dolorosamente duro, louco para conhecer a sua dona.

— Você será minha. — Digo, inclinando-me para ela. — Sabe disso, não sabe? Eu a quis desde o primeiro dia em que a vi, e agora não há escapatória.

Pego-a contra o meu corpo e saio caminhando, enquanto esmago a minha boca contra a dela mais uma vez. Eleonora geme e esfrega sua boceta no meu pau duro, beijando-me de volta com a mesma necessidade que estou sentindo.

Quando a parte de trás das suas pernas toca o colchão, eu me afasto e mais uma vez contemplo o seu lindo corpo nu. Inclino-me e beijo a pele nua do seu pescoço, e isso faz com que seu corpo se arrepie.

Meus dedos acariciam os seus lindos cabelos castanhos, enquanto eu aspiro profundamente o seu cheiro adocicado. A tensão aumenta dentro de mim a cada longo segundo que se arrasta, apenas por saber que logo estarei dentro dela.

Minha respiração fica mais pesada com o prenúncio do desejo da nossa primeira vez. Eu estou prestes a gritar, para que ela saiba o quanto eu a quero, o quanto eu a desejo e o quão desesperado estou para torná-la minha. Meu coração dói, meu corpo dói, meu pau dói, só com este pensamento.

Ela é tudo o que eu sempre quis: madura, inteligente, dona de si, sensual, determinada e muito sexy. É perfeita!

— Hoje será o primeiro de muitos dias que a foderei incansavelmente, sem restrições, sem tabus, só com a minha vontade de tomá-la em todos os sentidos. — Digo com uma voz profunda, carregada de autoridade sedutora.

— Está pronta para mim, Eleonora? — Pergunto, fitando-a expressivamente.

Seus olhos encontram os meus. Seu cabelo bagunçado pela ferocidade das minhas mãos impacientes cobrem uma parte do seu rosto, o que a deixa incrivelmente mais sensual... nua e bagunçada.

Meu pau pulsa selvagemente quando os meus olhos percorrem seu corpo. Respiro pesadamente quando fito de forma enlouquecida os seus seios fartos e pontudos. Tenho que lutar contra o meu corpo para não avançar sobre o seu corpo nu. Tudo o que quero fazer é fodê-la, no entanto, sei que com a Eleonora há a necessidade de fazer isso lentamente. Ela não é o tipo de mulher para uma noite só, e isso não é apenas sexo casual, sem sentido. Esta é a nossa primeira vez e eu tenho que mostrar para ela que eu não sou um

garotão afoito, pois ela precisa saber que eu sou o seu homem, o último homem da sua vida, o homem com quem ela viverá o resto dos seus dias.

Ela precisa perceber que nenhum homem a tratará como eu, ninguém cuidará dela como eu, não a amará como eu.

— Minha! Você nasceu para me pertencer, Eleonora. Sem sombra de dúvida, e tenha certeza do eu digo, será para sempre — Declaro, com a certeza absoluta de cada palavra pronunciada.

Eleonora está hipnotizada com a força das minhas palavras, ela apenas move a cabeça, afirmando, lambendo os lábios com a ponta da língua.

— Eu... — Ela engole o restante das palavras, enquanto esfrega uma perna na outra, tentando controlar sua excitação. — Mau... Maurício, você...

— Shh! — Calo-a com dois dedos sobre os seus lábios — Aqui, neste quarto, quem fala sou eu, quem manda sou eu, você só sente... — Inclino-me e toco levemente os seus lábios com os meus. — Só sentirá prazer. —

Concluo.

Meus olhos continuam percorrendo o seu corpo, até chegar à sua boceta rechonchuda, que já espalha sua excitação entre as suas coxas roliças. Meu pau duro pula nas minhas calças, implorando-me para libertá-lo. Eu quero muito fazer isso e me enterrar profundamente dentro dela, no seu calor molhado, marcando-a como minha com o meu esperma dentro dela.

— Sente-se.

Ela respira fundo e faz o que eu mando, se senta com as pernas ligeiramente abertas, me dando uma visão deliciosa do seu sexo. Um gemido baixo escapa da

minha garganta, e ela sorri ao escutá-lo. Ela parece feliz ao olhar fixamente para a frente da minha calça; minha excitação é volumosa, dura, pulsante.

— Toque-se! Mostre-me o tamanho do seu desejo — Eleonora sorri de forma maliciosa, ela sabe exatamente o que eu quero. Sua mão desliza entre as suas coxas, até se esconderem completamente entre elas. — Mostre para mim. — Exijo. Ela estica o braço, mostrando-me os dedos molhados pela sua excitação. Inclino o corpo, seguro sua mão e chupo dedo por dedo. —

Saborosa, deliciosamente saborosa. Está pronta para mim?

Seus doces lábios se esticam em um malicioso sorriso, acenando para cima e para baixo, olhando para mim com olhos famintos. Eles se voltam para a frente da minha calça e ela admira a ereção enorme que eu tenho, esperando por ela.

— Quer ele? — Toco no meu volume, apertando a cabeça por cima do tecido da calça. — O que fará com ele? Quer prová-lo?

Ela acena para cima e para baixo novamente, enquanto me come com os olhos.

— É seu, use, abuse e se lambuze.

Eleonora se apressa e cai de joelhos na minha frente, olhando em direção à minha ereção, lambendo os lábios ao fitar o volume esticado contra a minha calça. Ela passa a palma da mão, desenhando o contorno do meu membro, e solto um urro com a sensação intensa que sinto, e quase gozo.

Ela sorri, empolgada, e pega o meu cinto, arrancando-o em um frenesi desesperado, e só respira quando a minha ereção está quase livre, apenas com o empecilho dos botões e o zíper da calça. Gemo suavemente, enquanto eu observo o seu rosto determinado, enquanto as suas mãos trabalham rapidamente e se livram da barreira do tecido rude. Inclino meu quadril para tornar mais fácil para ela, que ofega quando o contorno do meu pau duro aparece, dentro da cueca. Eleonora não mede esforços e se livra dela também.

Ela puxa minha calça para baixo, levando junto a minha cueca, logo depois me ajuda com os sapatos, as meias, até que minha calça e cueca saem dos meus pés, sem nenhum impedimento. Suas mãos passeiam pelas minhas pernas musculosas e duras, o toque de seus dedos na minha pele faz correr um fio de eletricidade, que se espalha por todo o meu corpo. Dedos ousados tocam as minhas bolas.

Sugo o ar entre os dentes, e o desespero do tesão faz um fio de excitação escorrer pela pequena abertura da minha enorme ereção.

— Maumau, você é um homem muito abençoado em termos de pau, ele é tão grande! — Diz ela, maravilhada com o que está vendo. Sua mão paira sobre ele, e o meu tormento começa.



Capítulo 3

A o sentir o toque da sua mão envolvendo meu membro, massageando-o longamente, deliro com a tortura alucinante. Minha possessividade vai até o nível mais alto dos Lafaiete, eu não quero nem imaginar depois que fizermos amor. Como será o meu comportamento frente à minha necessidade de tê-la minha, só minha? Eleonora ainda não sabe, mas irá saber, ela acaba de me possuir completamente.

Ela vai me ter tanto quanto eu a tenho. Ela só não sabe disso, mas isso é apenas um detalhe.

E acabo de perceber que não é só fantasia da minha cabeça, que não é só uma

paixão desvairada, os meus sentimentos por ela são mais do que isso, são mais fortes do que o desejo que eu sinto, mais fortes do que o tesão.

E com este pensamento eu seguro a minha respiração e suspiro quando sinto o toque da sua língua sobre a cabeça arroxeada, as suas lambidas em torno do meu pau fazem minhas terminações nervosas explodirem de prazer.

— Foda-me logo, Eleonora — Ordeno, enquanto agarro seu cabelo em minhas mãos e puxo-o para atrás de sua cabeça.

Um sorriso libertino se forma nos seus lábios e ela segura a minha ereção, apertando-a.

— O apressado come cru, senhor Lafaiete... — Ela diz, olhando-me, debochando do meu suplício.

— Eleonora, não deboche, chupe-me logo, antes que eu faça com que se arrependa. — Digo com um rosnado profundo. Puxo seus cabelos, forçando-a a me encarar. — Devore-me, agora! — Pressiono meus dedos entre os fios, em seguida minha outra mão circula o seu pescoço, e eu aperto-o levemente

— Quero essa boquinha linda fodendo o meu membro, ou sua linda bunda sentirá o poder da força da minha mão. — Fito-a desafiadoramente. Ela começa a me acariciar lentamente, quase me matando.

Minha excitação vaza em gotas longas, deixando a cabeça do membro brilhando. Ela passa a língua sobre a ponta e desliza por todo o cumprimento.

Eleonora sabe o que está fazendo, lubrificar o meu pau tornará mais fácil engoli-lo sem se preocupar se irá engasgar. Ela abaixa a cabeça e minha respiração fica presa na garganta, e quando me leva à sua boca, geme quando suga a cabeça, e o som que ouço faz o meu corpo tensionar. Ela o engole profundamente, e tudo o que quero é jorrar o meu prazer, pois a sucção dos seus lábios me leva a ter as mais profundas sensações vertiginosas.

Eleonora solta um longo gemido, o que me dá a certeza de que ela está muito satisfeita com o que está fazendo.

— Está gostoso? — Pergunto, no entanto, como resposta escuto apenas o seu ofego quando me leva até o fim da sua garganta. — Boa menina, de hoje em

diante você terá o meu grande membro na sua boca sempre que desejar.

Ela geme mais forte, sugando-me, puxando todo o meu néctar. Eu sorrio, satisfeito, admirando vê-la lambuzar o meu membro com a sua saliva.

Cerco o seu rosto com as minhas mãos, ajudando-a nos movimentos. Seu corpo inteiro estremece quando puxo com mais força o seu rosto contra o meu corpo, obrigando-a a ir mais fundo.

— Eleonora, quis você desde o primeiro dia em que a vi, desejei fodê-la desde aquele dia, já me imaginava todo enfiado em você, te comendo de todas as maneiras — Digo, provocando-a, enquanto me delicio com suas leves mordidas deliberadas.

Através das minhas mãos, sinto o tremor do seu corpo, e o meu começa a ceder à pressão da sua boca em mim, irrompendo o meu prazer ao pico.

Não, não quero jorrar o meu prazer, não tem a ver comigo, tem a ver com ela.

O meu prazer é o seu prazer, então, seguro firme o seu rosto, parando os seus movimentos, e eu quase morro quando os seus lábios se separam do meu pau.

— Teremos tempo para tudo isso. — Digo, olhando nos seus olhos.

Certamente ela não entendeu por que me retirei da sua boca. — O lugar dele é dentro de você, dentro do seu sexo quente. — Flexiono o meu corpo para ajudá-la se levantar.

Deito-a na cama, inclinando-me sobre ela, minhas duas mãos sobre o seu corpo, uma acariciando os seus seios pontudos e a outra entre as suas coxas.

O seu corpo treme quando acaricio sua boceta, provoco-a, esfregando-a lascivamente.

— Minha! — Rosno, olhando-a duramente. Ela não diz nada, apenas fixa os olhos hipnotizados nos meus. — Você é minha, Eleonora, nasceu para mim, os seus gemidos são meus, o seu prazer é exclusivamente meu.

Eleonora aperta os olhos e prende a respiração quando eu deslizo um dedo dentro dela, depois outro, logo depois, ela expira e solta um gemido longo e

abafado, enquanto a fodo lubricamente.

— Responda-me, Eleonora! Você é minha, de agora em diante tudo isso aqui é meu, certo? — A rouquidão da minha voz a torna autoritária, dura.

— Sim, tudo é seu. — Ela concorda com todas as exigências extremas

que eu lhe faço.

Satisfeito, roubo sua boca em um beijo devasso, depravado. Tudo em mim agora é libertino, e eu não deixo uma só parte do corpo de Eleonora sem o toque das minhas mãos. Ora eu a fodo com meus dedos, ora provoco o seu clitóris, enquanto a minha outra mão passeia pelo resto, deixando-a completamente enlouquecida. Seus gemidos, suas contrações, seus tapas no meu corpo, mostram-me o quanto estou presente na sua mente.

— Me foda, pelo amor de Deus, me foda logo, Maurício! — Ela geme nos meus lábios, e sua respiração aumenta.

Solto sua boceta e agarro seu cabelo por trás, segurando e puxando-o para que me veja, para que ela, em nenhum momento, perca a força do meu olhar quando eu entrar completamente no seu corpo. Beijo-a asperamente, deixando-a sem ar, choramingando com os arroubos do meu desejo. Eleonora respira pesadamente quando eu a solto, olhando para mim com os olhos vidrados e os lábios molhados e entreabertos.

— Abra-se para mim, Eleonora. — Digo, acariciando meu membro.

Meus olhos percorrem vertiginosamente o seu rosto lindo e rubro de tesão.

— Você é linda, perfeita, preciosa e minha. — Articulo, massageando o meu comprimento mais rápido e mais duro, enquanto eu a admiro.

Inclino-me para a frente. O cheiro do seu sexo atiça todo o meu corpo, deixando-me insano. Agarro a sua bunda com um aperto firme e puxo-a para mim. Ela solta um gritinho de surpresa, quando meu membro se encaixa na sua boceta quente. Meu pênis lateja com a necessidade de se enterrar todo dentro dela.

Depois desta noite, Eleonora nunca mais pensará em outro homem, nem desejará outro.

Roço o meu membro em torno da sua abertura, e ela crava suas unhas nos meus ombros, assim que eu faço isso novamente. Seus gemidos saem cada vez mais rápidos, enquanto o seu corpo se agita nos meus braços.

Estou me sentindo no paraíso, o próprio Adão com a sua Eva.

Apaixonado... claro que não, esse sentimento evoluiu há muito tempo, eu a amo, acho que nunca mais amarei outra mulher assim. Meu coração pertence a ela, somente a ela.

Sorrio e agarro suas pernas, deixando meu membro pronto e doido para sucumbir de vez na boceta dela.

Ela já está pronta para mim, tão molhada que eu sei que não vou durar muito quando estiver lá dentro. Guio a cabeça do meu membro para sua abertura, separando as suas dobras molhadas enquanto escorrego nela. Ela arqueia as costas e grita em voz alta, quando flexiono o meu corpo e mergulho nela, e sua boceta quente aperta o meu membro.

As paredes da sua boceta apertam o meu comprimento, e eu aperto suas coxas com mais força, reivindicando-a para sempre. É um encaixe perfeito, e logo estou enterrado até as bolas nela, pressionando a base do meu membro contra a sua boceta molhada.

Coloco as minhas mãos no seu cabelo bagunçado, enquanto os meus lábios caem nos seus seios. Ela geme e se contorce sob mim, arqueando as costas enquanto beijo cada polegada disponível dos seus mamilos. Chupo-os profundamente em minha boca, provocando-os com a minha língua e tornando-os ainda mais duros.

— Gosta com força? Porque não tem como ser mais lento do que isso, pois o meu desejo por você está além da racionalidade. — Articulo, enquanto aumento o ritmo dos movimentos nos quadris.

— Sim, gosto, foda-me com força — Ela geme e me agarra com força.

Aumento o ritmo das estocadas, enquanto sua boceta molha o meu membro com sua lubrificação.

— Você vai viciar em mim, assim como eu já estou viciado em você —

Afirmo, com o olhar fixo no dela.

Ela morde o lábio inferior, pois com certeza gostou de tudo o que ouviu, depois envolve suas pernas ao redor do meu corpo, enganchando seus tornozelos para que eu não possa escapar. Alcanço a gaveta da mesinha de cabeceira com a mão e pego um preservativo, rasgando o pacote com os dentes.

— Estou louco de tesão e pronto para gozar com você. — Ela já me aperta de uma forma que sei que está pronta para gozar. Visto o meu membro com o preservativo e volto para dentro dela. — Vamos fazer isso juntos.

— Sim! —Eleonora diz, ofegante. Seu corpo começa a tremer como se estivesse em transe. Seus gritos estão saindo mais altos e mais desesperados.

Ela está perto de gozar, e apenas com algumas estocadas a mais, nós dois vamos alcançar o nirvana. E o êxtase vem com força bruta.

Aperto meus dentes enquanto o meu corpo inteiro flexiona.

— Gostosa do caralho! Muito gostosa — Rosno, enquanto empurro para dentro dela uma última vez, o mais forte que posso. Fico lá enquanto o seu calor me envolve.

Ela goza ao mesmo tempo que eu, gritando meu nome. Não sei por quanto tempo eu fico por cima dela, mas quando caio na cama, nós dois estamos ofegantes, buscando ar. Eu a envolvo nos meus braços, enquanto ela se agarra a mim, e isso é tão foda que eu acho que meu coração vai quebrar.

Ela acaricia o meu peito com o seu nariz, enquanto eu a abraço, descansando

meus lábios no topo da sua cabeça. Adormecemos abraçados.

Agora, começa a minha corrida para convencê-la de que ela é verdadeiramente minha.



Capítulo 4

A cordo com um barulho. Procuro a Eleonora na cama e não a encontro, o que me faz pensar que sonhei com ela a noite passada. Mas esta hipótese logo é riscada da minha mente quando ergo o meu corpo e vejo Eleonora de pé, se vestindo.

— Aonde pensa que vai? — Indago, olhando para a mesinha de cabeceira. Pego o meu celular e vejo as horas: são quase três da manhã. —

Eleonora, volte para a cama, ainda é noite. — Deito-me e espero que ela volte, mas ela não vem.

Sustento o meu corpo com os cotovelos e a observo. Ela está no celular, penso que está conversando com alguém do hospital, talvez seja uma emergência. Ela se vira e me encara, sorrindo.

— A noite foi maravilhosa, eu espero que possamos repeti-la mais vezes

— Ela segue na minha direção, inclina o corpo e me beija na boca. — Preciso ir,

o Uber já chegou.

Como assim? Ir? “Espero que possamos repetir?” Mas que porra está acontecendo aqui?

— Você está indo para o hospital? Eu posso levá-la, não precisa ir de

Uber. — Levanto-me e visto a cueca, já estou com a calça na mão quando ela fala as palavras que não quero ouvir.

— Não, não precisa me levar, estou indo para casa. Estou com sono e louca para tomar um banho. Bem, a noite foi maravilhosa, Maurício, você superou as minhas expectativas.

— Você está brincando, não é? — Nem escuto direito a última frase que ela diz. Eleonora nega com a cabeça. — Por que não dorme aqui? Eu tenho chuveiro e você pode perfeitamente vestir uma das minhas camisas, ou não vestir nada, não precisaremos de roupas mesmo.

Só de pensar em tê-la nua o final de semana inteiro, meu membro endurece.

— Maurício, eu quero a minha casa, a minha cama...

— Porra nenhuma! — Interrompo-a, quase gritando. — Passamos uma noite maravilhosa, e podemos terminá-la ainda melhor. Venha cá, pare de bobagem e volte para cama.

Tento despi-la, agarrando-a com as minhas mãos afobadas, que se movem pelo seu corpo. Eleonora me empurra.

— Maurício, não pretendo passar a noite com você, agora tenho que ir, o Uber já chegou. Podemos marcar outra noite para sairmos? Espero que sim, pois eu adorei sair com você.

Ela pega a bolsa e anda em direção à porta. Vou atrás dela.

— Eleonora, com quem você pensa que está lidando? — Seguro o seu punho, fazendo-a parar. Ela se vira e me olha, confusa. — Eu pensei que passaríamos o final de semana juntos. Eu fiz algo de errado? Pode me dizer se fiz algo de que não gostou?

— Você não fez nada de errado, pelo contrário, eu estou surpresa, a

maioria dos rapazes da sua idade são afoitos, querem mostrar que são melhores do que os homens da minha idade. Você não, você foi seguro, maduro e muito melhor do que qualquer homem com quem já saí, mas foi só sexo. Dormir com você significa compromisso, e eu não quero isso, só quero me divertir. Não me leve a sério, Maurício, eu jamais namoraria com um rapaz da sua idade, isso seria ridículo. Vamos deixar as coisas assim como estão, vamos só nos divertir, ok?

Enquanto ela discursa, tento processar toda a informação, tento arrumar um jeito de convencê-la do contrário. Eu não esperava que Eleonora agisse desta forma, nem em um milhão de anos pensei que seria dispensado como um maldito rapazola que só serve para dar prazer para uma mulher, essa atitude da Eleonora não foi nada simpática.

— Quer dizer que você só quer diversão, é isso? — Eu sei que essa não é a pergunta, mas no momento estou tão atordoado que não tenho outra.

— Pensei que eu tinha sido clara com você. Quando me perguntou se não tinha namorado, respondi que graças a Deus não, lembra?

Sim, eu me lembro, mas pensei que faria com que ela mudasse de ideia.

— E por que não podemos tentar? Você não é cega, sabe que estou querendo algo além de sexo, quero você completamente. — Consigo me aproximar e a puxo para os meus braços, envolvendo-a carinhosamente.

— Você é lindo, carinhoso, gostoso, tem quase tudo que um homem precisa ter para me conquistar, só não tem idade suficiente para isso. A sua idade fode a porra toda!

Então é isso, a maldita idade. Eu sei que ela tem um problema sério com a minha idade, só não sabia que chegaria ao ponto de atrapalhar os meus planos.

— Não sou tão jovem assim, tenho 32 anos e sou mais novo do que você apenas 11 anos, não é tanto tempo assim.

— Para um compromisso, é — Ela tenta se desvencilhar dos meus beijos. — É sério, Maurício, vamos ficar só na amizade colorida — Consigo beijá-la, ela até

aceita, mas logo depois se afasta, no entanto, continua nos meus braços. — Não nego que você me perturba, principalmente depois da noite de ontem, mas...

— Mas o quê? — Beijo o seu pescoço, seu queixo, sua orelha — Mas você me quer, quer tentar algo mais intenso, assim como eu. Intenso do tamanho do meu desejo por você, do jeito que a quero para mim, é isso?

Minha voz soa doce como o mel, marcante, provocante, intensa. Os meus beijos e carícias estão deixando-a fora do controle, quero tornar difícil a sua concentração, para que ela não possa encontrar uma resposta negativa.

— Maurício, você é impossível! Ok, ok, podemos tentar, mas sem afoitamento, sem compromisso, vamos nos divertir e ver no que isso vai dar, ok? Só não me pressione, não tente mudar a minha cabeça, e para começar, me deixe ir, eu prometo que amanhã ligo para você e podemos sair novamente, certo?

Vejo o brilho sincero nos seus olhos lindos. Ela tenta se soltar, enquanto eu tento ler a expressão do seu rosto, o que ele me diz quando me encara.

Inclino a cabeça para beijá-la, e desta vez ela permite que eu me aproxime.

Beijo-a com paixão, mostro através do meu beijo o quanto eu a quero, e ela se entrega completamente, o coração batendo descompassadamente contra o meu peito. Quando finalmente separo sua boca da minha, ela me encara com um olhar satisfeito e lindo.

— Preciso ir... o Uber está me esperando. — Ela se afasta do meu corpo.

Pego-a pela mão, impedindo-a de partir. Meu coração dispara novamente.

— Durma comigo. — Digo, quase suplicando.

— Hoje não, preciso me acostumar primeiro. — Eleonora responde com uma voz quase sussurrada. Eu sei que ela quer ficar.

—Então vou levá-la para casa, não me negue isso, preciso deixar a minha mulher em casa e em segurança.

Falo com voz macia e muito sedutora. Eleonora sorri, não resistindo à minha súplica. Sei que a deixei atordoada.

— Hoje não, mas eu prometo que amanhã deixo, agora preciso ir, dorme bem e sonha comigo.

Antes mesmo de abrir a boca para contradizê-la, ela sai às pressas do quarto, eu só escuto a porta da frente do apartamento bater com força.

Dormir bem, talvez eu não consiga, mas sonhar com ela, sonhar com a nossa primeira noite de amor, com isso com certeza sonharei. E se ela pensa que vou desistir de tê-la como minha, ela está muito enganada. Eleonora logo estará completamente apaixonada por mim... Se ela já não estiver.



Capítulo 5

É incrível o quanto a nossa vida pode mudar em apenas algumas semanas. A resistência da Eleonora em ficar comigo foi quebrada no nosso terceiro encontro. Ela aceitou dormir no meu apartamento, e não ficamos por aí, passamos o final de semana juntos e quase não saímos do quarto, pois nos damos muito bem na cama. Apesar de parecer dominadora, com as suas atitudes defensivas e autoritárias, na cama e fora dela, quando está comigo, ela é passiva, obediente e

muito amorosa, não parece em nada com aquela mulher impenetrável, orgulhosa e distante.

Eleonora é bastante carinhosa e se entrega completamente. Às vezes, eu acho até que está apaixonada, pois quando estamos sozinhos ela faz questão de ficarmos colados, e se alguma mulher olha na minha direção, ela sempre dá um jeito de mostrar a quem eu pertenço. Confesso que estou amando suas discretas cenas de ciúmes. Ela não quer admitir, mas o Lafaiete aqui fisgou direitinho o seu distante e frio coração.

No casamento do meu irmão Matheus, ela foi um pouco resistente, não quis que eu a apresentasse à minha família como minha namorada. Ela ficou distante, e vez ou outra nos encontrávamos em algum canto e deixávamos extravasar o nosso desejo. É claro que fiquei um pouco decepcionado, pois eu queria que todos soubessem sobre ela, mas entendi os seus argumentos e medos.

Por ela ser a psiquiatra da Lana e da Alexia, era melhor deixar só no profissional, ao menos por enquanto, pois quando o Marcos me contou sobre uma conversa que os dois tiveram no hospital, a filha da mãe disse para o Marcos que estávamos apenas nos divertindo quando ele perguntou se estávamos namorando, fiquei fulo com ela, mas resolvi deixar quieto, uma hora terei uma oportunidade para expor a minha indignação e ela saberá o porquê dos Lafaiete terem a fama de intensos e possessivos.

— Senhor Maurício — Glória, minha secretária está quase gritando o meu nome. Volto meu olhar de repreensão para ela. — Desculpe, mas já tem quase cinco minutos que estou lhe chamando. Atenda o celular, a doutora Eleonora está tentando falar com o senhor há alguns minutos.

Desesperado, eu procuro pelo aparelho, tenho o costume de deixá-lo em qualquer lugar, pois odeio telefones. O que puder fazer para mantê-los bem distante de mim, eu faço.

— Está na sua gaveta à esquerda, senhor Maurício. — Glória me olha com censura, como se dissesse: esse homem é maluco, tem um celular de última geração e o esconde, como se fosse um vírus perigoso.

— Obrigado, Glória. Pode ir. — Faço um gesto com a mão, mandando-a embora. Ligo para Eleonora, e logo no primeiro toque ela atende. — Oi, meu amor, me desculpe, o meu celular estava no silencioso e jogado no fundo da

gaveta, você sabe...

— *Quer almoçar comigo?* — Ela me interrompe. Ultimamente sou surpreendido desta forma, ela exige a minha companhia. Antes era eu quem a procurava, que exigia vê-la. — *Estou com saudade, quero beijar e abraçar você, sentir o seu cheirinho gostoso.*

— Estou indo, em trinta minutos estarei aí, quer almoçar onde?

— *Aqui mesmo, no restaurante do hospital. A minha próxima paciente será em uma hora, portanto, não demore! Beijos.* — Ela desliga, sem esperar que eu me despeça.

Ela é assim, objetiva e direta. Quando quer algo, pega e pronto. Bem parecida comigo.

Encontro com a Eleonora logo na entrada do hospital.

— Vem aqui... — Ela me puxa para um canto bem discreto, onde não há movimento de pessoas. — Nossa, você está tão sexy nesse terno. — Sua boca rouba a minha em um beijo ousado. A devassidão do seu corpo se esfregando no meu me deixa de pau duro imediatamente. — Humm, esse seu cheiro me deixa louca — Ela diz sem soltar a minha boca, mas logo depois se afasta e me olha com tesão. — Juro, senhor Lafaiete, que se a Alexia não fosse a minha próxima paciente, cancelaria a consulta e nós iríamos direto para a minha casa, pois eu quero ser a sua sobremesa... — Desta vez sou eu quem a agarro e a beijo com luxúria.

Minhas mãos já estão por baixo da sua saia.

— Sem calcinha! — Exclamo, completamente louco. — Eleonora, não faça mais isso, não quero a minha mulher sem calcinha por aí. — Falo seriamente, olhando-a com repreensão. — Mas, já que você está sem, vem cá!

Olho para todos os lados e a puxo pela mão até um corredor onde estão alguns materiais de limpeza. Jogo-a na parede com força e seguro os seus cabelos fortemente, inclinando sua cabeça um pouco para trás, fitando-a com um olhar carregado de tesão.

— Já que quer me provocar, vai pagar caro por isso. A sua boceta é minha e só

fica sem proteção quando eu mandar, portanto, agora terei minha

recompensa por seu atrevimento.

Ela respira com dificuldade, por conta da força do meu tesão e do dela, atravessando as suas próprias barreiras da cautela. Agacho-me e suspendo sua saia, mergulhando minha boca na sua boceta molhada e peladinha.

— Abra as pernas, Eleonora! — Ordeno, com a voz dura. Ela espalha as pernas o quanto pode. — Isso, assim. — Chupo aquela tentação com toda a força, varrendo com a minha língua todo o seu caldo. Eleonora se contorce, empurra minha cabeça com força.

— Seu sacana! Você me deixa louca, humm... — Ela me bate e puxa os meus cabelos, e eu mordo os seus lábios vaginais. — Sacana, filho da mãe...

— Ela delira e eu enlouqueço. — Foda-me, que se dane, foda-me Maumau...

Enterro dois dedos na sua abertura e a fodo. Quando ergo o olhar para o seu rosto, percebo que ela me encara, mordendo o lábio. Seu olhar é faminto e de tesão, quase me faz gozar, e quando giro o meu dedo dentro dela, Eleonora solta um grito abafado de prazer. Ela quase cai, se eu não fosse rápido, segurando-a pela bunda, ela teria caído de joelhos.

— Louco, louco, eu só queria alguns amassos, não um orgasmo alucinante. — Ela diz, enquanto me levanto e uno minha boca na sua, beijando-a com desespero.

— Quem mandou me desafiar? Da próxima vez farei você chupar o meu pau, e depois foderei você de costas. Não interessa onde estivermos, darei um jeito de lhe dar uma lição. — Enquanto a ameaço duramente, seguro o seu queixo com a palma da minha mão. — Duvida, Eleonora? — Sustento meu olhar no dela.

Eleonora engole em seco, percorrendo com o olhar todo o meu rosto.

— Não, senhor Lafaiete. Do senhor eu espero tudo, e não vejo a hora de

desafiá-lo. — Ela sorri com lascívia.

— Safada, minha mulher é uma safada! — Beijo-a com mais força. —

Acho melhor irmos, ou a foderei aqui mesmo e adeus ao nosso almoço.

O almoço foi rápido, entretanto, eu fiquei os quarenta e cinco minutos ao lado dela de pau duro. Quando ela quer me provocar, faz isso direitinho, pois durante a nossa refeição, ela passou o tempo todo massageando meu pau por cima da minha calça. Graças a Deus estávamos em uma mesa bem escondida em um canto, onde não havia ninguém para atrapalhar a minha masturbação.

Se me perguntarem o que almocei hoje, não saberei responder, mas posso simplificar: foi o almoço mais gostoso da semana.

Faltavam poucos minutos para a sua próxima paciente, então nos despedimos no restaurante mesmo.

— A que horas devo vir buscá-la? — Pergunto, pois, o carro da Eleonora está na oficina, então eu a trago e busco todos os dias.

— Às dezenove horas. Depois podemos passar no supermercado? Quero muito fazer aquele filé que você adora, para o nosso jantar. — Como dizer não para um rostinho tão lindo e tão foda?

— O que você não me pede que eu não faço, hein? — Ela se joga nos meus braços feito uma menina travessa, sorrindo na minha boca, roçando os seus seios no meu peito. — Eleonora, não me provoque. Eu posso jogá-la no banco de trás do carro e a foder... — Advirto-a.

— Senhor Lafaiete, se eu não tivesse uma paciente tão especial agora, eu juro que continuaria o provocando, só para ser fodida no banco de trás do seu carro. Se esse banco falasse, nós estaríamos *fritinhos*. — Bato na sua bunda com força. — Viu? É disso que eu estou falando, seu sacana.

— Safada — Bato no seu traseiro outra vez e mordo seu lábio, puxando-

o para mim. — Vá embora, Eleonora, ou não respondo por mim. Já estou com o pau doendo de tanto tesão, hoje à noite você me pagará por tudo isso.

— Afasto-a e mostro o tamanho da minha ereção.

— Que pauzão, Maumau! E é todo meu, humm — Ela passa a mão na frente da minha calça e meu pau pulsa. — Ele reconheceu a dona, viu? — Ela diz, rindo, e

eu a beijo. — Até mais tarde, senhor pauzudo.

— Vou mostrar o pauzudo essa noite, quando você estiver de quatro e eu metendo-o duramente na sua boceta apertada. — Entro no carro, ela se vira e vai embora, rebolando aquela bunda, provocando-me, deixando-me louco.

Ela tem sido um sonho mágico e perfeito. A Eleonora insegura com a idade, por ser mais velha do que eu, deu lugar a uma mulher segura de si, gostosa *pra cacete*, e sedutora como nenhuma outra mulher que cruzou o meu caminho até hoje. Os últimos dias foram os mais prazerosos e os mais reais vividos com ela ao meu lado, pois passo a maior parte do meu tempo livre, com ela. Durmo e acordo ao lado dela e estou vivendo mais no apartamento dela do que no meu.

As noites e as manhãs são as melhores. Ela adora fazer amor e eu adoro fazer amor com ela. Eleonora é submissa na cama e eu sou um dominador nato, então estamos nos dando super bem, sem esquecer que ela adora o meu jeito mandão de ser, adora meu temperamento possessivo e controlador. É o mau – ou o bem – de todos os Lafaiete.



Capítulo 6

À s dezenove horas, já estou no estacionamento do hospital, esperando por ela. Eu sei que a Eleonora teve problemas com a Alexia. Ela é a moça que foi resgatada junto com minha cunhada Lana. Muitos a chamam de “moça gato”, pois se comporta literalmente como um bichano. A Eleonora me avisou, quando estávamos almoçando, que a sua paciente da tarde era a Alexia, e um pouco antes das quatro da tarde, Marcos, meu irmão, também me ligou.

Ele estava aborrecido e preocupado. Queira conversar com alguém, então me contou que a “moça gato” não estava melhorando, que o seu quadro clínico continuava o mesmo, e hoje, depois da sessão de terapia, ela havia piorado, pois ficou muito agressiva. Não quero afirmar nada, mas desconfio que o Marcos está apegado à essa moça mais do que deveria estar. Com tantas mulheres se arrastando aos pés dele, ele foi se interessar justamente por uma mulher completamente danificada. Eu só espero que ele caia em si e se afaste dela enquanto é tempo, ou enquanto ele não se apaixonar, porque quando um Lafaiete se apaixona é para sempre, não tem volta.

— Demorei, não foi? — Ela me beija, e eu abro a porta do carro para que ela entre. — Desculpa, Maurício. Hoje foi uma tarde do cão, e estou até agora com um sentimento de culpa, não sei explicar, mas gosto muito da Alexia, e vê-la naquele estado catatônico me angustia.

— Não se culpe, meu amor. Você está fazendo o que pode por ela, não fique assim. — Seguro a sua mão e a beijo, depois ligo o carro e saio do estacionamento.

— A propósito, não vamos mais para o supermercado. — Olho para ela rapidamente. — Hoje é o aniversário de uma amiga e ela me intimou a ir, será naquele barzinho que fomos na semana passada. Você se importa de ir comigo?

— Claro que não, ao contrário, ficaria chateado se não fosse. Não quero minha mulher sozinha em um barzinho cheio de marmanjos. — Recebo um tapa no braço.

— Deixe de bobagens, eu sou bem grandinha para cuidar de mim, com você ou sem você, não fará diferença. Se eu tiver que trai-lo ou você me trair, o fato de estarmos juntos não atrapalhará.

Quase paro o carro para agarrá-la bruscamente, para lhe dizer umas boas verdades. Eu jamais a trairia, jamais teria uma aventura de uma noite.

Enquanto estivermos juntos, só ela me importa, ninguém mais. Se por acaso ela ousar me trair, estará tudo acabado entre nós no momento em que eu descobrir. Sou o tipo de homem que é fiel e exijo o mesmo da minha parceira, se ela olhar para outro homem é porque não estou sendo o suficiente para ela, então, é melhor deixá-la livre, e o mesmo eu faço se por acaso me interessar por outra.

— Maurício, por que ficou calado? — Continuo calado, remoendo a minha raiva. — Maurício, não estou sendo fria, nem insensível, o que eu disse é a pura verdade. Você é jovem e lindo, e eu sei que cedo ou tarde vai aparecer uma linda moça mais jovem do que você e te fará tremer nas bases.

Eu sei que o seu sonho é se casar e construir uma família.

Nem espero chegar ao prédio que ela mora, ligo a seta e encosto o carro,



depois olho para ela, contendo a minha raiva.

— Sim, Eleonora, eu quero muito me casar e ter uma família, e quero tudo isso com você. Que se foda a sua idade, que se foda se você se acha velha demais para mim. Você tem tudo o que eu preciso e o que sempre procurei em uma mulher...

— Até as minhas primeiras rugas surgirem. — Ela me interrompe —

Seu interesse por mim acabará quando eu estiver toda enrugada, você terá vergonha de mim. Acorde, Maurício! Eu tenho quarenta e três anos e você trinta e dois, acha mesmo que vai me desejar do mesmo jeito, daqui a vinte anos? Claro que não, portanto, esqueça essa conversa de compromisso, tampouco casamento, isso não vai rolar mesmo, vamos no divertir enquanto podemos, ok?

Paro e penso. Quando a Eleonora começa com o assunto idade, ela fica resistente demais e acabamos brigando, o melhor a fazer é me fingir de morto, deixar que o medo dela se esvaia aos poucos. Eu sei que logo ela vai entender que a amo de verdade e que comigo não tem isso de trocá-la por uma mulher mais jovem. Ela

só precisa de um tempo para entender que quando um Lafaiete escolhe uma mulher, ela será dele, e ele dela para a vida toda.

Engulo minha raiva, ligo o carro e sigo para o nosso destino.

Ao chegarmos em casa, mal nos falamos. Ela vai para um banheiro e eu para o outro. Para me provocar, ela resolveu usar um vestido curto e decotado, pois Eleonora sabe o quanto sou ciumento. Não me importo que vista roupas sensuais, mas não tão sensuais assim, e sei que ela só se vestiu desta forma para me atingir.

Durante o trajeto até o barzinho, nós não trocamos uma só palavra. Estou lutando contra o sentimento de posse que me domina, pois já imagino vários homens olhando para ela com desejo no olhar, imaginando-a nua e a possuindo de todas as formas imagináveis. Esse pensamento faz com que eu bata no volante do carro involuntariamente e xingue alto.

— Porra! — Ela vira o rosto, olhando-me assustada. — Eleonora, acho melhor deixá-la no barzinho e depois voltar para buscá-la. Não estou no clima para festa. — Digo secamente.

— Deixe de ser criança, Maurício! A noite está linda, vamos nos divertir e pronto. — Ela vira o rosto para o lado contrário, fingindo apreciar a rua iluminada.

Divertir?! Como vou me divertir com esse clima tenso entre nós? Ela só pode estar brincando.

Estaciono o carro e a ajudo a sair. Ela ajeita o vestido, puxando a barra para baixo.

— Se você puxar mais um pouco para baixo, os seus seios vão saltar para fora. — Ela sabe que não estou satisfeito com a sua roupa.

— Ok, então vou deixar minha calcinha aparecer... Shhh, esqueci, estou sem calcinha...

Sacana, filha da mãe. Jogo-a de encontro ao carro e prendo o seu corpo junto ao meu. Seguro as suas mãos com uma das minhas, enquanto a outra segue para baixo, para o meio das suas coxas. Procuro o bendito tecido que cobre sua

boceta. Ele está lá. Ofegante, ela me olha com a cara mais cínica do mundo, sorrindo com deboche.

— Encontrou o que procurava, senhor Lafaiete? — Ela diz sorrindo, sem afastar os seus olhos dos meus.

— Eleonora, não me provoque. — Alerto-a, apalpando a sua boceta com a minha mão. — Não desperte meu lado dominante, ou eu juro que faço você se arrepender! — Torno a adverti-la.

— Estou morrendo de medo... — Ela lambe o meu rosto e roça a coxa na minha mão. — Estou de calcinha, mas sem sutiã. — Olho para o seu decote.

Realmente ela está sem. Seus seios saltam no decote apertado. Se o vestido descer mais um pouco, o mamilo escuro ficará evidente. Vou para o inferno e volto. Essa mulher quer provocar o leão faminto.

Aperto sua boceta com força, enquanto os meus olhos se fixam ferozmente nos dela.

— Quando chegarmos em casa, você me pagará por suas provocações.

— Puxo sua calcinha para o lado e empurro um dedo entre as suas dobras.

Ela respira fundo, expirando lentamente. Eu a solto e me afasto.

— Não vejo a hora de chegar em casa. — Ela passa por mim, ajeitando o vestido, puxando a barra e levantando o decote.

Dou-lhe uma palmada bem forte na bunda. Ela quase perde o equilíbrio, mas eu a seguro pela cintura.

— Seu sacana. — Eleonora resmunga bem próximo a mim.

Entramos no barzinho. Logo avisto uma mulher aparentando uns sessenta anos, que acena para Eleonora.

— Pensei que não viria. — A mulher chega até nós, beija a Eleonora nos dois lados do seu rosto e depois olha para mim, sorrindo. — Oi, e você, quem é?

— Este é o Maurício. — Eleonora não me deixa responder. — Maurício, esta é a Carmem, a aniversariante.

A mulher me puxa bruscamente, me beija e me aperta contra o seu corpo com certa audácia, roçando os seus seios no meu peito.

— Maurício, eu pedi para o papai do céu um presente, e acho que ele acabou de me mandar. — Seus olhos me avaliam de cima a baixo, parando na frente da minha calça.

— Carmem, deixe de ser oferecida! Você tem idade para ser a mãe dele, isso para não dizer avó. Vá caçar um homem um pouco mais velho do que o Maurício.

Eleonora afasta a Carmem do meu corpo e olha para ela seriamente.

Carmem sorri torto para mim e pisca um olho.

— Bonitão, vou ali, mas depois eu volto. Fiquem à vontade. — Ela sai sorrindo e rebolando.

— Desculpe o assédio da Carmem, deve ser a bebida. Geralmente ela não é assim. — Eleonora se afasta de mim quando três mulheres se aproximam.

Eu simplesmente observo, deixo-a bem à vontade, pois quero ver até onde ela vai.

— Ora, ora, nós pensamos que você não viria. Já falaram com a Carmem? Ela já está no quinto uísque, não sei como aguenta, ainda bem que ela está de folga por dois dias, já pensou se precisasse fazer uma cirurgia de urgência?

— Ela é cirurgiã? — Pergunto, surpreso.

— A melhor cirurgiã cardíaca de Salvador.

A mulher alta e loira responde. Até agora eu não sabia quem era quem, estou esperando que a Eleonora nos apresente.

— Oi, já que a Eleonora não nos apresenta, eu me apresento. Sou a Barbara, sou pediatra, esta é a Claudia, ginecologista, e a baixinha aqui é Luciana, psiquiatra.

Tive de conter o riso diante do atrevimento da moça, ela praticamente se jogou à frente da Eleonora.

— Prazer, Barbara, Claudia e Luciana — Digo, enquanto estendo a mão e as cumprimento, uma a uma, sorrindo.

A Barbara é atraente, sem nada de especial, ela tem um sorriso bonito, mas não me desperta nenhuma química. Claudia é uma morena muito bonita, tem lindos olhos verdes e um sorriso encantador. Já a Luciana é baixinha, deve medir um metro e meio, mais ou menos. Ela tem cabelos e olhos castanhos e é muito bonita, mas não sorri muito. Elas devem ter quase a mesma idade da Eleonora. A Luciana aparenta ser mais jovem, mas deve ser por causa do seu tamanho, ela parece uma bonequinha.

— E você, quem é? É médico também? — Luciana pergunta.

— Não, meu nome é Maurício, sou...

— Amigo — Eleonora me interrompe. — Maurício é um grande amigo meu.

Ela nem me olha, sabe que estou a encarando com censura. Minha vontade é desmenti-la, dizer que somos namorados, que estamos dormindo juntos, mas me calo.

— Humm — Claudia se aproxima. — Por acaso você é comprometido?

Porque nós não somos, e caso você esteja à procura de uma namorada, estamos à disposição, não se sinta acuado, você pode escolher.

Não consigo conter o meu riso. Essas mulheres realmente não têm papas na língua.

— Fico lisonjeado com a proposta, mas eu tenho namorada. — Elas se entreolham e caem na gargalhada.

— E onde está a sortuda? Por acaso é a Eleonora?

— Deixem o Maurício em paz, será que vocês não se enxergam? Desde quando um rapaz tão jovem e bonito vai se interessar por coroas como nós?

— Eleonora, respeito se você tem problema com a sua idade, mas nós não temos, e quem gosta de velho é cadeira de balanço, nós gostamos é dos novinhos, e o Maurício nem é tão novinho assim, para mim ele já é coroa. —

Barbara se defende das indiretas da Eleonora.

— Vocês são três mulheres lindas. Se eu não estivesse tão apaixonado, convidaria as três para sair, mas infelizmente já sou comprometido. — Olho para Eleonora, furioso. — E por falar nisso, eu preciso ir — Eleonora me encara, confusa. — Só vim trazer a Eleonora, ela está sem carro e me pediu este favor, mas preciso ir, minha namorada está me esperando. — Viro-me para a Eleonora e forço um sorriso. — Bem, se quiser que venha buscá-la é só me ligar, divirta-se! — Viro-me para as amigas da Eleonora. — Meninas, foi um prazer conhecê-las.

Viro as costas para Eleonora e sigo para o estacionamento. Para mim foi o bastante por uma noite. Ser apresentado como amigo ultrapassou o limite da minha paciência. Eu a amo, amo muito, mas quero, no mínimo, respeito.

Não sou um moleque, não sou qualquer um, e a Eleonora tem que entender isso.



Capítulo 7

S aio às pressas do barzinho, nem olho para trás. Estou tão furioso, tão possesso com a Eleonora, que nem a escuto me chamar. Já estou abrindo a porta do carro, quando ela puxa meu braço com força, forçando meu corpo a virar. Dou de cara com dois olhos castanhos brilhando de raiva.

Raiva, ela está com raiva? Eu sou o ofendido, não ela.

— O que pensa que está fazendo? Que absurdo é esse? Como ousa me deixar sozinha na festa? — É, ela está furiosa, só não sei com o quê.

— Estou indo encontrar a minha namorada, fui bastante claro lá dentro, você não escutou? — Ela ainda está segurando meu braço, por isso eu olho para sua mão. — Se me der licença, preciso ir, volte para a sua festa e para as suas amigas. — Retiro sua mão do meu braço e abro a porta do carro.

— Você não acha que está sendo infantil demais? Tudo isso só porque eu te apresentei como um amigo. — Com o corpo, ela impede que eu feche a porta do carro.

Ergo a cabeça e a fito com uma expressão de perplexidade.

— Infantil?! — Exclamo. — Acha mesmo que estou sendo infantil, Eleonora? Como você se sentiria se eu a apresentasse como uma amiga para os meus amigos? Ah, nem precisa falar, já sei a resposta... — Digo, com

sarcasmo. — Acharia normal, porque para você tudo é normal.

Ela se afasta um pouco, reagindo com indignação.

— Claro que acho tudo normal. Só não quis o apresentar como namorado para as minhas amigas para que elas não me chamassem de papa-anjo, pois era isso que aconteceria no dia seguinte. Elas podem se comportar assim, se atirando para cima de você, mas escondem seus relacionamentos pela mesma razão que a minha.

— Besteira! — Tento fechar a porta, já que ela a deixou livre.

— Maurício... — Eleonora segura a porta e me encara com uma sobrancelha erguida. — Não vá, fique. — Cerro o cenho levemente.

— Vai me apresentar como seu namorado?

— Não... — Ela faz uma pausa, pensativa. — Não hoje, em outra oportunidade. — Completa.

— Então não volto, mas você pode ficar, fique e aproveite a sua noite, quando quiser ir para casa é só me ligar.

Ela dá um passo à frente, segura a minha mão que está sobre a porta do carro, e eu prontamente me desvencilho dela.

— Maurício, vamos parar de brigar. — Fito-a. Eu a quero, eu a amo, e eu quero filhos com ela, uma casinha branca e a porra toda que vier com o pacote, só não sei como convencê-la a querer o mesmo.

Estou lutando uma batalha interna, ainda que por poucos segundos, então, eu me rendo. Meu amor é mais forte do que o meu orgulho ferido.

— Não volto para a festa, mas podemos voltar para casa juntos, abrir um vinho,

comer algo bem gostoso e depois fazer amor, o que acha? — Pisco para ela com um sorriso sacana nos lábios.

— Acho a ideia excelente, afinal, essa festa não seria a mesma sem você.

Saio do carro, fecho minha porta, seguro o seu braço e a conduzo até a porta do carona. Eleonora fica entre o carro e o meu corpo, de costas para mim, mas minhas mãos não permitem que ela abra a porta. Olho para os lados. O estacionamento está sem uma viva alma, a guarita do segurança fica um pouco distante, e a pouca luz não nos deixa ser vistos.

— Você me deixa louco, sabia? — Encosto o meu corpo no dela, pressionando-o, e murmuro no seu ouvido, cheirando o seu pescoço. —

Louco em todos os sentidos. — Mordo o lóbulo da sua orelha.

O desejo corre forte pelo meu ser. O meu corpo se encaixa perfeitamente na curva da sua bunda, a minha mão corre lentamente sobre as suas curvas sensuais, e eu toco os seus seios pontudos, deixando-os eriçados sob o tecido.

Eu puxo o decote do vestido tomara-que-caia para baixo, tomando um seio na minha mão, roçando a minha ereção contra suas costas.

— Maumau, o que você pensa em fazer, podemos ser presos, sabia? —

Ela respira fundo quando belisco o bico retesado do seu seio. — Humm, se vai me foder, fode logo, porque eu já estou pronta para recebê-lo. — Ela fala, excitada.

— Shhh, calada, quem manda aqui sou eu, e você só fala quando eu mandar. — Belisco o outro mamilo.

Eleonora se cala, seu corpo está em brasa, então, eu aproveito que ela está completamente entregue às minhas vontades e suspendo seu vestido, arrancando sua calcinha em um puxão. Eleonora adora calcinha de tirinhas finas de renda, isso facilita para que eu as rasgue sem machucá-la.

— Esta será a sua primeira lição da noite, começarei aqui e só terminarei quando chegarmos em casa. — Mordo a curva do seu pescoço.

Abro o meu zíper, deixando a minha ereção pulsante livre e solta. Meu pau está tão duro que temo não suportar o tamanho do meu tesão por ela, e assim, quando estiver dentro da sua boceta, goze só com uma estocada.

— Maumau...

— Shh, não lhe dei permissão para falar. — Belisco outra vez o seu mamilo com força, e ela ofega, abafando o grito de prazer. — Abra as pernas um pouco mais. — Falo com autoridade. Ela obedece.

Pego minha ereção e coloco-a entre as bandas da sua bunda. Começo a friccioná-la, para frente e para trás, lentamente.

— Por Deus! — Ela empina a bunda, ajudando meu pau a escorregar mais fundo.

— Afaste as pernas, Eleonora, e pare de falar! — Ordeno.

Assim que as suas pernas se abrem, escorrego meu pau na sua vagina.

Seguro-a pela garganta, mantendo-a imobilizada, e soco meu pau com firmeza na sua boceta molhada.

— Está gostando, não é, sacana? Você adora foder perigosamente.

Rebole essa bunda linda, faça meu pau ir mais fundo na minha boceta gostosa. — Mordo sua orelha e intensifico as estocadas.

Eleonora começa a gemer baixinho, contorce o corpo e estende os braços para trás para segurar meus quadris. Ela está próxima ao clímax, então eu retiro o meu pênis da sua boceta, guardo-o dentro da calça, e me afasto. Ela se vira de frente, olhando-me surpresa e ofegante.

— Você está de sacanagem comigo, não é? Vai me deixar assim?

— Vou. — Afasto-a da porta e abro-a. — Entre, em casa conversamos.

— Não, senhor, em casa uma porra! Você vai terminar o que começou

agora! — Ela me olha fixamente, aguardando uma resposta.

— Não. E se reclamar muito, não sei se vou terminar o que comecei aqui, agora entre. — Ela bufa de raiva, mas entra no carro, me xingando de alguns nomes feios.

Assumo o volante, mas antes, inclino-me até ela e a beijo, puxando-a de encontro ao meu corpo, com um braço em volta das suas costas e o outro segurando a sua nuca. Eleonora puxa o ar, atônita, e eu aproveito para aprofundar o beijo. Ela agarra os dois lados do meu rosto, retribuindo o beijo com o mesmo fogo. Aproveito e pego uma das suas mãos e levo para frente da minha calça.

— É assim que você me deixa, Eleonora. Você enlouquece as minhas duas cabeças. — Digo, sem me afastar da sua boca.

Relutante, afasto-me, deixando-a boquiaberta e com a respiração ofegante. Ligo o carro, pois estou com pressa de chegar em casa, temos assuntos pendentes para resolver.



Capítulo 8

C hegamos ao apartamento da Eleonora, e antes que eu pudesse puxar uma respiração, ela pulou no meu pescoço, invadindo a minha boca com a sua língua, quente e sedutora. Suas mãos desabotoaram minha camisa com desespero, e quando percebi, já estava sem ela e as suas mãos já estavam no cinto da minha calça. Ela é rápida! Mal engulo a saliva e uma das suas mãos já está dentro da minha cueca, acariciando meu pênis traidor, duro e pulsante.

— Eleonora... — Ela não quer largar a minha boca. Chupa a minha língua e aperta o meu pênis entre os seus dedos. — Eleonora... — Seguro os seus braços e tento me afastar — Eleonora... — Ela me puxa de volta, sua boca faminta continua com o beijo lascivo. — Eleonora.... precisamos conversar. — Afasto-me da sua boca, e ela me encara com um olhar atordoado.

— Conversar!? Conversamos depois, agora eu quero foder você com a minha boca. — Ela tenta, sem sucesso, me seduzir outra vez.

— Parou! — Digo exasperadamente, olhando-a com impaciência. —

Quer prestar atenção no que quero lhe dizer? — Articulo com firmeza.

— Maumau, deixa de ser chato, eu estou cheia de tesão, o meu desejo por você está vazando por todos os poros. Primeiro fodemos, depois conversamos.

Ela vem outra vez na minha direção, com aquele olhar faminto, persuasivo e extremamente sedutor.

— Quer me escutar, Eleonora Miranda? — Esbravejo, fixando o meu olhar irritado no seu rosto.

Apoio as palmas das minhas mãos nos seus ombros. Ela demonstra insatisfação e reage à minha advertência virando o rosto, cortando o nosso contato visual. Seguro o seu queixo, forçando-a a me encarar.

— Posso falar? Você vai me escutar?

— Quer uma DR antes do sexo, então vamos lá, só não garanto que depois eu esteja com a mesma vontade que estou agora. Pode começar, sou toda ouvidos. — Ela cruza os braços na altura dos seios e faz um bico de desagrado.

Nos sentamos no estofado, ela vira o corpo de frente para mim.

— Eleonora, pare de fingir que não sente nada por mim, pare de dizer para as pessoas que estamos só nos divertindo.

— Hei, pode parar! Quem disse isso? — Ela me interrompe rapidamente. Quase solto uma gargalhada, ela sabe que anda dizendo isso para qualquer um que pergunta sobre nós, principalmente para os meus irmãos.

— Cinismo não é o seu forte, Eleonora. O Marcos me contou sobre a última conversa que tiveram, e ele foi bem detalhista: *"Não estamos namorando, estamos nos divertindo"* . Não foi isso que você disse ao Marcos?

— Você sabe que eu não gosto de rótulos: namoro, casamento... Isso são apenas palavras, para mim não importam...

— Mas para mim importa — Eu a interrompo — Gosto de rótulos, sou possessivo demais para não me importar. Você é minha namorada, pelo

menos enquanto estivermos juntos, e eu sou o seu namorado. Já chega, não quero mais essa brincadeira de esconde-esconde! — Sou enérgico, até mesmo duro nas palavras.

— Você não se importa comigo mesmo. Não quero que me chamem de papa-anjo, porque é disso que vão me chamar quando souberem que estamos namorando.

— As pessoas já sabem, Eleonora, e eu não vi ninguém te chamando de papa-anjo. Se isso acontecer, deixe que eu cuido disso, eu já tenho a resposta certa na ponta da língua.

— E qual é?

— Mando a pessoa se foder e procurar o que fazer. — Ela não expressa satisfação com a minha resposta, por isso resolvo ser franco mais uma vez com ela: — Eleonora, só quero que você seja feliz ao meu lado, sem medos e sem obstáculos. Sei que, às vezes, sou exagerado demais, protetor demais, possessivo demais, mas é o mal dos Lafaiete, somos assim com tudo o que amamos, e eu a amo demais para não ligar, para não me preocupar. Só aceite o meu amor, só me aceite, eu não ligo para a porra da sua idade, para a porra das suas rugas, que ainda demorarão uma eternidade para chegar, e quando elas chegarem, eu juro que pinto os meus cabelos de branco e deixo a minha barba crescer, e se quiser,

deixo a minha barriga crescer também, combinado?

— Você existe mesmo? — Consigo fazê-la sorrir. — Já escutei muita história sobre os Lafaiete, principalmente sobre você...

— Sobre mim?! — Interrompo-a. — Espero que sejam boas. — Digo, enquanto seguro sua mão e a levo até a minha perna.

— Bem, o senhor tem um gosto para mulheres mais velhas, eu acho que se apaixona pela idade errada. Se o seu interesse fosse por jovens e mulheres

mais novas do que você, já teria se casado e estaria com uns cinco filhos, no entanto, para o seu azar, as mulheres que escolhe não querem casamentos, tampouco filhos.

— É o seu caso? Porque se for, eu tenho certeza de que logo mudará de ideia. — Afirmo.

— Maurício, as mulheres que eu conheço e que se envolveram com você me disseram que você é homem para casar — solto uma gargalhada — É

sério, elas fugiram de você por esse motivo.

— Então, você fugirá de mim também? — Indago, olhando-a fixamente.

— Não quer se casar, ter uma família? Porque eu quero, e você será a minha esposa e a mãe dos meus filhos, ou mudarei meu sobrenome.

— Eu... eu não sei, nunca pensei sobre isso. Você me passa segurança, mas ao mesmo tempo, eu tenho medo que, lá na frente, você me troque por outra mais nova. Os homens sempre fazem isso, sempre trocam suas esposas por ninfetas, nem se importam se vão ferir quem está à sua volta...

Ela baixa o olhar, fica triste, penso até que vai chorar. Certamente algo vem à tona em sua memória, algo muito dolorido, uma lembrança que ela guarda consigo e que eu sei que a faz sofrer muito. Será que algum antigo parceiro dela trocou-a por uma mulher mais nova? Será que é por isso que ela tem essa resistência em se envolver?

— Quem te magoou, Eleonora? Quem te fez sofrer tanto assim?

— Não quero falar sobre isso, você pode respeitar a minha decisão? Um dia, talvez, eu posso contar, mas hoje não.

— Ok, quando estiver pronta para conversar estarei aqui para você. —

Levo a sua mão que está na minha perna até os meus lábios e os pressiono sobre a pele macia. — Então, como ficamos? — Pergunto, sem deixar de

acariciar sua mão com os meus lábios.

— Senhor Lafaiete, vamos devagar e por etapas. Primeiro o namoro, só depois de algum tempo, quando eu me sentir segura, podemos pensar na palavra casamento. Se você concordar com isso, pode espalhar para todos os cantos que estamos namorando.

Eu a puxo para mim e seguro-a apertado, enquanto olho para os seus olhos castanhos.

— Namorada, você está me fazendo o homem mais feliz do mundo.

— Estou, jura? Só por isso? Nossa! Como você é fácil de agradar.

— Sim, eu sou, namorada. Se antes eu já era completamente louco por você, agora sou a porra do homem mais enlouquecido da face da terra.

— Senhor Lafaiete, não fale a palavra louco, você esqueceu que eu sou psiquiatra? Posso mandar interná-lo. — Ela sorri e me beija levemente nos lábios — Fico imaginando se um dia você me convencerá a casar ...

— Será a felicidade suprema, não pedirei mais nada a Deus, pois já terei tudo. Acho que você nem imagina o quanto a amo, Eleonora.

— Meu medo é que esse amor acabe, que eu fique sozinha e infeliz. A infelicidade é a pior dor que um ser humano pode sentir, senhor Lafaiete.

— Se depender de mim, você sempre será feliz, namorada.

Selo a nossa conversa com um beijo carregado de promessas e desejo.

Hoje será a nossa primeira noite como namorados oficiais, e farei com que a

Eleonora nunca se esqueça dela.



Capítulo 9

E assim, com nossos corpos colados e com as nossas bocas possuídas por um beijo devasso, suspendo seus pés do chão com a força dos meus braços e a levo para o quarto. A cada passo que damos, ela se funde a mim.

— Namorada, nós temos leite condensado? — Pergunto, e ela se afasta um pouco, fitando-me com uma ruga na testa. — O que foi? Não comemos nada até agora, e eu quero pular para a sobremesa, posso? — Dou um sorriso safado, cheio de segundas intenções.

— Senhor Lafaiete, o que pensa em fazer com uma caixa de leite condensado?

— Coisas deliciosas, e uma delas é saboreá-lo. Eu sei que você gosta, e aí, temos ou não leite condensado? —Insisto, meus lábios ao lado da sua orelha, com uma voz profunda e dominante, enquanto eu a seguro.

— No armário de cima, à sua esquerda, assim que entrar na cozinha.

Dou-lhe uma risada lúbrica e um olhar penetrante, fixando meu olhar nos seus lindos olhos castanhos, imaginando o que faria com ela em poucos minutos, e este pensamento faz minha ereção se manifestar, já estou tão duro que dói.

— Fique nua, namorada, já volto. — Bato na sua bunda com a palma da

minha mão. Antes de sair, dou-lhe uma última olhada, para vê-la deixar o vestido cair aos seus pés.

Seios nus, cinta-liga, meias pretas e sua boceta nua. Esta imagem me deixa completamente enlouquecido.

— Nua, eu disse nuazinha... — Viro-me em direção à porta e deixo-a retirando as meias e a cinta-liga sensualmente, ela adora me provocar.

Abro o armário e logo encontro a caixa de leite condensado. Abro-a, aproveito e pego uma jarra de água gelada e algumas pedras de gelo. Antes de entrar no quarto, dispo-me, fico nuzinho e de cacete armado, literalmente.

Meu pau está tão ereto que está envergado para cima, com a cabeça brilhando com a umidade gelatinosa que já escorre da sua pequena abertura.

— Cara, hoje você ficará todo melado. — Meus lábios se abrem em um sorriso sacana.

Ao abrir a porta do quarto, encontro Eleonora com uma cara safada e um sorriso debochado nos lábios, já deitada na cama.

— Pronto, podemos começar a nossa diversão. — Ela ri, enquanto observa as coisas que eu trago nas mãos.

— Você falava sério quanto ao leite condensado! A água e o gelo são para quê?

— Sempre falo sério. Quanto ao restante das coisas — Aponto com o olhar para a jarra de água com gelo. —, depende da nossa vontade.

Seus olhos ávidos percorrem o meu corpo, até chegarem na altura das minhas coxas, fixando o olhar na minha avantajada ereção.

— Senhor Lafaiete, o meu amigão está muito animado, posso jurar que ele está

babando. — Seguro meu pau, que está muito animado, e o masturbo, escorregando a minha mão para cima e para baixo.

— Já imagino sua boca nele, hummm! — Lambo os lábios.

Sento-me na cama e deixo a jarra na mesinha de cabeceira. O leite condensado fica na cama.

— Então, posso lambuzá-lo? — Eleonora se aproxima, estende a mão para a caixa, escorregando o dedo no interior, puxando um pouco do doce e o levando à boca. — Seu pau já é gostoso, mas com cobertura, ficará uma loucura! — Ela chupa o dedo e me encara lascivamente.

— Meu pau? Não, namorada, esse leite é para você. — Pego a caixa das suas mãos e a deito de costas em um piscar de olhos. Eleonora solta um grito de susto. Viro a caixa de ponta-cabeça e aperto. O leite condensado escorre entre os seus seios.

— Nossa, que delícia de peitos, com cobertura de leite condensado. —

Murmuro, já mergulhando meu rosto entre os seus seios, deixando minha língua saborear todo o seu contorno glorioso.

Fecho a boca no contorno do mamilo e chupo-o, trincando os dentes no bico pontudo. — Delícia, vou me fartar de peitos, opa! Digo, de leite condensado. — Passo para o outro seio e dou-lhe o mesmo tratamento. —

Namorada, você está toda melecada, pelo menos é de doce... — Ela pega a minha mão e a espalma na sua pegajosa boceta.

— Acho que esse leite é o seu favorito, não é? — Ela articula, olhando-me com uma carinha safada.

— Sim, só que hoje a quero com uma cobertura extra. — Raspo dois dedos entre suas dobras. — Caralho! Namorada toda molhadinha. —

Empurro-os na sua abertura e a fodo com força, ela solta um gemido prazeroso e eu sibilo de tesão. — Vamos pôr mais sabor nisso aqui.

Retiro meus dedos da sua boceta e dou-lhe um tapa, e antes que ela

possa tomar fôlego, abro suas coxas e aperto a caixa de leite condensado, melando todo o seu sexo.

— Agora, sim, está do jeito que eu quero. — Admiro sua boceta toda meladinha de doce. Rapidamente baixo a boca nos seus grandes lábios e passo a língua em todos os lugares imagináveis, principalmente no seu clitóris, chupando-o com desespero. — Gostoso demais, eu ficaria aqui para sempre.

Murmuro, lambendo-a com rapidez, ao mesmo tempo em que eu a fodo com meus dedos outra vez. Eleonora se desespera e aperta minha cabeça com força no meio das suas pernas. Ela geme, grita e se contorce.

— Mais rápido, Maumau... mais rápido, por favor. — Eleonora implora, arqueando os quadris.

— Calma, meu amor, agora não, vamos brincar mais um pouquinho. —

Ela me olha, aturdida, sustentando o corpo com cotovelos.

— Você está de sacanagem! — ela diz, ofegante.

— Não, não estou. Nós precisamos limpar o que a minha língua não conseguiu. — Digo, com uma voz carregada de devassidão.

Pego uma pedra de gelo e passo nas suas dobras, fazendo um caminho de vai e vem.

— Por Deus! Senhor Lafaiete, desse jeito você me mata! — Ela arqueia o corpo com força, gritando o seu desespero.

— Só se for de prazer, namorada. — Deixo o gelo na sua abertura vaginal, apertando-o como se fosse penetrá-lo.

— Mau... mau, vou gozar... — ela aperta as mãos no forro da cama.

— Comigo, faremos isso juntos. — Deixo o gelo na sua vagina, pego

meu pau e o esfrego lentamente na sua entrada, provocando-a. — Estou duro, muito duro, namorada. — coloco o gelo no seu clitóris e a penetro rapidamente.

Inclino-me sobre o seu corpo e começo a mordiscar seus mamilos, enquanto soco meu pau com força na sua boceta molhada. Eleonora puxa minha cabeça contra o seu seio.

— Mais forte, Maumau, com mais força! Devore-me inteirinha. — Ela se move, rebolando, enquanto aumento o ritmo do vai e vem. — Foda-me, meu namorado, foda-me com força, como só você sabe fazer.

Ela me chamou de namorado, eu quase choro, quase grito de emoção. Eu me afundo todo nela, marcando-a lá dentro, deixando-a dolorida. Ela grita e me olha com satisfação.

— Minha. — O Lafaiete possessivo vem à tona — Minha, só minha.

Beijo-a, devorando os seus lábios com fome e prazer. Chupo a sua língua, selando a minha dominação.

— Sim. — Ela não solta a minha boca, continua me beijando. — Sua, senhor Lafaiete, toda sua.

Nosso orgasmo vem como chamas devoradoras, queimando-nos de dentro para fora. Não posso descrever, pois nunca senti algo tão poderoso.

Nossos corpos parecem dançar no mesmo ritmo, os meus espasmos e urros se confundem com os gemidos dela, assim como os gritos orgásticos que saem da sua garganta. Foi bom demais.

Cansados, acabados, lambuzados, caminhamos para o banheiro, tomamos banho rapidamente e caímos na cama abraçadinhos, satisfeitos e felizes, eu muito mais do que ela, pois agora somos namorados, e muito em breve, marido e mulher.



Capítulo 10

A cabamos de fazer amor e estamos nos arrumando para ir trabalhar.

Depois que a Eleonora aceitou assumir o nosso namoro, ela está mais amorosa e entregue, acho até que está apaixonada por mim, só não quer admitir, é orgulhosa demais para aceitar isso. Mesmo depois de alguns meses ela ainda se preocupa com a nossa diferença de idade, e às vezes ainda discutimos sobre isso.

Nossa última discussão foi há uma semana, notei que ela estava irritada, resmungando, pensei até que estava com TPM, pois ela sempre fica com os nervos à flor da pele quando faltam alguns dias para menstruar.

Mas não era TPM, ela começou a nos visualizar daqui a dez anos.

Eleonora estará com cinquenta e três anos, então, ela começou a chorar, dizendo que assim que eu conhecesse uma mulher dez anos mais nova, eu iria deixá-la para ficar com ela. Discutimos feio, fiquei irritado, pois, por mais que eu faça, por mais que eu demonstre o quanto eu a amo, ela sempre acha que vou abandoná-la por uma outra mulher mais nova.

Dei um basta na situação, dizendo-lhe com firmeza que já estava cansado das suas inseguranças, e concluí dizendo que o amor que sinto por ela é maior do que qualquer ruga ou cabelos brancos que possam surgir na vida dela. Ela finalmente se calou e, desde então, nunca mais tocamos no

assunto idade.

— Meu amor, já decidiu para onde vamos neste final de semana? —

Pergunto, já que estamos querendo viajar, mas ainda temos dúvida se vamos para o interior ou litoral.

— Não tive cabeça ainda, senhor Lafaiete. Estou atolada nos relatórios da liberação da Alexia. Seu irmão Marcos já me ligou umas cinquenta vezes, perguntando se está tudo "*ok*" para a alta dela.

— Então deixe que eu resolvo isso. Se preocupe apenas com a Alexia.

Depois que o Marcos assumiu que está apaixonado, ficou um pé no saco, o homem é um poço de cuidados, ele também está no meu pé, estou responsável pela decoração do apartamento, e ele é bem exigente.

Finalmente meu irmão se convenceu de que está apaixonado, apesar de achar que é uma loucura ele se envolver com uma moça completamente danificada. Nem sabemos se algum dia a Alexia será uma mulher normal, depois de todos os abusos que ela sofreu, é improvável que isso aconteça. Se fosse outro homem, talvez ele não se envolvesse, mas o Marcos é um Lafaiete, e os Lafaiete não desistem nunca dos seus amores, pois para nós, amar é para sempre, não importa o quanto seja complicado, não desistimos nunca.

— Eu sei que você escolherá um lugar maravilhoso. — Ela vem até mim, agarra-se no meu corpo, se esfregando ousadamente, roçando sua boceta rechonchuda no meu pau, que há pouco ela se esbaldou. — Senhor Lafaiete, se eu não estivesse com tanta pressa, eu te comeria outra vez. —

Sua mão ousada se fecha na frente da minha calça, apertando a minha ereção pulsante.

— Não me provoque, namorada, só desça para o play se quiser brincar.

— Advirto-a, apertando sua bunda. — Podemos dar uma rapidinha, só



preciso colocá-lo para fora — Aponto com o dedo para a frente da minha calça. —, levantar a sua saia, arrancar sua calcinha e me sentar ali — olho na direção da cadeira. — Suspender o seu corpo e sentá-la no meu pau. Pronto, o resto você sabe fazer perfeitamente....

Sinto um aperto no meu pau. Eleonora fecha a mão nele e esfrega-a, gostoso.

— Senhor Lafaiete, não ponha ideias na minha cabeça. — Ela cerra os dentes, depois seus lábios encontram os meus. — O convite é tentador, mas não posso, tenho que passar em um lugar antes de ir para o hospital.

— Que pena... Só me diz, o que eu faço com ele? — Olho para a ereção marcando a minha calça.

— À noite, eu prometo que o tratarei com muito carinho. Agora vamos.

Passei o dia inteiro tentando falar com a Eleonora, não consegui em nenhuma das vezes. Tentei falar com ela no hospital, mas a recepcionista me avisou que ela desmarcou todas as consultas e não foi trabalhar. A partir daí, fiquei louco. Eleonora tem o costume de me ligar quatro ou cinco vezes durante o dia, isso quando não almoçamos juntos, mas hoje ela simplesmente desapareceu.

Só não fui atrás dela porque estava atolado de trabalho até os cabelos, e para piorar, a minha tarde estava ocupada com três reuniões, mesmo assim, às dezesseis horas fiz minha última tentativa de encontrá-la, só que desta vez seu celular estava desligado. Eu já não sabia mais o que fazer. Eleonora nunca fez isso, ela sempre está disponível, e quando tem alguma emergência, ela sempre me liga para avisar.

Que diabos aconteceu?

Às dezenove horas, saio às pressas. Acho que ganhei umas duas multas por não respeitar o sinal vermelho. Assim que as portas do elevador se abrem eu saio, mas paro de supetão, espantado com o que vejo. Ao lado da porta do apartamento da Eleonora há algumas sacolas.

Será que ela resolveu viajar hoje à noite? Não pode ser, nós só iríamos na sexta-feira à noite

Ao me aproximar, percebo que só as minhas coisas estão do lado de fora.

Fico por alguns momentos parado diante da porta, à espera de que ela saia com o restante da bagagem, porém, nada acontece. Resolvo colocar a chave na fechadura da porta, mas antes de girá-la para abri-la, Eleonora surge na minha frente, deixando pouco espaço para que eu possa passar.

— Já vamos viajar? — Pergunto. Eleonora sequer me olha, ela prende a porta com o próprio corpo. — Posso entrar? Ou vamos sair?

— Você vai. — Ela responde friamente — Entregue-me as chaves, não se preocupe com o restante das suas coisas, eu mando um entregador lhe entregar...

— Que brincadeira é essa?! — Exclamo exasperado, tentando entrar, mas ela não permite, empurra-me. — Eleonora, é brincadeira, não é?

— Não, não é. Acabou, Maurício, cheguei à conclusão de que não sinto mais nada por você, espero que você aceite numa boa, e se puder, me esqueça de vez, não quero nem a sua amizade.

— Como assim, acabou? Enlouqueceu? Ou pior, quer me enlouquecer?

Até hoje pela manhã estávamos fazendo planos para viajar no final de semana. Você quer me convencer de que na hora do cafezinho você deixou de me amar?

— Eu nunca o amei, Maurício! Endoidou? O que existia entre nós era

sexo, só isso, foi bom enquanto durou.

Tento empurrar a porta, mas ela não permite. Só não chuto a maldita porta porque a Eleonora está atrás, tenho medo de machucá-la.

— Sexo, sim, concordo, mas um homem sabe quando a sua mulher o ama, e você, Eleonora Miranda, me ama. Não pense que vou aceitar essa sua decisão numa boa, quero uma explicação bem convincente.

— Não lhe devo explicações. — Ela me interpela com um olhar furioso.

— Aceite a minha decisão, não quero mais, acabou, pronto, adeus!

— Eleonora, não sou um moleque, estávamos bem, como uma pessoa pode mudar assim de uma hora para outra? Isso é loucura! — Mais uma vez insisto em abrir a porta, toco na sua mão, mas ela me afasta.

— Maurício, não sinto mais tesão por você, é melhor terminarmos, uma relação precisa de duas pessoas, então, se conforme...

— Não, eu sei que você me ama. — Desespero-me, esmurro a porta e ela se assusta. — Eu sei que você me ama...

— Não, não amo, eu estou gostando de outra pessoa, vá embora, esqueça-me. — Ela me fita com frieza, sua voz soa sem emoção, chego até a acreditar.

Ela fecha a porta, deixando-me completamente atônito, sem chão, sem rumo. E agora? O que eu faço?

Pego todas as minhas coisas e volto para o meu apartamento. Foi a noite mais longa de toda a minha vida. Vi o dia amanhecer, e a primeira coisa que fiz foi ir atrás dela. Quando cheguei na porta da garagem não permitiram que o meu carro entrasse, tampouco me deixaram entrar no prédio. Eleonora se recusou a falar comigo pelo interfone, e também não atendeu as minhas ligações.

Sem alternativa, vou embora. Ainda bem que estou com a minha agenda cheia, pois além do home center, estou de acompanhante da Alexia e responsável pela decoração do novo apartamento do Marcos. Só assim eu consegui chegar ao final do expediente sem enlouquecer.

Durante os dias que se seguiram, corri atrás da Eleonora feito um cachorrinho abandonado. Ela atendeu a duas das minhas ligações, então me humilhei, pedi pelo amor de Deus para que ela nos desse mais uma chance, mas de nada adiantou; ela estava irredutível, decidida. Para todas as minhas tentativas, ela disse não. E para piorar tudo, Eleonora deixou de ser a médica da Alexia, passou o caso dela para outra médica, e como não bastasse, descobri que ela pediu transferência para outra cidade. Meu mundo desmoronou de vez.

Eleonora desistiu de mim, desistiu de nós. Não acredito que ela se interessou por outro homem. Só se foi algum paciente, porque quando ela não estava comigo, estava no hospital. Nos últimos meses nós estávamos morando juntos, eu já a

considerava minha esposa, mesmo sem estarmos casados. A certeza do seu amor por mim era tanta que eu já estava pensando em pedi-la em casamento.

Não, Eleonora. Por trás da sua decisão drástica há um motivo plausível, e eu vou descobrir qual é, ou não me chamo Maurício Lafaiete. Mesmo que este motivo não nos faça reatar, mas eu preciso saber o porquê de ter terminado nosso relacionamento.



Capítulo 11

Quatro meses depois

H oje foi o casamento do Marcos e da Alexia. Eles lutaram muito para que isso acontecesse, principalmente ele. Confesso que achei uma loucura ele se casar assim, apressadamente, até tentei convencê-lo a esperar um pouco mais, alguns meses quem sabe, para ver como a Alexia reagiria às pessoas.

Ela não gosta muito de multidões, não permite que a toquem, e se alguém a encarar por alguns minutos, ela entra em desespero. A psiquiatra que a acompanha nos disse que por algum tempo ela agirá assim, pois vai demorar

para confiar nas pessoas. O único em quem ela confia plenamente é o Marcos, ele fica a maior parte do tempo com ela, saiu até da facção da qual fazia parte. Eu não estranho isso, ele a ama, é esquisito dizer isso, mas ele está nas mãos de uma mulher completamente quebrada.

Hoje, durante a cerimônia, eu fiquei pensando. Sempre quis isso para mim, sempre sonhei com um casamento dos sonhos, ficar no altar esperando a minha linda noiva, fazer os votos e levá-la para nossa futura casa. Sonhos, só sonhos. Meus irmãos, antes de encontrarem seus amores, debochavam de mim por ser um romântico incurável, repetiam sempre que eu era um tolo por pensar em romance, por querer uma mulher que eu pudesse oferecer todo o meu amor, carinho, proteção e todo o meu tesão.

Eles debochavam. Se faziam de durões, mas todos eles encontraram a

sua outra metade.

Sabrina não largou o osso até conseguir agarrar de vez o Cadu.

Matheus foi capaz de tudo para ter ao seu lado o amor da sua vida, a Lana.

Marcos... bem, esse era o único que eu duvidava que um dia iria se apaixonar, mas até ele encontrou a mulher da sua vida, e agora está casado e fazendo planos para formar a sua própria família.

Eu...

Bem, eu pensei que pôr fim tinha encontrado a mulher para chamar de MINHA, mas me enganei, ela chutou o meu traseiro com os dois pés.

Eleonora Miranda, a mulher que agarrou o meu coração e o fez de bola.

Aquela traidora, filha da mãe! E o pior é que, mesmo depois de tudo o que ela fez, eu ainda a amo.

Nosso namoro durou alguns meses, foram dias maravilhosos, no entanto, fui enganado, ela me enganou.

Ou eu me enganei?

É, certamente eu me enganei, pois fui avisado. Ela mesma me avisou, me disse que não queria compromisso, disse que não queria envolvimento, tampouco casamento. Eu pensei que poderia fazê-la se apaixonar por mim, e pensei realmente que tinha conseguido, pois os nossos últimos meses juntos foram os mais apaixonados, nós nos tornamos cúmplices de um mesmo sentimento chamado amor.

Contudo, hoje deduzo que fui o único a amar nessa história.

Demorou, mas quando relembro as suas palavras duras e frias, dizendo-me que tudo estava acabado, que não gostava mais de mim...

Não gostava mais. Só rindo.

Como uma pessoa pode deixar de gostar de outra em apenas algumas horas? Exatamente isso, pois na noite anterior fizemos amor como dois apaixonados, e na manhã seguinte também. Fizemos planos para viajarmos no final de semana, e quando chego à noite, ela decide que está tudo acabado.

Suas palavras frias fizeram o meu coração sangrar, até hoje não consigo entender como tudo isso acabou assim.

Tentei reatar, ou pelo menos, escutar uma desculpa plausível para tamanho disparate. Eu a procurei, parecia um idiota implorando para voltarmos. Me humilhei, no entanto, ela me escorraçou da sua vida, debochou dos meus sentimentos, e literalmente dançou no que ainda restava de mim.

Sim, eu tentei... tentei de todas as formas uma reconciliação, até que ela foi embora da cidade. Ninguém sabia, ou não queriam, me dizer o seu paradeiro, então eu desisti e resolvi seguir em frente, mas não a esqueci, o meu coração ainda bate fortemente por ela.

Agora, quatro meses depois, ela reaparece. E continua me evitando, eu mal pude vê-la na igreja, ela se escondeu na sacristia alegando não estar passando muito bem. Eu até tentei me aproximar dela, mas o Marcos me pediu para fazer isso após a cerimônia de casamento.

Ao chegar na casa do papai, onde está sendo servido o almoço para os convidados, eu a vejo se despedindo da Alexia e do Marcos. Só então eu percebo o motivo do seu desaparecimento repentino, o motivo da sua fuga.

Fico cego, cego de raiva. Como ela pôde fazer isso comigo? Por quê?

Se a Eleonora pensa que eu vou fingir que não a vi, que vou fingir que ela não me viu e saiu correndo feito uma ladra, ela está muito enganada.

Eu corro atrás dela, e antes que ela chegue ao portão dos fundos da casa,

eu a alcanço.

— Eleonora! — Brado. Tento manter a calma, tento não destilar a minha raiva.

Ela interrompe os seus passos apressados, mas continua de costas para mim.

— Você ia embora sem ao menos falar comigo? Pensei que éramos amigos.

— Desculpe-me, Maurício, mas eu estou com pressa, meu voo sai em poucas horas.

Ela dá um passo à frente.

— Eu a levo até o aeroporto. — Digo, tentando esconder a minha irritação.

— Não precisa, eu estou de carro. Adeus, Maurício! — Ela chega até o portão de ferro dos fundos.

— Você não vai fugir de mim! — Pego-a pelo braço e a puxo bruscamente.

— Ficou louco? — Ela brada, olhando-me enfurecida.

— Você ainda não me viu louco, Eleonora. — Cuspo minha exasperação, enquanto avalio o seu corpo, meus olhos pairando sobre o seu ventre arredondado. — Quantos meses? Com quantos meses você está?

Eu não sou burro, pelo tamanho da barriga da Eleonora ela não está com mais do que seis meses. E quando estávamos juntos pelo que me lembro ela menstruou só uma vez. Foi logo no início do nosso relacionamento, depois disso, não a vi se queixar mais de cólicas ou desconforto.

— Não interessa. — Ela diz rispidamente.

— Esse filho é meu, não é? — Ela fica pálida e tenta se soltar do meu aperto. —

Responda-me, Eleonora! É meu? — Fito-a com raiva no olhar.

— Esse filho é meu. Meu, entendeu? — Ela responde, irritada.

Ela puxa o braço com violência, e para não a machucar, eu a solto. Ela se vira e vai em direção à rua, mas eu a sigo.

— Eleonora, tenho direito de saber se esse filho é meu, afinal, você não o fez sozinha.

Consigo segurá-la outra vez e a viro para mim. Nossos olhares congelam um no outro.

Raiva. É o que estou sentindo agora.

— Não fiz sozinha, mas vou criá-lo sozinha, não preciso da porra de homem nenhum para criar o meu filho. E não, esse filho não é seu. Agora me solte, eu preciso ir.

Ela me olha desafiadoramente.

Se ela pensa que vai ficar assim, que eu não vou querer saber a verdade, ela está muito enganada.

— Ok, então quero o exame de DNA, e quero para ontem. Eu vou com você agora para um hospital mais próximo e vamos fazer a porra desse exame.

— Vá se foder, Mauricio! Não vou fazer exame nenhum, o filho não é seu e pronto, acredite se quiser.

— Mentirosa, você deve estar com, no máximo, uns cinco meses, e nesse tempo estávamos juntos, então, esse filho é meu! — Ela tenta se esquivar. — Vamos agora fazer a porra do exame!

Eu a puxo em direção ao meu carro.

— MAURÍCIO!

Escuto um grito atrás de mim. Paro e me viro. É o Marcos, ele está com um olhar pasmado.

— Ficou louco? Escutei os seus gritos lá da cozinha. Solte a Eleonora, não é assim que se resolve as coisas.

— Ela está esperando um filho meu, e eu tenho direitos sobre essa criança.

— Eu já disse, senhor Maurício. Esse filho não é seu. Conforme-se e me esqueça.

Ela consegue se livrar do meu aperto e segue em direção ao seu carro.

Tento segui-la, mas sou impedido pelo Marcos. Ela entra no veículo e sai em alta velocidade.

— Por que me impediu, Marcos? Esse filho é meu!

Marcos me solta e passa a mão pelos cabelos, olhando-me consternado.

— Tem certeza de que o filho é seu? — Assinto com a cabeça. — E

agora, o que vai fazer?

— Vou atrás dela, nem que seja no inferno, mas vou recuperar o que é meu. Ela pode não me querer mais, pode até me odiar, ela só não pode tirar o meu direito de ser pai, isso ela não pode e não vai fazer.

Viro as costas para o Marcos e o deixo plantado de pé, olhando-me enquanto sigo em direção ao meu carro.

A Eleonora não sabe com quem está mexendo. Se tem uma coisa que eu sempre desejei ter foi uma família, e se eu sou o pai do filho dela, ela não perde por esperar.



Capítulo 12

...Dias atuais

H oje faz um mês que reencontrei a Eleonora, e finalmente descobri o motivo pelo qual ela me deixou – Ela está grávida. Eu sei que o filho é meu, só não entendo por que escondeu a gravidez de mim, pois ela sempre soube do meu sonho de construir uma família, então, não consigo entender, mas isso não importa mais, porque de certa forma vou descobrir toda a verdade.

Após colocar alguns detetives para procurá-la, eles finalmente conseguiram encontrá-la. Eleonora está morando em uma cidadezinha chamada Lírios do Vale, ela é bem distante da capital, fica a quase cinco horas de Salvador. Ela é a chefe da psiquiatria do único hospital da cidade, está morando em um sobrado bem bonito, ladeado por algumas flores roxas e rosas da mesma cor. Estou agora mesmo parado na frente da casa dela, dentro do carro, criando coragem para ir até lá. Como a minha intenção é de não facilitar a vida da Eleonora nos próximos meses, já me antecipei e aluguei a casa ao lado da sua. Nós seremos vizinhos, ela concordando ou não. Estou decidido a acompanhar a sua gravidez até o

nascimento da criança, afinal, mesmo que ela negue e que afirme que não sou o pai do bebê – e sei que sou

– ela terá que provar o contrário. Não foi por falta de aviso, os Lafaiete não desistem nunca do que é seu.

Puxo o fôlego com força, e vou soltando aos poucos, pausadamente.

Fixo o olhar na porta de madeira branca, com cinco degraus à sua frente.

É agora, Maurício, vamos enfrentar a fera.

Desço do carro, travo a porta e caminho em direção à casa. Olho através dos vidros da janela da frente, não vejo movimento nenhum dentro da casa, pelo menos na grande sala de estar. Respiro fundo outra vez antes de bater na porta. Já estou pronto para a segunda batida, quando escuto o trinco da porta.

É agora.

A porta se abre, e uma Eleonora belíssima e elegante, com sua linda barriga de grávida desenhada através de um vestido de seda azul, surge na minha frente. Ao me ver, ela empalidece, permanece no lugar, fitando-me boquiaberta, com uma mão na porta e a outra pairada no ventre, alisando-o.

— Bom dia, Eleonora. Não me convida para entrar? — Certamente ela não esperava pela minha visita, suponho que nunca imaginou que algum dia eu pudesse vir até ela.

— Mau... Maurício! — Ela balbucia, surpresa. — O que faz aqui? Quer dizer... como me encontrou? — Pergunta, piscando os olhos, incrédula. Duas rugas de expressão aparecem na sua testa enquanto ela me encara e tenta esconder sua insatisfação por me ver.

— Confesso que não foi muito fácil, mas enfim, aqui estou.

— Como assim? — Ela me interrompe, puxando uma mecha dos seus cabelos castanhos para trás da orelha. — O que quer dizer com o “não foi fácil”? Por acaso andou fazendo perguntas a meu respeito por aí?

— Eleonora, tem certeza que quer continuar discutindo aqui fora? Pelo que eu

conheço de cidade pequena, as pessoas geralmente ficam escondidas atrás das cortinas quando veem pessoas estranhas.

Sorri e dei um passo à frente, subindo um degrau. Eleonora se afasta e abre a porta um pouco mais.

— É melhor mesmo você entrar, mas que fique claro, você só ficará um pouco e depois vai embora.

Ela vira as costas e segue até o interior da sala. Eu entro e fecho a porta, e enquanto ela me observa, furiosa, aproveito e dou uma rápida olhada em volta, observando cada detalhe da espaçosa sala. Pelo que vejo, Eleonora planeja ter nosso filho e criá-lo aqui. Tudo está adequadamente decorado para ser um lar para uma criança. Os móveis têm quinas arredondadas, não há tapetes felpudos, cortinas leves e sem plantas dentro de casa. As escadas que dão acesso ao andar superior possuem degraus com proteção de emborrachamento e os corrimões são firmes. Parece que ela pretende ficar aqui por um bom tempo. Mas eu não.

Eleonora se inclina para a frente e me olha com impaciência.

— O que quer, senhor Maurício?

A pergunta é direta e objetiva, e surte o efeito desejado para que eu me aproxime depressa e minhas mãos se fechem nos seus ombros.

— Bem... não está óbvio para você o que eu quero, Eleonora? — Ela tenta argumentar, mas antes que o faça, eu completo: — Vim acompanhar a gravidez do meu filho, quero estar perto, quero acompanhar as consultas do pré-natal, escolher os móveis da decoração do quarto, as roupinhas e assistir o parto. Serei um pai presente, tão presente que aluguei a casa ao lado da sua.

Alguma objeção, Eleonora?

Eleonora aperta os lábios e cruza os dedos das mãos, fazendo um esforço fora do comum para não me expulsar a pontapés.

— Enlouqueceu?! Acha mesmo que vou concordar com isso? Eu já te

disse que esse filho não é seu, você não é o pai! Vá embora, Maurício, me deixe em paz, ou...

— Ou o quê? — Solto-a, viro-lhe as costas e me sento no estofado branco. Fito-a seriamente. — Só tem uma coisa que me fará desistir de ficar.

Me prove que esse filho não é meu.

Indignada com a minha ousadia, ela se aproxima, furiosa, segura na minha mão e tenta me puxar.

— Saia daqui senhor petulante Lafaiete, não tenho que te provar nada, minha palavra basta. Desapareça da minha vida, ou eu o denuncio à polícia...

— Pois faça isso. — Eu me levanto e a encaro, fixando o meu olhar no dela. — Já pensou o que as pessoas vão falar quando descobrirem a verdade sobre a sua gravidez? — Ela se cala e fica pálida. — Sim, eu sei de tudo. Sei que você mentiu para todos dizendo que o pai da criança morreu. Quer ligar para a polícia? Tome!

Mostro-lhe o celular, segurando-o na sua frente.

— Ligue, chame a polícia. Vamos esclarecer logo isso, talvez seja até melhor. — Ela mal pisca os olhos e começa a tremer. Eu a seguro e a ajudo a sentar. — Desculpe, está se sentindo mal? — Deixo-a sentada no sofá e procuro a cozinha, ao encontrá-la, eu volto com um copo com água. — Beba lentamente. — Ela obedece. — Melhorou? Quer se deitar?

— Quero que você vá embora, quero que me deixe em paz! — Ela não consegue nem me olhar nos olhos.

— Só há uma chance de isso acontecer. — Sou firme, pois não vou ceder às suas chantagens.

— Não farei exame nenhum, não antes de o bebê nascer, portanto, vá embora.

Agacho-me e seguro a sua mão, ela tenta se afastar, mas eu a seguro firme. Minha outra mão circula o seu queixo, forçando-a a olhar para mim.

— Não, só vou embora quando tiver a certeza de que esta criança não é minha. — Toco no ventre duro. É a primeira vez que toco no meu filho, e é a sensação mais maravilhosa que já senti. Eu quase choro, quase grito.

Eleonora percebe o quanto estou emocionado.

— Ele não é seu, Maurício, não faça isso consigo. Você vai se apegar a uma criança que não é sua.

— Não interessa, se não for minha, eu vou embora para sempre. Só quero ter a certeza, só isso.

Toco outra vez na sua mão, ela está fria. Avalio o seu rosto. Gotas de suor surgem na sua testa.

— Eleonora, o que você está sentindo? — Preocupado, eu me sento ao seu lado, puxo-a de encontro a mim e a abraço. — Deus! Você está gelada.

— Nem escuto os seus protestos, pego-a nos braços e a levo escada acima. —

Qual é o seu quarto? — Ela aponta para o que fica no final do corredor.

Abro a porta e a coloco na cama.

— É só uma queda de pressão, Maurício. É normal, não precisa ficar com essa cara, não estou morrendo, só estou grávida. Isso acontece quase sempre.

— Jura? Desde quando? Como pode ficar sozinha, trabalhar? Não, isso está errado, ainda bem que de agora em diante vou estar aqui para cuidar de vocês.

— Maurício, não faça isso. Será que você não entende que acabou tudo entre nós dois?

— Não estou aqui por você — Eu a interrompo e minto. — Estou aqui

por ele, não se preocupe, não vim fazer as pazes ou tentar uma reconciliação, é pelo meu filho ou filha, só isso. — Minto outra vez, como nunca menti na minha vida. — Vamos tentar ser amigos durante esse tempo.

— Essa criança não é seu filho, nos deixe em paz! — Ela fecha os olhos e respira fundo. — Vai embora, Maurício. Por favor.

— Não, só vou embora quando ele nascer e fizermos o exame de DNA.

Não adianta, Eleonora, ou você faz o exame agora ou terá que conviver comigo

o restante da gestação.

Eleonora cobre os olhos com as mãos, soltando um suspiro.

— Que Deus me ajude. — Murmura.

Sorrio, vitorioso. Ela testou a determinação de um Lafaiete, agora vai conhecer a possessividade dele.



Capítulo 13

E leonora adormeceu minutos depois que tomou a medicação. Fiz questão de ler a bula do início ao fim, mesmo sabendo que ela é médica e jamais faria qualquer coisa para prejudicar o nosso filho.

Deixei-a quieta e me sentei na poltrona ao lado da cama, mantendo os meus olhos na sua figura adormecida. Seus cabelos castanho-escuros, lisos e brilhantes, estão espalhados sobre o travesseiro, algumas das mechas cobrindo o seu rosto.

Seus cílios longos descansam sobre sua face macia. Eu me lembro dos seus olhos castanhos lindos, são tão expressivos e misteriosos... Por Deus! Eu me apaixonei assim que a vi, foi amor à primeira vista! Já sabia que quando me apaixonasse de verdade seria assim, um amor de surpresa e que viria para ficar. E se ela estiver falando a verdade?

Se essa criança não for minha, o que farei?

Não importa, se o filho não for meu, é dela, e se for dela, é meu também.

Mesmo que eu não o tenha feito, vou amá-lo da mesma forma, e darei a ele todo o meu amor de pai. Vou cuidar, educar e amar do mesmo jeito que eu fui criado. Ele será um Lafaiete, só preciso convencer a mãe dele sobre isso.

Não tenho medo do difícil. Aprendi com meu pai que as dificuldades

foram feitas para serem superadas, e que quando existe amor envolvido, deve-se lutar com todas as armas que você tiver, e eu tenho a maior arma do mundo: o meu amor por ela e a vontade de lutar para tê-la comigo. Preciso mostrar para a Eleonora o quanto eu a amo, preciso dar a ela a oportunidade de perceber que jamais vou abandoná-la, ela precisa rever seus conceitos e aceitar o meu amor.

Esfrego as mãos no rosto, levanto-me e sento na cama. Levo a minha mão lentamente até o ventre da Eleonora e o toco com cuidado.

— Filho, o papai está aqui, ele vai cuidar de você e da sua mamãe, eu prometo. Saiba que eu o amo muito e seremos grandes amigos. — Sussurro.

Não sei se ele escutou, mas eu li nos livros que trouxe na bagagem que os bebês escutam dentro da barriga da mãe. É assim que eles distinguem os pais.

Aliso o ventre suavemente, inclino-me e beijo-o. Eleonora se mexe, rapidamente volto à minha posição ereta e a observo.

— Você ainda está aqui? — Ela bate os cílios ligeiramente e se ergue, observando-me com irritação no olhar. — Maurício, vá embora, não faça isso comigo, nem com você.

— Eleonora, nada do que você disser me fará mudar de ideia, vou ficar ao seu lado, você querendo ou não. Vou acompanhar a sua gravidez, verei o meu filho

nascer...

— E depois? — Ela me interpela. — O que fará? Vai embora quando descobrir que o filho não é seu? Por que essa criança não é sua.

Fito-a seriamente.

— Então, se o filho não é meu, de quem é? Onde está o pai?

Ela desvia os olhos dos meus. Eu conheço a Eleonora, sei que quando ela faz isso é porque esconde algo.

— Não interessa quem é o pai, meu filho não precisa de um, ele terá a mim, já é o bastante...

— Egoísta! Eu não imaginei que seria tão egoísta assim. É claro que o seu filho precisa de um pai, não faça escolhas por ele, não é justo para ele. —

Começo a ficar nervoso, ela às vezes é irritante, de tão teimosa. — Quem é o pai, eu conheço? — Suavizo a voz e entro no jogo dela.

— Já disse que não te interessa e que você não o conhece, ele não quis assumir, pediu para que eu abortasse, então ele não é digno do meu filho.

Juro que se ela não estivesse grávida eu a colocaria sob os meus joelhos e lhe daria umas palmadas. Como ela ousa dizer isso de mim, como ousa pronunciar tais palavras? Meu filho está escutando tudo isso. Eu nunca, nunca pediria para qualquer mulher abortar um filho meu, jamais faria isso!

Um silêncio constrangedor paira entre nós, e a Eleonora baixa o olhar para a barriga. Eu tenho tantas perguntas para lhe fazer, mas sei que todas as respostas serão mentirosas, então, prefiro me calar.

— Está com quantos meses? — Sinto vontade de tocar na barriga, mas me mantenho quieto.

— Seis meses e alguns dias — Ela alisa a barriga, sorrindo — É um menino, e ele é muito bagunceiro, adora dar cambalhotas e me chutar.

Depois de escutar essa confissão, não consigo me segurar e toco na sua barriga.

Assim que a minha mão se apoia sobre ela, algo a chuta.

— Você sentiu isso? Ele chutou a minha mão. — Passo a palma da mão sobre o ventre duro, e o bebê chuta outra e outra vez. Eu choro. — Meu Deus! É tão emocionante! E pensar que nós somos os responsáveis por esse milagre, um pedacinho meu e seu, aqui dentro, é lindo demais.

As lágrimas cedem, minha voz embarga. Quero tanto beijar seu ventre,

ficar pertinho, falar com ele, dizer que o amo.

— Ele não é seu, eu já te disse, pare, Maurício... — Eleonora empurra a minha mão para longe, cortando o meu contato com o meu filho. — Vá embora, Maurício, não o quero aqui, não gosto mais de você, respeite a minha gravidez. Eu preciso de paz, tranquilidade, vá embora da minha vida.

Eleonora se levanta. Tento ajudá-la, mas ela me empurra e se vira para me encarar.

— Não existe “nosso” filho. Não há pedacinhos de nós, você não é o pai, aceite isso. Não se preocupe, quando ele nascer eu ligo para você vir fazer o exame de DNA, não estou escondendo nada de você, estou falando a verdade.

— Então, se ele não é meu filho, quer dizer que você me traiu, é isso?

Enquanto estávamos juntos você fez sexo com outro homem?

Ela não me encara, apenas dá de ombros e diz:

— Porque você acha que eu terminei tudo naquela noite? Pela manhã eu fui fazer o teste de gravidez na clínica, e quando vi que estava grávida, soube na hora que o filho não era seu.

Não quero acreditar que a Eleonora me traiu, a conheço, ela jamais seria uma mulher fútil e sem caráter. Ela não é assim, e eu só quero entender por que ela insiste tanto em mentir.

— Como tem tanta certeza de que ele não é meu? Você fez o exame de DNA do outro cara, é isso?

Eleonora não responde, fica quieta, acho que ela está pensando no que vai me responder, pois sabe que a resposta tem que ser convincente.

— Fiz, há três meses, por isso eu sei que este bebê não é seu — Com os olhos marejados, ela me encara. — Era isso que queria ouvir? Se era, já falei, agora pode ir embora e nos deixar em paz.

Engulo a raiva, pois no meu coração eu sei que ela está mentindo.

— Mostre-me o exame, eu quero vê-lo. — Aproximo-me e tento manter a calma.

— Não, não vou mostrar nada, mesmo porque ele não está comigo...

Merda, Maurício! Por que insiste com isso? Ele não é seu filho, é filho de outro homem, eu o traí, fiz sexo com outro enquanto estávamos juntos, será que não é o bastante para me odiar?

Então é isso, ela quer que eu a odeie? Mas por quê?

— Qual é o nome dele? Eu quero saber o nome do cara que rejeitou um filho. Ele vai assumir essa criança, nem que seja à força.

— Pare! — Eleonora esbraveja, nervosa, e avança em mim, batendo no meu peito com os punhos fechados. — Pare de ser bonzinho, pare de querer me proteger, pare de me amar! Eu o traí, chifrei você e estou grávida de outro homem, entendeu?

— Quem é ele? — Seguro os seus pulsos e fixo os meus olhos nos dela.

Ela chora, seus lábios tremem e eu posso até sentir as batidas do seu coração.

— Não direi, ele não significa nada para mim, foi só uma boa foda que resultou em uma gravidez, ele não merece essa criança.

— Não acredito em você. Eu sei que essa criança é minha, você pode até ter me traído, mas esse filho é meu, e já que você não quer fazer o teste de DNA agora, terá que conviver comigo até o final da gravidez, aceite isso.

Vencida, pois sabe o quanto sou determinado, Eleonora encosta a testa no meu peito, e eu quase a puxo para mim.

— Por que, por que você quer passar por tudo isso, Maurício? Eu não amo você, não quero mais nada com você.

— Não me perdoaria se no final descobrisse que esse bebê é meu filho e que por orgulho ou raiva por ter sido traído, eu o abandonei. E... também... eu me importo com você e quero cuidar de vocês, nem que seja só como amigo.

Na verdade, eu queria dizer que me importo com ela porque ainda sinto amor por ela, e que não importa se o filho é de outro homem, eu o quero, assim como a quero também, mas, por enquanto, ela não precisa saber disso.

— Eu não quero a sua amizade, não quero nada de você, só quero que vá embora.

— Você só tem duas alternativas, Eleonora. Ou você faz o exame de DNA agora, ou aceita a minha presença até o dia do parto. Como eu sei que não fará o exame, então seremos amigos durante três meses.

— Não posso fazer outro exame de DNA, é muito arriscado para o bebê, entenda isso.

— Eu entendo, mas não abro mão de acompanhar a gestação do meu filho, eu tenho esse direito e ele também, mas podemos recorrer à justiça, você quer que eu faça isso?

Ela sabe que posso recorrer à justiça. E sabe que ganharei o direito de acompanhar toda a gravidez.

— Não, não precisa fazer isso, você pode ficar, mas seremos só amigos, e nada de ficar falando que é o pai do meu filho, ok?

— Prometo que pensarei a respeito. — Pisco um olho, sorrindo. —

Agora vamos, vou te levar para o trabalho, e depois te buscar, será assim todos os dias, você querendo ou não.

Eleonora sabe que eu não vou mudar de ideia, sabe que não adiantam argumentos, pois quando tomo uma decisão, ela é definitiva. Eleonora apenas respira fundo, pega a bolsa e a sua pasta e segue na minha frente. Aponto a

chave para o carro, abro a porta e ela entra. Nosso primeiro dia juntos. O

meu, o dela e o do nosso filho.



Capítulo 14

E u sei que sou um romântico incurável, mas por outro lado, também sou um realista incorrigível, e apesar de ela negar que não me quer mais, que os seus sentimentos por mim acabaram, eu não sou cego. Já a flagrei diversas vezes me encarando, com um olhar cumprido, aquele olhar foda de desejo, mas ela quer que eu pense que não há mais interesse da sua parte, então, vou deixar as coisas seguirem da maneira que ela quer. Posso ser um bom ator, se ela quer que sejamos só amigos, então seremos, mas em algum momento desta nossa aventura, ela entregará o jogo.

Afinal, a Eleonora não é tão insensível assim. Eu a conheço muito bem, ela é uma mulher apaixonada, e cedo ou tarde essa paixão virá à tona. Sei que durante a gravidez as mulheres ficam muito vulneráveis, tanto fisicamente quanto emocionalmente, e é claro que vou me aproveitar disso.

Serei um amigo carinhoso, compreensivo e presente, mas só um amigo.

— Hoje é a consulta do ultrassom, que horas você quer que eu a pegue?

— Tenho toda a sua agenda de consultas, pois quase a obriguei a me passar, disse-lhe que ou ela me passava, ou eu me apresentaria para a sua médica como pai do bebê que ela espera.

Eleonora me olha a contragosto. Solta o cinto de segurança e espera que eu abra a porta do carro. Ajudo-a a sair, pois ela está pesada. Seus pés estão

inchados, e isso me preocupa.

— Mesmo que eu diga que não precisa vir, você me acompanhará, não é? — Pisco um olho, enquanto retiro uma mecha de cabelo do seu rosto, assentindo com a cabeça. — Às quinze horas, senhor Lafaiete chato. —

Passando um braço em volta da sua cintura, acompanho-a até a entrada do hospital. — Não me trate como uma inválida, Maurício, eu posso andar sozinha. — Ela tenta me afastar. — Às vezes, você é insuportável.

— Você ainda não viu nada, espere até amanhã, na sua consulta com a obstetra, estou muito preocupado com o inchaço dos seus pés e com a sua falta de ar...

— Não comece, senhor Lafaiete autoritário — Ela me interrompe, parando na minha frente, colando a mão no meu peito. — O acordo é o senhor ficar quieto durante as minhas consultas.

— Não sou muito bom em manter promessas, portanto, se prepare. —

Puxo-a para perto e lhe dou um beijo na testa. — Até daqui a pouco.

Deixo-a boquiaberta, parada diante da porta de vidro.

Hoje faz dez dias que me mudei para Lírios do Vale. Confesso que não está sendo fácil conviver tão perto e ao mesmo tempo tão longe da mulher que amo. Mato um leão todos os dias para manter as minhas mãos, boca e pau longe dela. Eleonora é resistente, chega até a ser fria, mas eu sei que ela me quer. Às vezes sinto o descompassar do seu coração quando estamos próximos demais. Há dois dias quase nos beijamos, foi por pouco, até que ela percebeu o que íamos fazer e

me empurrou para longe. Ela é teimosa, e eu sou determinado, vencerei todas as barreiras que a Eleonora colocar no nosso caminho.

Entro em casa correndo, pois esqueci o meu celular e ele está chamando.



Penso ser a Eleonora, mas não é.

— Qual é o problema, Glória? — É, a minha secretária. — Como assim, não entregaram o carregamento de porcelanato? São cinquenta lotes, você já ligou para o fornecedor? Mas será possível, Glória! Não preciso estar aí para que as coisas andem. Onde está o Aderbal? Afinal, ele é o meu gerente geral.

Passe a ligação para ele, agora.

Antes de vir em definitivo para cá, fiz todo o processo de transferência.

Trabalho em home office, todas as reuniões e contatos com fornecedores são feitos por meio de videoconferência, porém algumas coisas são resolvidas pelo meu gerente, mas ele está mal-acostumado, e quando a coisa aperta ele tira o dele da reta e joga nas minhas costas. Quando soube o que ia fazer, papai quase me bateu, e quando ele fica bravo se esquece que eu tenho trinta e dois anos. Quando expliquei os motivos pelos quais estava largando tudo para ir atrás de uma mulher, ele me apoiou, disse que quando a luta é por amor vale tudo.

— Aderbal, que porra você pensa que está fazendo? Será que precisarei ir até aí para resolver essa merda? Trate de tirar a sua bunda da cadeira e vá atrás da porra do fornecedor. Ameace-o se for preciso, mas resolva essa porra ainda hoje, ou não precisa ir trabalhar amanhã.

Após quarenta minutos de muitos argumentos e desculpas, a tensão entre nós se dissipou. E uma hora e meia depois, o Aderbal me ligou dizendo que já estava tudo resolvido, o carregamento chegaria na manhã seguinte.

Entro no consultório faltando quinze minutos para o exame da Eleonora.

Deixo-a sentada na poltrona e vou até a recepcionista. Entrego o cartão do plano de saúde para a moça sorridente. Ela faz todo o procedimento com bastante

atenção, hora ou outra, seus cílios se levantam e o seu olhar encontra

com o meu.

— Pronto, Maurício, assim que a outra paciente sair a senhora Eleonora poderá entrar. — Ela me entrega o cartão, sem deixar de sorrir.

— Obrigada, Vanessa. — Sorrio com gentileza. Volto para onde deixei a Eleonora.

— Alguém já te disse que franzir a testa dá rugas? — Digo, sorrindo. Ela estava me encarando com um ar zangado quando deixei a recepção.

Eleonora se assusta e me olha com desdém.

— Você precisa flertar com a Vanessa? Por Deus, Maurício, a coitada só faltou se jogar nos seus braços.

— Está com ciúmes? — Brinco. Ela morde o lábio inferior e ensaia um sorriso.

— Não seja presunçoso, por mim você pode até convidá-la para sair, eu só acho que você deve ter cuidado, pois as moças do interior são diferentes das moças da cidade.

— Jura? Humm, agora fiquei curioso, acho que vou aceitar o seu conselho. Me lembre de fazer o convite quando estivermos saindo.

Eleonora entorta a boca, e para disfarçar o quanto ficou incomodada, começa a folhear uma revista. Há um longo silêncio, durante o qual eu continuo a observá-la. Ela sabe que estou encarando-a, e eu sei que ela está morrendo de ciúmes.

— Senhora Eleonora, é a sua vez

— Vamos, senhora Lafaiete... — Sussurro no seu ouvido, enquanto a ajudo a se levantar. Ela me fita com as sobrancelhas juntas, e em troca recebo um beliscão.
— Aiii... — Solto um grito, pois o beliscão foi bem próximo das

minhas costelas.

— Deixe de gracinhas, Lafaiete metido a besta, outra dessa e eu chuto sua

canela. — Ela olha para a recepcionista, que nos observa curiosa. — Meu primo é meio abobado.

— Primo? Fui promovido? De amigo para primo. Gostei, então isso quer dizer que eu posso chegar ao status de marido. — Ela me olha enviesado. —

Namorado? — Franze o cenho. — Amante? — Recebo outro beliscão. — Ai, isso dói, sabia?

— Não apertei o suficiente, experimente continuar com as suas gracinhas.

— Ok, nem sabe brincar. Então tá, seremos tico-tico-no-fubá, melhorou?

— Quer parar, Maurício Lafaiete! — Eleonora para bem na frente da porta do consultório. — Se começar eu entro sozinha, e lembre-se, nem um pio.

— Ok, ok, senhora mandona.

A médica é uma senhora de meia-idade, simpática, de sorriso aberto e muito educada. Ela indica uma sala para que a Eleonora se troque e aponta uma cadeira ao lado da maca, para que eu me sente.

Começo a minha aventura no mundo do meu filho. Não desvio os meus olhos da tela do monitor.

— Aqui é o cordão umbilical... — Consigo ver perfeitamente, pensei que não conseguiria ver. — Aqui é o saquinho e... aqui é o pintinho dele, está vendo?

Saquinho, pintinho?! Olho para a senhora com censura. Tenho vontade de lhe dizer: saquinho e pintinho tem os seus netos, o meu filho é sacudo e pauzudo, ele puxou ao pai. Sorrio com o meu pensamento.

Está tudo bem com o meu filho. Ele é um menino grande e adora se exibir, não parou quieto durante todo o exame. Eleonora está com 27

semanas de gestação, quase sete meses completos.

— Cansada? — Pergunto, enquanto ajudo Eleonora a entrar no carro.

Ajeito o cinto em volta do seu corpo. Nós estamos muito próximos, posso sentir

os batimentos do seu coração e o seu perfume irresistível. — Está confortável? — Ela continua sem responder, apenas mantém seus olhos fixos nos meus. — Quer alguma coisa?

— Minha bolsa. — Ela lambe os lábios, e isso me deixa louco. Eu quero muito beijar sua boca, chupar a sua língua, levá-la para casa e fazer amor com ela.

Ergo-me e lhe entrego a bolsa que está pendurada no meu ombro. Dou a volta e assumo o volante. Eleonora tira um pacote de biscoito da bolsa, eu a observo atentamente.

— Estou enjoada, o biscoito é a única coisa que ajuda nessa hora.

— Quer passar em uma farmácia? Por que não me disse que não se sente bem?

— Não, eu estou bem, vai por mim. Há sete meses que eu não me sinto bem, já estou acostumada.

— Pensei que essa fase já tinha passado — Digo, enquanto ligo o carro e dou a partida. — De qualquer forma, quando chegarmos em casa, farei um chá para você. Deve ser o nosso filho, hoje ele abusou de você. — Ela fica quieta, apenas come o biscoito.

— Maurício, ele não é seu filho, já te disse isso um milhão de vezes. Por que não se conforma? É melhor para você e para mim, vá embora, quando o bebê nascer eu aviso e você vem fazer o exame.

Pendo a cabeça para um lado, pensativo.

— Então me diga qual é o nome do pai, prometo que não vou procurá-lo.

— Peço mentalmente que ela não diga.

— Não interessa! Foi alguém com quem já tive um relacionamento, antes de você. Nós nos encontramos, rolou um clima e pronto, aconteceu. Ele não quis assumir, mas eu quero, pronto.

Paro o carro no acostamento. Ela se assusta e me encara, provavelmente sabe o que virá em seguida, pois engole em seco.

— Então, se for verdade que essa criança não é minha, e o pai biológico não a quer, eu quero, assumo a paternidade e podemos criá-lo juntos. Mas se essa criança for minha, eu juro que farei da sua vida um inferno!

— Prepotente, filho da mãe! — Ela solta o cinto, abre a porta do carro e sai. — Não quero nada de você, só quero que nos deixe em paz! E esse filho não é seu, aceite isso que dói menos.

Ela anda a passos largos, mesmo com o barrigão e com os pés inchados, ela toma a dianteira, gesticulando com os braços sem olhar para trás.

— Eleonora, volte aqui! — Vou atrás dela. — Eleonora Miranda, nem mais um passo! — Grito e finalmente a alcanço. Seguro-a pelo cotovelo e viro-a rapidamente. — Que porra! Eu só quero cuidar de vocês, só isso.

— Não me ameace, eu não quero você, não preciso de você. Lembre-se que só te aceitei porque não quero escândalos, mas não me ameace com nada que tenha relação com o meu filho!

— Nosso filho! Eu sei que ele é meu, e você só está piorando as coisas negando isso. — Seguro-a rente ao meu corpo. Só não ficamos colados porque seu ventre avantajado impede. — Pare de teimosia.

— Teimoso é você! E é insuportável também! — Ficamos presos em

nosso olhar, então o bebê dá um chute. — Ai... — Eleonora leva a mão até o ventre. — Você sentiu? — Ela me fita outra vez, só que desta vez sorrindo.

— Claro que senti, eu acho que ele está nos chamando a atenção. —

Elevo minha mão até que fique sobre a dela, e juntos acariciamos seu ventre liso. — Vamos embora, eu acho que ele quer comer e descansar. —

Mantenho meus olhos nos dela, controlando a minha vontade de beijá-la.

Se o beijo tiver que acontecer será porque ela quer, não porque eu quero; ela virá primeiro. E eu sei que esse dia está próximo, eu sinto o desejo crescendo através do seu olhar, a sua linguagem corporal denota o quanto ela está necessitada de carinho... dos meus carinhos.



Capítulo 15

E leonora ficou em silêncio durante todo o caminho de volta para casa.

Algo a incomoda e não é o bebê, ela está quieta demais. Desde que vim para cá, ela sempre encontra um meio de me irritar, como se estivesse me provocando para que eu desista e volte para a capital. Ela sempre encontra uma maneira de me atormentar, e às vezes fico tão fulo que a deixo sozinha e vou para a minha casa. Só faço isso porque não quero entrar em conflito com ela, mas minha vontade é de colocá-la sobre os meus joelhos e lhe dar umas boas palmadas. E hoje, logo após a nossa discussão, ela sequer me olha, quanto mais abre a boca.

— Chegamos. — Desço do carro e a ajudo a sair dele. — Deixe a bolsa que eu pego. — Ela estica o corpo para trás e faz um barulhinho de cansaço.

— Você precisa de um banho e comida.

— Não se preocupe, pode ir para a sua casa, eu me viro. — Ela toma a bolsa da minha mão e se vira e caminha dois passos. Se ela pensa que vou terminar a minha noite assim, ela está muito enganada.

Sigo apressadamente até que consigo interceptá-la. Ela me fita com um olhar perturbador, não é zanga, nem repúdio.

— Não vamos começar, Maurício, estou cansada, com câimbras e com fome. Eu só quero um bom banho, comer e dormir. Vá para sua casa, amanhã nos falamos.

— Por isso mesmo é que eu vou entrar, sei que você não está bem, e só estou aqui nesse fim de mundo por causa de vocês. — Toco na sua barriga e a acaricio. Eleonora não afasta a minha mão, só respira fundo.

— Eu não te chamei, você veio... — Ela respira fundo outra vez. — Ok, faça como quiser. — Ela se afasta lentamente, caminhando em direção à entrada da casa.

Fecho o carro e vou atrás dela. Eleonora não está só cansada, nem esfomeada, algo não está bem. Ela joga a bolsa no sofá e se arrasta em direção às escadas. Prontamente seguro o seu braço, e ela me fita em rendição, e não reclama quando a coloco nos braços e subo com ela para o quarto. Deixo-a sentada na cama.

— Vou encher a banheira, enquanto isso, dispa-se. — Jogo o roupão na cama. Alguns minutos depois eu volto, e ela já está de roupão, olhando-me com aquele olhar foda, que me deixa de pau duro. — Venha. — Estendo a mão e ela aceita.

Toco a água para ver se está na temperatura ideal, o aroma dos sais perfumados está por todo o banheiro, e isso me remete ao passado. Eleonora adorava fazer amor dentro da banheira, sempre fazíamos.

Ela se despe de costas para mim, por isso só consigo ver o seu lindo traseiro, redondo e empinado. Ela entra na banheira com a minha ajuda, e o seu corpo se esconde por trás da espuma. Imagino os seus seios duros e grandes, devido a gravidez, o seu ventre arredondado cobrindo sua linda boceta rechonchuda e que eu tanto desejo na minha boca.

Estou duro, literalmente de cacete armado, meu pau pulsa apertado na minha cueca — Porra! — murmuro. Eleonora ergue a cabeça e seus olhos avaliam, centímetro a centímetro, todo o meu corpo e param exatamente na frente da minha calça. Ela lambe os lábios ao perceber a minha ereção

desenhada na calça jeans.

— Você vai ficar bem? — Pergunto e limpo a garganta, movendo as minhas pernas para aliviar a tensão no meio delas.

— Ficarei. — Eleonora responde, sem desviar os olhos da minha ereção visível.

— Então, vou fazer algo para vocês comerem. Se você precisar de alguma coisa me chame, vou deixar o seu celular aqui. — Deixo o celular ao alcance de suas mãos.

Deixo-a, pedindo em pensamento para que ela me chame de volta e me convide para entrar na banheira com ela. Porra, acho que gozaria assim que pusesse minha boca na sua boceta.

Sou rápido, as porções já estão prontas em vasilhas. É só colocá-las no micro-ondas. São duas porções, uma de sopa de legumes e a outra de arroz com ervilha e peito de frango. Coloco tudo em uma bandeja e completo com uma jarra de suco de laranja. Já estou quase no andar de cima, quando meu celular toca. É ela.

— Mau... Maurício, vem me ajudar a sair da banheira, tenho medo de escorregar.

— Já estou a caminho, não se levante. — Entro no quarto, deixo a bandeja na mesinha e sigo para o banheiro.

Ela está de olhos fechados, a cabeça descansando na borda. A espuma já desapareceu da água, então eu vejo os seus seios fartos com as auréolas escuras boiando na água. Salivo e desejo ardentemente mamar seus bicos, mordê-los. Eles estão perfeitos, lindos demais. Eleonora abre os olhos, vira a cabeça e o seu olhar encontra o meu. Certamente estou com uma cara de tarado, ou parecendo um lobo faminto.

Sorrio levemente, tentando disfarçar a minha excitação. Pego o roupão e estendo a mão. Ela não tem como esconder a sua nudez. Ela se levanta com minha ajuda. Porra! Eu não sou de ferro e nem sou santo. Mal pisco os olhos, mal respiro. Ela fica parada diante de mim, a barriga proeminente, os seios pontudos, com se me pedissem para que eu os coloque na boca. Meus olhos avaliam tudo aquilo, estou faminto e louco de desejo. Aos poucos, o meu olhar vai subindo até que encontra com o dela. Eleonora fixa o seu olhar no meu, e mal respiramos. Ela pega a minha mão, e logo penso em sacanagem.

O meu pau fica atiçado... Então, a minha mão encosta na sua barriga e o bebê

chuta. Sorrio; isso foi melhor do que sacanagem. Eu aliso sua barriga com carinho e cubro o seu corpo nu com o roupão.

— Ele está agitado, acho que quer comer. — Ela sorri, nossos olhares se mantêm fixados, e continuamos unidos pelas mãos, alisando o ventre duro, fazendo carinho no nosso filho.

— A mamãe dele também está com fome. — Finalmente ela articula algo.

Pego-a no colo, e outra vez ela não me rejeita.

— Sopa de legumes para a mamãe e arroz com ervilha para o papa... —

limpo a garganta e corrijo — para mim. — Não quero discutir, por isso desisto de dizer a palavra “papai”.

Eleonora veste uma camisola longa e confortável. Nos sentamos e jantamos em silêncio, ela mal olha para mim, os seus olhos estão fixos no prato.

— Quer dizer que o pai do bebê é um ex, antes de mim...

— Maurício, por favor. — Ela me interpela. — Não comece.

— Não vou brigar, só quero ter a certeza, só isso. — Na verdade, minha

intenção é outra, quero tirar este assunto a limpo.

— Sim, ficamos juntos por alguns meses, depois terminamos, então eu conheci você. O resto você já sabe. — Ela empurra o prato com insatisfação.

— Estou cansada, quero dormir.

Eleonora se levanta e deita na cama, ela se vira de um lado para o outro, procurando uma posição adequada. Eu me sento na poltrona e a observo, ela não consegue dormir. Se deita de costas, vira para o lado esquerdo, mas não adianta; ela está agitada demais para conseguir dormir. Eu me levanto, tiro a minha roupa, pois não me deitaria ao seu lado com uma roupa suada e empoeirada. Fico só de cueca e me deito ao seu lado. Eleonora se vira e nos encaramos por alguns segundos.

— O que você pensa que está fazendo? — Seus cílios longos e escuros baixam lentamente, depois sobem, e o seu olhar encontra o meu outra vez.

— Acalmando você e o bebê, ambos precisam descansar. — Toco na sua barriga e a acaricio. — Vem cá, deita aqui no meu peito.

— Não precisa fazer isso, daqui a pouco o sono me vence. Pode ir embora, vou ficar bem. — Sua boca me manda embora, mas o seu olhar e as batidas do seu coração pedem para que eu fique.

— Encoste as suas costas no meu corpo e deite a cabeça no meu peito.

— Ela aceita e faz o que eu peço. Abraço o seu corpo com meus braços, deixando minhas mãos espalmadas sobre o seu ventre.

Só escuto uma respiração comprida, quando se aconchega em meu corpo. A sua bunda está rente ao meu membro, e eu me concentro para que ele não resolva mostrar para a sua dona o quanto ele a quer, será complicado, caso isso aconteça.

— Maurício. — Ela sussurra.

— Oi.

— Só hoje, ok? Não se acostume.

— Fique tranquila, só quero que vocês durmam bem, só isso.

Aliso sua barriga, e ela coloca sua mão sobre a minha, acariciando-a, e é assim que adormecemos, juntinhos, nós três.



Capítulo 16

D urante toda a madrugada mal consegui dormir, mas a certa altura, o cansaço acabou me vencendo e eu consegui umas duas horas de sono, ao contrário da Eleonora, que dormiu tranquilamente. O nosso filho acordou algumas vezes, eu acho que ele sabia que o pai dele estava perto. Nós nos divertimos um pouco, ele gosta de brincar de esconde-esconde. Quando eu percebia um movimento na barriga da Eleonora, colocava a mão no local, então ele se mexia em outra parte da barriga. Foi divertido, e por mim eu ficaria brincando com ele até que se cansasse, mas chegou um certo momento em que a Eleonora começou a se agitar, então sussurrei para que ele ficasse quieto, pois a mamãe ia ficar brava se ele a acordasse. Ele entendeu, ficou quietinho. Só não deixei de acariciá-lo, pois li em uma revista que os bebês sentem quando acariciam a barriga da mamãe, e é por isso que, quando nascem, eles adoram que o acariciem.

Aproveito que ela está entregue aos sonhos e me levanto com cuidado, pois não quero estragar a nossa manhã. Antes de sair do quarto, eu a observo.

Os cabelos castanhos, em contraste com a camisola branca, parecem ainda mais

escuros. Os cílios longos, o nariz delicado, a boca desenhada em forma de coração, os lábios ainda mais inchados, provavelmente são os hormônios, nossa! Tão linda, tão serena. Nem de perto lembra a arrogante Eleonora Miranda atual, pois a que eu conheci era meiga, carinhosa e minha... Bem, às vezes, era parecida com um siri na lata, mas eu sempre a acalmava com os

meus beijos, eles eram infalíveis. Sorrio para mim mesmo enquanto a observo, maldizendo a minha situação. Poderíamos estar juntos, e eu não precisaria sair da sua cama como um maldito ladrão.

Sigo para o banheiro. Jogo uma água no rosto, ajeito os cabelos com os dedos e fico observando a figura do homem com olheiras profundas e olhos tristonhos. Como foi que eu cheguei aqui? Em que momento eu me permiti ser este homem? Talvez meus irmãos tenham razão.

— Você é um idiota — repito meu pensamento olhando no espelho.

Volto para o quarto e, antes de sair, eu a observo outra vez. Eleonora está brincando com a minha inteligência, mas se ela pensa que vou ficar quieto, que vou permitir que me engane, ela não sabe realmente quem são os Lafaiete. Vou desvendar toda a verdade, lentamente, camada por camada.

Talvez seja esse mistério que me empurre para ela, que me fez vir até aqui, largar tudo para ficar perto dela, porque eu poderia perfeitamente ter ficado na capital, esperando o bebê nascer, e depois enviar um advogado e exigir os meus direitos de pai. Sim, eu poderia ter feito isso, mas essa teimosia e determinação dos Lafaiete não permitem tal luxo, eu preciso ficar perto, preciso cuidar do que é meu, e sim, eu sei que essa criança é meu filho, assim como sei que esta mulher é minha. Mas preciso tirar a prova dos nove, preciso derrubar todos os argumentos da Eleonora, e será hoje!

Vou até a mesinha de canto, pego papel e caneta e lhe escrevo um bilhete:

Eleonora, peço para que não vá trabalhar hoje, seus pés e pernas estão muito inchados, acho melhor ficar em casa e descansar. Como hoje é sexta-feira, não fará mal algum tirar um dia de folga. Outra coisa, estou indo até a capital, surgiu um imprevisto e só eu posso resolvê-lo, estarei de volta amanhã, se quiser que eu lhe traga algo é só me ligar.

Beijos... o seu, todo seu, Maurício.

Antes de sair definitivamente do quarto, me aproximo da cama, me inclino e acaricio a sua barriga. Como se agradecesse pelo carinho, o bebê se mexe, me fazendo prender o fôlego.

Segundos depois, o bebê volta a se mexer, ele já conhece o toque do pai, e é a sensação mais maravilhosa do mundo. Aliso o ventre duro outra vez e espero, ansioso, mas o movimento não se repete, então me viro de costas e vou embora.

Estou dirigindo, quando o meu celular toca. Atendo pela central multimídia do carro.

— Bom dia! Acordou agora? — É a Eleonora, acho que está sentindo a minha falta, ou quer ter a certeza que voltarei.

— Que imprevisto é esse? Você já sabia ou soube hoje cedo? — Ela está insegura, conheço o tom da sua voz.

— Só escutei o recado hoje, minha secretária me ligou ontem à noite. É

sobre um carregamento de tintas. — Sinto sua respiração alterada —

Eleonora, você está bem? O que está fazendo?

— Estou descendo as escadas, minha barriga parece que cresceu mais de ontem para hoje, está pesada, ou o bebê está pressionando as minhas costelas.

Pode ser isso, espera, vou me sentar.

O silêncio que se segue me deixa apavorado, quase faço o retorno e volto para Lírios do Vale.

— Nossa! Até para sentar é complicado... — Outra pausa. E o meu coração vai na boca. — Você vai demorar? — Essa é minha Eleonora desconfiada, ela está insegura, e isso é muito bom.

— Já está com saudades? — Digo, com deboche na voz. — Eu também

estou, dos dois. Se quiser, eu posso voltar.

— Não seja presunçoso, senhor Lafaiete. — Que saudade de escutar isso. — Às

vezes nos acostumamos com o que não devemos, mas não se preocupe, nós vamos sobreviver, vai na paz, e se quiser pode ficar na capital.

Ela se cala. Acho que se arrependeu do que disse.

— Não precisa disfarçar que está com saudade, amanhã estarei aí, ao seu lado e ao lado do nosso... bebê. Quer alguma coisa?

— Quero. — Ela solta um gemido.

— O que foi? Está sentindo alguma dor? — Freio o carro bruscamente e sigo para o acostamento. — Eleonora...

— O bebê me deu um chute, quase perco o ar. Por Deus, este menino será um jogador de futebol, ele adora chutar.

Já ia dizer que ele já me reconhece, e que está sentindo a minha falta, mas preferi ficar calado.

— Ele deve estar com fome, você já comeu? — Ligo o carro e saio do acostamento, sigo a viagem.

— Deve ser isso mesmo, acabei de acordar, acho que precisamos de uma boa refeição matinal. — Ela respira fundo.

— O que quer que eu leve para você? — Pergunto outra vez.

— Churros de doce de leite e chocolate, e traga também morangos, aqui é difícil de encontrar, aproveita e traz chantilly.

— Essa gordura toda não vai lhe fazer mal? — Eu sei que mulheres grávidas têm desejos, só espero que ela não queira comer tudo junto e misturado.

— Estou com desejo, senhor Lafaiete, não quero saber se engorda ou

não, eu quero e pronto.

— Ok, seu desejo é uma ordem, amanhã, toda essa gulodice estará aí.

Quando eu chegar em Salvador eu ligo para você, agora vá se alimentar e descansar, nada de trabalho, nada de ficar andando, subindo e descendo escadas,

estamos entendidos?

— Sim, senhor, ficaremos quietos e descansando, não se preocupe. —

Ela está sorrindo, sei disso.

— Posso pedir um favor? — Espero ansioso pela resposta e espero que ela aceite o meu pedido.

— Faça. — Ela não retrucou.

— Coloque o celular na sua barriga por dois minutos, por favor. —

Suplico.

— Está bem... pronto. — Ela põe, escuto sua voz ao longe.

— Filho, papai te ama, amanhã estarei em casa, cuide bem da mamãe, não faça muita peraltice, você entendeu? — Espero a Eleonora me escutar outra vez.

— O que você disse para ele? Você anda mimando muito esse menino, ele me deu um chute, bem na minha bexiga, agora eu preciso ir ao banheiro.

Ele escutou o meu recado. Fico tão feliz que sinto vontade de gritar.

— Eu só pedi para ele não judiar muito de você. — Não dei detalhes da nossa conversa. — Tenha cuidado, qualquer coisa me ligue, que dou um jeito de chegar aí em menos de meia hora.

— Vai alugar um helicóptero?

— Se for preciso, alugo! Eleonora, falo sério, me ligue caso se sinta mal.

— Ligo, sim, beijos. — Ela desliga antes que eu responda.

Chego à capital quatro horas depois e sigo direto para o endereço que o detetive me enviou via mensagem. Na noite anterior, enquanto a Eleonora dormia, liguei para ele e pedi que encontrasse uma pessoa, mas eu só sei o primeiro nome, pois escutei a Eleonora mencionar o nome dele umas duas vezes, enquanto estava conversando com uma amiga, que lhe perguntou sobre o seu ex. O namorado antes de mim. Ele se chama Wagner, doutor Wagner. Ele é clínico geral no

hospital. Dentre as minhas inúmeras qualidades, uma delas é ter boa memória.

Estaciono o carro em frente ao conjunto residencial onde o tal Wagner mora. Desço do carro e sigo para a portaria. Está chegando o momento da grande verdade, seremos eu e ele. Se a Eleonora está dizendo a verdade, esse Wagner escutará algumas verdades.



Capítulo 17

A o chegar na portaria, um senhor de meia-idade me fita de cima a baixo, com curiosidade no olhar.

— Bom dia! — Cumprimento-o. Ele não responde, apenas assente com a cabeça. — O doutor Wagner está em casa?

— E o senhor, quem é? — Ele me encara com desconfiança.

— Desculpe-me, sou Maurício Lafaiete, amigo do Wagner. — Minto.

A bem da verdade, é que nem sei se o Wagner lembra de mim, não nos

apresentaram, só nos conhecemos de vista, o máximo de aproximação que tivemos foram umas duas ou três vezes, e mal conversamos. Ele sempre ficava distante, mal olhava para a nossa direção. Eu acho que ele ainda sente algo pela Eleonora, ou sentia.

— Só um minuto. — Ele pega o telefone e começa a falar. — Senhor Wagner, tem um rapaz aqui, o senhor Maurício Lafaiete, ele quer vê-lo, posso permitir a sua entrada?

Não sei qual foi a resposta, pois sua expressão facial não me diz nada.

— O senhor sabe onde fica a casa? — Ele abre os portões.

— Não, é a primeira vez que eu venho aqui. — Respondo.

— Então, acho melhor o senhor ir de carro. Fica na quadra K, 252. Pode seguir direto, no final da rua vire à direita, uma quadra depois vire à direita outra vez, depois é só seguir em frente. É a casa mais bonita da rua, nós a chamamos de “a casa de vidro”.

Acho engraçado o que ele diz, já imaginando a casa do Wagner. Volto para o carro e sigo para o endereço descrito. Realmente, a casa é muito bonita, o porteiro só esqueceu de acrescentar que era cercada por muitas flores. A construção tem três andares, os dois últimos com paredes de vidro de cima a baixo. Fico curioso sobre a casa e como ela é por trás dos portões de alumínio.

Um portão menor é aberto e uma moça de uniforme azul vem me atender.

— Senhor Maurício? — Ela sorri ao perguntar.

— Sim, sou eu.

— Acompanhe-me, por favor. O doutor Wagner o aguarda na piscina.

A casa é um espetáculo por dentro. Construção futurista, arquitetada para aproveitar a luz solar durante o dia. Eu a sigo pelo jardim, até avistar a imensa piscina azulada. Reconheço o Wagner, ele está sentado em uma poltrona na parte coberta da piscina, lendo um jornal, e ao me avistar, o larga e se levanta.

— Maurício Lafaiete, a que devo a honra da sua visita? — Ele estende a mão e

eu aceito, nos cumprimentamos, e logo depois ele aponta para outra poltrona e eu me sento. — Quer beber algo, um café, água, suco ou cerveja?

— Uma água, o calor está me matando. — A simpática moça se vira e nos deixa sozinhos.

— Então, o que o traz aqui? Como vai o Matheus? Soube que já é pai.

Quem diria? Eu conheço seu irmão desde o tempo da faculdade, bons tempos aqueles. — Ele se senta. — Soube o que aconteceu com a esposa dele, na época até ofereci ajuda.

Eu nem sabia que ele conhecia o meu irmão Matheus, apesar de saber que meu irmão conhece Deus e o mundo. Não fico surpreso por ele conhecer o Wagner, afinal, ele passou muito tempo em Salvador nos anos em que fez a faculdade.

— É, agora todos os meus irmãos estão casados. O Matheus está bem, e já planeja mais filhos.

— Filhos são bençõe de Deus, feliz do homem que pode ser pai.

Estranho ele dizer isso, pois de acordo com Eleonora, ele pediu para ela abortar! Me dá uma vontade de socar a sua cara. Quase faço isso.

— É por isso que estou aqui hoje. — Ele me encara, confuso, certamente nem desconfia que eu já sei de tudo.

— Não entendi. Pensei que você queria algum conselho médico, já que a sua família passou por maus bocados nos últimos meses, e que as suas duas cunhadas sofreram traumas terríveis, inclusive elas passaram pelas mãos da doutora Eleonora Miranda, nossa amiga em comum. — É, ele se lembra de mim. — A propósito, tem notícias dela? Eu sei que ela pediu transferência.

Cínico, filho da mãe!

— É sobre a Eleonora que eu vim lhe falar. — Cansei de falsidade, já estou a ponto de me levantar e de lhe dizer umas poucas e boas, mas antes que a minha paciência estoure, acho melhor ser direto. — Você e a Eleonora tiveram um relacionamento, não é verdade?

— Maurício — Ele me olha espantado, limpa a garganta e articula com presunção: —, não sei o que isso lhe interessa, minha vida particular só diz

respeito a mim mesmo, e pelo o que eu sei, você e a Eleonora estavam saindo juntos.

— Sim, estávamos, e é por isso que eu estou aqui. — Começo a me irritar com o cinismo dele, ele finge que não sabe de nada. — Não estamos mais juntos há alguns meses.

— Não estão mais juntos? E o que eu tenho a ver com isso, não pensa que eu tive algo com sua separação, não é? — Ele sorri com deboche. Quase me levanto e o faço quebrar o sorriso.

— Wagner, serei franco, não vim até aqui para falar sobre o meu irmão ou sobre o meu relacionamento com a Eleonora. Eu sei que você e a Eleonora tiveram uma recaída enquanto ela ainda estava comigo, não foi?

Ele solta uma gargalhada. Já estava pronto para me levantar, mas para a sorte dele, a moça sorridente retorna com o copo d´água, deixa na mesa e sai em seguida.

— Não sei quem disse isso a você, mas só pode ser alguém que quer separá-lo da Eleonora, e se foi esse o motivo da separação, você comeu mosca, rapaz. Eu não vejo a Eleonora há meses, acho que a última vez que eu a vi foi em um barzinho, no aniversário de uma amiga em comum, inclusive você estava com ela, depois disso não nos vimos mais.

Ele parece sincero, e minha cabeça começa a ficar confusa.

— Tem certeza? Você não quer fugir da responsabilidade?

— Do que você está falando? De que responsabilidade está falando, Maurício? Eu aceitei recebê-lo na minha casa por consideração ao seu irmão, mas não permitirei que me acuse de algo que sequer sei do que se trata, portanto, acho melhor você ir embora, antes que eu perca a minha paciência.

Ele se levanta e aponta para o mesmo caminho pelo qual eu entrei.

— A responsabilidade de pai. — Eu me levanto e ficamos frente a frente. Ele

tem a mesma altura que eu, só que é mais velho, deve ter a mesma idade do Matheus.

— Pai?! — Exaspera-se. — Pai de quem? Enlouqueceu?

— Pai do filho da Eleonora, ou vai negar que você pediu para que ela abortasse a criança?

Em questão de segundos, ele me pega pela gola da camisa e um Wagner enfurecido me sacoleja com violência.

— Enlouqueceu?! Eu jamais faria um pedido desses, por diversas razões.

Primeiro, sou médico, mas o mais importante dos motivos, é que se eu soubesse que tenho um filho, eu seria o homem mais feliz do mundo, e isso também seria um milagre, pois não posso ter filhos, eu sou estéril, entendeu?

Quem lhe disse um absurdo desses? Foi a Eleonora? Foi ela?

Seguro em suas duas mãos e o empurro para longe. Perplexo, eu me afasto dele e passo a mão nervosamente pelos meus cabelos. Fiz papel de bobo, de idiota. Como pude acreditar na Eleonora? Wagner permanece com o olhar fixo em mim, à espera de uma resposta. Ele está nervoso, e eu não tiro a razão dele, afinal, ele foi acusado de irresponsável e mau-caráter.

— Não interessa quem disse, o importante é que agora eu sei a verdade.

Peço que me desculpe pelas acusações, perdoe-me, espero que este assunto morra aqui, porque eu já me esqueci de tudo. — Aproximo-me dele e lhe estendo a mão. — Por favor, Wagner, perdoe-me, agora que eu sei a verdade, a pessoa que mentiu vai ter o que merece.

Ele aceita a minha mão.

— Maurício, se foi a Eleonora, ela deve ter um bom motivo para mentir para você. Esse filho é seu, não é? E ela não quer admitir. Eu estou certo?

Apertamos as mãos, e assinto com a cabeça.

— Nada justifica ela negar que o filho é meu. Ela não pode me tirar o direito de

ser pai, isso é imperdoável. — Articulo, ressentido.

— Conhecendo as inseguranças da Eleonora, é justificável, vai por mim.

Ela acha que está fazendo um favor para você, ou está querendo proteger o bebê...

— Proteger o bebê do pai?! — Interrompo-o. — Isso é um absurdo! Não existe uma pessoa que queira mais ser pai do que eu no mundo.

Olho para ele, e já estou quase chorando... de raiva.

— Para Eleonora, sim, ela faria qualquer coisa para proteger quem ama.

A Eleonora tem traumas escondidos, ela tem sérios problemas para confiar e se entregar. Quando ela percebe que está se apaixonando ou que o outro está apaixonado, ela se afasta. Por que você acha que o nosso relacionamento não deu certo? — Ele faz uma pausa. — Quando eu a pedi em casamento, ela terminou tudo, disse que não estava pronta para assumir um compromisso, e mesmo eu desistindo do pedido, ela não quis mais nada comigo. Foi ela quem terminou, não eu, e agora mal nos falamos.

— Não sei o que a levou a fazer tudo isso, mas vou descobrir, e quanto ao meu filho, não permitirei que ela me afaste dele, não mesmo!

— Vá com calma, a Eleonora é uma mulher incrível, mas é teimosa e insegura. Eu lhe desejo sorte.

— Só lhe peço que mantenha este nosso encontro em segredo.

— Você nunca esteve aqui. Adeus, Maurício.

Despeço-me do Wagner e sigo para as compras, depois vou para o home center ver como andam as coisas por lá. Se der, volto ainda hoje para Lírios do Vale. Vou dar a Eleonora o que ela quer. Se ela quer que eu pense que o

filho não é meu, então vou deixá-la pensar que é nisso que acredito. Serei só um amigo cuidando de uma amiga, e quando o meu filho nascer, farei o impossível para ficar com a guarda dele. Ela perdeu a razão a partir do momento em que me tirou o direito de saber que tenho um filho. Eu a amo, mas amo mais o meu filho.



Capítulo 18

Não consegui retornar para Lírios do Vale no mesmo dia. Assim que cheguei ao Home Center, me deparei com uma enxurrada de problemas, quase enlouqueço com o montante de contratos e pedidos acumulados na mesa do Aderbal. Juro que só não o demiti porque ainda preciso dele, pois enquanto o meu filho não nascer, não posso voltar em definitivo para a capital. Preciso engolir alguns sapos, e também o Aderbal. Como consequência da sua incompetência, ficamos trabalhando até as três horas da manhã, acabamos dormindo por lá mesmo, já que há um quarto com duas camas e uma TV nos fundos da loja. Não é muito confortável, mas era o que tínhamos.

Na manhã seguinte, precisei despachar alguns pedidos e conversar com alguns fornecedores sobre datas de entregas e contratos que estão prestes a vencer, por isso, só consegui pegar a estrada depois do almoço.

Entro em casa e acho engraçado ela já ter cheiro de neném e uma tranquilidade que nos dá uma paz acolhedora. A casa está silenciosa, as janelas trancadas. Olho ao redor para ver se vejo algum sinal da Eleonora, mas nada. Começo a me

preocupar, mas quando já ia chamá-la, escuto um barulho vindo do andar de cima. Deixo as sacolas em cima da mesa de jantar e subo as escadas em silêncio. Caminho até o quarto próximo ao da Eleonora.

A porta está aberta e as janelas também, mas antes mesmo de colocar os

meus pés dentro do quarto, eu lhe dou uma bronca.

— O que pensa que vai fazer, Eleonora?! — Ela se assusta e se vira rapidamente, largando o que está nas suas mãos no chão, e levando uma mão ao peito.

— Está doido, Maurício, esqueceu que estou grávida?

Apresso-me e vou ao seu encontro. Seguro-a pelos cotovelos e levo-a até uma poltrona azul, coberta por um plástico.

— Perdoe-me, é que às vezes você me deixa louco. Que ideia é essa agora? Quer dizer, se eu não viesse hoje, a senhora se colocaria em risco?

— Não exagere, só vou pintar o quarto do bebê, é fácil, vi no youtube o passo a passo...

— Enlouqueceu?! E lá no alto, como alcançaria? — Aponto para o teto

— E o cheiro da tinta? Sem esquecer que afetaria as suas costas. Juro... juro, Eleonora, que se não fosse por esse seu barrigão, eu a colocaria nos meus joelhos e lhe dava umas boas palmadas.

— Sim, senhor Lafaiete, por que não tenta? — Ela me olha desafiadoramente.

— Não me teste, Eleonora. — Exaspero-me.

— Quer se acalmar? A tinta é própria para quarto de bebês, então, não tem cheiro, e quanto ao teto, eu subiria em duas cadeiras...

— Ótimo! — Corto-a com voz zangada. — Duas cadeiras com essa barriga e as pernas e pés inchados, já estou até vendo o tamanho da queda.

Maluca! Você é maluca! — Olho para ela, furioso.

— Não grite comigo — Ela me fita com o olhar marejado — Eu só queria me

manter um pouco ocupada, não suporto não fazer nada, e estava

sentindo a sua... — Ela engole as palavras e baixa os cílios. Ela ia dizer que sente a minha falta.

A minha doce Eleonora surge do nada, finalmente ela se permite ser a mulher por quem eu me apaixonei.

— Não podia esperar que eu chegasse? Eu não avisei que já estava a caminho? Você esqueceu que sou arquiteto e decorador e que sei fazer tudo isso com os olhos fechados?

— Eu sei que é, mas você não tem obrigação de fazer isso...

— Parou! — Agacho-me e seguro o seu queixo com a palma da minha mão. — Você já me convenceu de que não sou o pai do bebê, mas somos amigos, e de certa forma já me afeiçoei a ele — toco na sua barriga e a acaricio, minha vontade é me inclinar e beijá-la, mas acho melhor não fazer.

Volto a fitá-la — Quero muito cuidar de vocês dois, pelo menos até o bebê nascer. Posso ser o pai dele emprestado, nesses meses restantes?

Cínico, eu deveria ganhar um Oscar pela minha representação.

— Você está falando sério? Se convenceu mesmo de que não é o pai do meu filho? — Eleonora me encara, desconfiada.

— Pensei muito sobre o que você me contou, durante a viagem, e cheguei à conclusão de que se eu fosse o pai, ou se tivesse alguma possibilidade de sê-lo, você não me deixaria de lado, sabendo que sou louco para ser pai, principalmente de um filho seu... — A mão que está no seu queixo segue para os seus cabelos, e os acaricio entre os dedos. — Eleonora, não nego, ainda amo você, mas não vou insistir com isso. Se você não quer mais nada comigo, vou respeitar a sua decisão, mas gostaria muito de ficar aqui e de cuidar de vocês, mesmo que seja como um amigo.

Ela respira fundo. Seu olhar está distante, posso até supor que está

confusa ou decepcionada, e eu gosto disso, afinal, é ela quem quer que as coisas sejam desse jeito, então elas serão.

— Obrigada, vamos aceitar os seus cuidados. — Ela alisa a barriga, sorrindo para mim. — Está com fome, almoçou? — Ela muda de assunto e afasta seus olhos dos meus.

Estamos tão próximos, que só preciso puxar o seu pescoço para juntar os nossos lábios. Ela sabe o quanto a amo, o quanto a desejo e o quanto a quero, então, não preciso disfarçar os meus sentimentos, ela que encontre um jeito de me afastar, porque não facilitarei em nada a sua vida. Eu me levanto e digo:

— Almocei, mas podemos fazer um lanche, que tal? — Sugiro, enquanto dou alguns passos e a olho por sobre o ombro. — Você pode fazer alguns sanduíches para mim? Aproveite e vá olhar o que trouxe para vocês, e enquanto isso, vou trocar de roupa e colocar a mão na massa.

— Churros? Você trouxe os nossos churros e os morangos? — Balanço a cabeça, afirmando. — Senhor Lafaiete, farei os sanduíches mais gostosos do planeta. — Ela se levanta o mais depressa que consegue, estica as costas e passa na minha frente, sorrindo.

Senhor Lafaiete... Adoro quando ela me chama assim, isso me remete ao passado, a um passado onde fui muito feliz.

Troco a roupa social por uma bermuda de algodão e uma regata. A Eleonora escolheu cores claras para o quarto do bebê, verde pistache e caramelo, cores que darão tranquilidade para o futuro habitante deste quarto.

Sorrindo para mim mesmo, deixo o rolo escorregar pelas paredes. Já estou na última parede, quando a Eleonora entra no quarto com uma bandeja nas mãos.

— Nossa! Você é rápido! Se fosse eu, ainda estaria na primeira parede

— Ela olha radiante para as paredes pintadas.

— Quando eu terminar o teto, o quarto ficará muito mais alegre e acolhedor, só preciso comer alguns sanduíches, pois olhando para eles me bateu uma fome.

Vou até o banheiro lavar as mãos, e quando volto, vejo uma pequena mesa já arrumada com alguns sanduíches espalhados em um prato e uma pequena jarra de suco, que parece ser de laranja.

Enquanto eu como, a Eleonora se lambuza com os churros e os morangos, todos de uma só vez. Ela os colocou em uma tigela de porcelana, comendo-os como se fossem as iguarias mais saborosas do mundo.

Deixo a Eleonora sentada na poltrona e com os pés apoiados no pufe, saboreando os seus churros, e vou terminar a pintura. Uma hora e meia depois, admiro o meu trabalho. O quarto está lindo, perfeito para o meu filho.

— Eleonora, olha como ficou... — Eu me viro para o local onde ela está, e para minha surpresa, ela dorme, toda torta, com a mão no ventre.

Percebo que seu ventre está um pouco torto de um lado, como se o bebê estivesse todo naquela parte. Hipnotizado, dou alguns passos, me agacho e toco levemente o local. Um bolinho se forma fazendo uma ondulação. Toco outra vez, e novamente ele faz um caminho em ondulação, e fico completamente extasiado.

— Oi, garotão, sabia que a sua mamãe está descansando? Acha que é fácil carregá-lo de um lado para o outro? Ela merece um pouco de sossego, não acha? — Sussurro bem próximo ao montinho, que suponho ser a sua cabecinha ou o bumbum, porque é grande demais para ser o pezinho.

Ele volta a correr de um lado para o outro. Ele quer brincar, e se eu

continuar perto da Eleonora, ele também continuará fazendo do útero dela um parquinho de diversões, por isso deixo a Eleonora dormindo, me levanto e vou me lavar e trocar de roupa. Tenho roupas no quarto de hóspedes. De banho tomado e vestindo uma calça de moletom, volto até o quarto. Pego-a nos braços, mas assim que ela percebe, abre os olhos.

— Maumau... eu... — Cada uma de suas mãos circulam um lado do meu rosto, do mesmo jeito que ela costumava fazer quando queria me beijar. —

Eu dormi...

Eleonora murmura, encostando os lábios nos meus. Ela ainda está sonolenta e nem percebe o que está fazendo, ou quem sabe está ciente e apenas está se aproveitando da situação.

— Shh, feche os olhos, você está cansada, vou levá-la para a cama.

Seus lábios permanecem colados aos meus, e eu os beijo levemente, depois lhe dou um beijo na testa. Ela encosta a cabeça no meu peito, enquanto sua mão o alisa.

— Você deita comigo? — Ela esfrega o rosto no meu peito nu.

— Deito, sim, agora durma. — Ela fica quieta.

Entro no quarto e a coloco suavemente na cama, tiro os seus sapatos, afasto as cobertas e me deito ao seu lado, puxando-a para o meu peito, apertando-a com carinho. Beijo o alto da sua cabeça e levo a mão até o seu ventre, acariciando-o.

— Descansem, meus amores.

Fecho os olhos. São momentos como este que eu gostaria que nunca terminassem.



Capítulo 19

O final de semana foi tranquilo. No sábado, logo após finalizar a pintura do

quarto do nosso filho, Eleonora adormeceu e eu a levei para a cama. Dormimos juntos, um grudado no outro, sem restrições. Na verdade, Eleonora apagou e só acordou um pouco depois das vinte e uma horas.

Nesse ínterim, eu já havia feito o jantar. Nós jantamos, assistimos um pouco de TV, mas logo ela começou a sentir algumas dores na bexiga, o que me preocupou, e mesmo sem o consentimento dela, eu liguei para a obstetra.

A médica nos tranquilizou – quer dizer, tranquilizou a mim – mas me fez prometer que a Eleonora ficaria quieta até a próxima consulta, que será na segunda-feira. Claro que prometi, não só prometi como montei acampamento na casa dela.

O domingo foi tenso, pois minha preocupação com a Eleonora aumentou, já que ela amanheceu enjoada, com dores nas costas, nas pernas, e com muita dor de cabeça. Tentei convencê-la a ir ao hospital, mas a sua teimosia venceu a minha preocupação, e ela prometeu ficar na cama, afirmando que se precisasse sair me chamaria.

Ela cumpriu o que prometeu, e até o banho fui eu quem deu. Vendo-a assim, tão maleável, fiquei muito mais preocupado. Eleonora não está bem, eu a conheço, e sei o quanto ela é orgulhosa para admitir que tenho razão.

Sabendo disso, tripliquei os meus cuidados, mantendo meus olhos bem abertos, e a qualquer sinal de desconforto da parte dela, a levaria à força, se preciso, para a emergência.

Com o avançar da gravidez, o incômodo da barriga não a deixava dormir direito, ela só conseguia encontrar conforto quando deitava a cabeça no meu peito e deixava uma das pernas sobre mim. O seu ventre inchado ficava praticamente sobre meu quadril, só assim ela conseguia dormir, no entanto, uma pessoinha, ao perceber a minha aproximação, não se mantinha quieta.

Algumas vezes, de tanto se mover, o bebê acordava a Eleonora. Eu precisei conversar seriamente com ele, um papo de pai para filho, para fazê-lo entender que aquele horário era para dormir, e não para brincar. Não sei se ele entendeu, mas ficou quieto e finalmente conseguimos dormir.

— Eleonora, acorde, temos consulta com a obstetra. Vamos, meu amor, acorde.
— Não consigo deixar de chamá-la de “meu amor”, por mais que eu tente, o

vício e o costume não se separam de mim.

Sonolenta, Eleonora abre os olhos lentamente. Ela apoia o corpo sobre os cotovelos, olhando-me com impaciência. Senta-se na cama, joga os pés para fora dela, procurando pelos chinelos, enquanto alisa a barriga. Vendo-a por trás da camisola de algodão folgada, ela parece estar muito maior do que ontem.

— Estamos com fome, será que dá tempo de tomar o café da manhã? —

Eu me agacho e calço os seus chinelos.

— Já está pronto, só preciso esquentar o leite. Você consegue tomar seu banho sozinha? — Eu a ajudo a se levantar e a levo até o banheiro.

— Acho que consigo. O mal-estar já passou, acredito que dói porque já está próximo a data do parto, o bebê está se encaixando, deve ser isso.

Talvez, sim. Talvez, não. Saberei disso logo mais, mas não estou gostando nada do cansaço da Eleonora.

Deixo que ela tome seu banho a sós, e espero até que esteja vestida. Sigo para o andar de baixo, para terminar o nosso café da manhã.

Estamos conversando sobre alguns objetos do quarto do bebê que estão faltando e fazendo planos para depois que sairmos da médica, queremos passar em uma loja para comprar o que falta. De repente, Eleonora solta um grito e leva a mão até a barriga. Tomo um susto tão grande que até derramo o café na minha roupa, quando me levanto apressadamente para socorrê-la.

— Onde dói, onde? — Ela puxa o ar com força e o solta lentamente, logo um sorriso estica o seu rosto — Eleonora! — Exclamo, olhando para as suas mãos, que alisam a barriga. — Quer me matar de susto? Eu pensei que fosse parir.

— Ele me deu um chute, foi bem nas minhas costelas. Perdi o ar. — Ela olha admirada para o barrigão. — Ele adora chutar, já percebeu isso? Toca aqui. — Ela pega a minha mão e coloca sobre um montinho, e assim que ele percebe a minha mão espalmada, ele me chuta. — Viu como ele é exibido?

Não nega a fama dos... — Eleonora se cala, e os seus olhos encontram os meus.

Eu sei o que ela ia dizer, que meu filho não nega a fama dos Lafaiete.

Me orgulho disso, meu filho não nega o sangue quente da minha família.

— Não digo exibido, mas é um menino esperto. — Acaricio o ventre duro, olhando para ele com uma vontade louca de beijá-lo.

— Concordo, esse moleque vai me enlouquecer, já estou até vendo. —

Levanto-me, e em um minuto, recolho a louça da mesa e a levo para a pia.

Não quero me aprofundar no assunto, ou corro o risco de revelar para ela

que já sei de tudo, que já sei que sou o pai e que nunca existiu outro homem na sua vida. Não quero e não vou entregar o ouro ao ladrão, a Eleonora vai aprender a não brincar com um Lafaiete. Somos intensos, apaixonados, mas também somos orgulhosos, e se ela pensa que me conhece, está enganada, ela não conhece. Posso até ser um romântico, mas não sou idiota. Ela terá que vir até mim, terá que confessar os seus porquês, e ela precisará ser bem convincente, pois uma mulher só esconde o filho de um pai se tiver motivos bem significativos para isso.

— Venha — Eu lhe digo, ajudando-a a se levantar. — Não queremos nos atrasar.

Eleonora ainda está um pouco atordoada com o nosso momento íntimo.

Ela se levanta com dificuldade. Levo-a até o carro, e antes de sair, me lembro que estou com a calça suja de café.

— Espere aqui, preciso trocar de roupa. — Entro na casa o mais depressa que consigo, e em menos de oito minutos, já estou trocado e dentro do carro, a caminho da clínica.

Durante todo o percurso, a Eleonora continuou sentindo o mesmo desconforto, chego à conclusão que isso não é por causa dos movimentos do nosso filho na sua barriga, não é possível que um bebê machuque a gestante.

Nas minhas leituras sobre gestação, não li nada que fizesse referência a isso.

Ao chegarmos à clínica, deixo-a sentada confortavelmente em uma poltrona,

enquanto sigo para a recepção.

— Bom dia, Vanessa! — Ela me olha com um sorriso de orelha a orelha.

— Está cheio hoje, acho que Lírios do Vale terá uma cota enorme de novos habitantes, nunca vi tantas grávidas junto em um mesmo lugar.

— Algumas grávidas são de cidades próximas, a doutora Cilene é muito

requisitada na região. Como ela só atende aqui e em São Gonçalo, há dias em que o consultório fica cheio. — Entrego a documentação, e ao recebê-la, percebo que ela toca na minha mão de propósito, escorrega os dedos lentamente sem desviar os seus olhos do meu rosto.

— A médica só atende nessas duas clínicas? — Pergunto, ignorando sua tentativa de sedução, querendo saber onde posso encontrá-la, caso aconteça alguma emergência.

— No hospital também — Vanessa me olha fixamente, certamente ela está com segundas intenções, pois lambe os lábios com a ponta da língua ao perceber que eu a olho. — Se quiser, pode se sentar, daqui a pouco eu o chamo para assinar a autorização.

Acho melhor ir me sentar, pois já estou ficando preocupado com os olhares apertados que a Eleonora joga na minha direção. Ou ela está sentindo dores, ou não está gostando do jeito que a Vanessa me come com os olhos.

Agradeço a gentileza da Vanessa e sigo em direção a Eleonora.

— Pensei que tinha se esquecido de mim, você estava tão empolgado com a conversa, que nem percebeu que eu te chamei. — Eleonora fala, com certo sarcasmo na voz. — Se quiser, pode voltar para a recepcionista, eu me viro.

Ela tenta se levantar, mas eu a seguro pela mão e faço com que se sente gentilmente.

— Não precisa ficar com ciúmes, só estava sendo gentil com a moça. —

Encaro-a, sorrindo com indulgência.

— Gentil? Você só faltou se jogar por cima da bancada. — Eleonora puxa a mão, afastando-a da minha. — E não estou com ciúmes, é... é... que estava com sede, e como você estava perto da água... — Ela aperta os olhos

com impaciência. — Quer saber, não lhe devo satisfação e nem você a mim, se quiser pode até sair com ela, que não me incomodo.

— Posso mesmo? Você não ficaria chateada? — Ironizo. Eleonora fica rubra de raiva e tenta disfarçar, mas sei que ela está se mordendo de ciúmes.

— Faça o que quiser, só tenha cuidado para não iludir a moça, já lhe disse que as moças do interior são diferentes das moças da cidade, elas são sonhadoras, românticas e pensam em se casar. — Ela me fita outra vez. —

Quer saber? Vá se danar! Faça o que você quiser.

Quase solto uma gargalhada. A Eleonora está se comendo de ciúmes, e eu gosto disso, pois é bom saber que ela se sente insegura.

— Maurício, pode vir aqui, por favor? — Vanessa me chama.

— Vai lá, “Maurício” — Ela ironiza. — Já estão até íntimos. —

Eleonora entorta a boca e vira o rosto para o lado contrário.

— Não acumule raiva, não faz bem para o bebê. — Seguro o seu queixo e o agito, mas ela se livra da minha mão. Me levanto e sigo até a Vanessa.

— Assine aqui e aqui. — Ela aponta, sorrindo.

— Que horas você sai, Vanessa? — Pergunto sem levantar o rosto, pois continuo assinando as vias do documento.

Vanessa quase engasga.

— Às dezoito horas, por quê? — Ela pergunta, um pouco atrapalhada.

— Quer tomar um café comigo? Não conheço ninguém em Lírios do Vale, só a Eleonora, mas ultimamente ela não pode sair muito de casa, portanto, será um prazer ter a sua companhia para uma boa xícara de café e um bom bate-papo,

aceita?

— Você está me convidando para sair? — Vanessa articula, surpresa.

— Estou convidando-a para tomar um café, como amigo, que fique claro. — Sei que a Vanessa está interessada em mim, por isso quero deixar claro que não tenho o mesmo interesse por ela, só quero deixar a Eleonora fula da vida.

— Aceito... claro que aceito. Que horas você vem me pegar?

— Às dezoito horas e cinco minutos estarei na frente da clínica, está bom para você?

— Está ótimo. — Entrego a papelada para ela. — A dona Eleonora não ficará chateada?

— A Eleonora só quer ser minha amiga. — Pisco um olho para ela.

— Então, tudo bem, vou contar os segundos para o nosso encontro.

— Não é um encontro, é só um café e um bom papo, para o início de uma bela amizade. — Deixo claro outra vez que não estou interessado em algo além de amizade.

— Certo. — Ela sorri. — Vocês são os próximos. — Vanessa aponta para a porta do consultório.

Volto imediatamente para a Eleonora.

— O que vocês tanto conversavam? — Ela pergunta, curiosa, enquanto a ajudo a se levantar.

— Segui o seu conselho, a convidei para sair. — Respondo, já abrindo a porta do consultório e deixando-a entrar. Eleonora para de repente e me olha, atônita.



Capítulo 20

E leonora permanece com a mão espalmada no meu peito, impedindo que eu me mova. O seu olhar penetrante me fuzila, e sei que ela quer gritar, talvez até me bater, mas permanece me encarando, e eu devolvo com um olhar irredutível. Sempre com o meu melhor sorriso nos lábios.

— Maurício Lafaiete, o que está pretendendo fazer?

Eleonora fala num tom bravo, me puxando pelo braço, mas ao ver que começa a atrair os olhares curiosos das pacientes e da médica que nos observa com impaciência, ela se contém.

— Nada, só segui o seu conselho, afinal, preciso viver um pouco, não acha? Você só quer a minha amizade, então, não posso dispensar uma mulher bonita e que está interessada em mim — Seus dedos apertam o meu braço com força, enquanto os seus olhos vibrantes avaliam o meu rosto. Conheço esse olhar.

Eleonora sempre me olha assim quando se sente insegura em relação a nós dois, ela ficava com um pé atrás quando insistia em uma relação mais concreta, algo

sério, um relacionamento construtivo. Eu sabia que era isso que ela queria, mas algo a impedia de aceitar. A princípio, pensei que o motivo fosse por ser mais novo do que ela. Não sei se realmente era isso, só sei que foi muito difícil convencê-la que o meu amor era sincero, que não era

apenas um garotão querendo me divertir com uma mulher mais velha.

— Não brinque com o coração de uma mulher, senhor Lafaiete prepotente filho da mãe. Será que você não vê? A moça está muito interessada em você.

— Eu sei, eu sei. — Concordo. — Mas já deixei bem claro que só estou convidando-a para um café.

— Senhores, vocês vão entrar ou não? — Doutora Cilene vem até nós, segura no braço da Eleonora e chama a sua atenção.

— Ah, meu Deus, me desculpe, é claro que vamos entrar. — Entramos, e logo a Eleonora segue para um outro cômodo para que possa se trocar. Eu me sento em uma poltrona.

Eleonora volta vestida com uma camisola hospitalar. A ajudante da médica faz as avaliações periódicas: peso, pressão. Assim que termina, ela se deita na maca, enquanto a médica analisa o ultrassom e os demais exames de laboratório. Presto atenção em cada olhar que a Dra. Cilene dá ao ler aquelas quantidades de folhas, e pelas suas sobrancelhas franzidas, não gosto muito da sua expressão.

— Então, tem sentido muito desconforto? — A médica se vira para a Eleonora e começa a examiná-la.

— Ela tem, sim... — Respondo rapidamente. As duas me fitam, curiosas.

— O que foi? Eu posso responder a esta pergunta, afinal, fico quase o tempo integral com você. — Encaro Eleonora.

— O de sempre, Dra. Cilene...

— O de sempre nada. — Interrompo-a. Eleonora me fita com censura.

Não me importo e continuo: — Ela tem tido muitas dores de cabeça, tonturas, as pernas e os pés estão inchados, fora a falta de ar constante.

A médica analisa as pernas e os pés da Eleonora, apertando-as.

— Quando foi a última vez que teve estes sintomas? — Cilene pergunta, sem deixar de examinar a Eleonora.

— Ontem, me senti mal o dia inteiro. — Eleonora responde.

— E hoje, como se sente?

— Um pouco melhor, mas ainda sinto um pouco de dor de cabeça e falta de ar.

— Bem, falta um pouco mais de dez semanas para o parto, essas dores que sente na barriga são normais, mas precisamos ficar atentos com as dores de cabeça e sua falta de ar. A sua pressão está normal para uma gestante próxima de parir, no entanto, todo cuidado é pouco. Quanto ao inchaço nos membros inferiores, deve ser porque você não tem tomado muito líquido, eu a conheço e sei que não gosta de água, portanto, beba muita água, suco. —

Ela manda Eleonora se trocar.

Enquanto a Eleonora vai mudar a roupa, a médica faz algumas anotações.

— E o bebê, ele está bem? — Pergunto, preocupado.

— Ele está ótimo... — Eleonora volta e se senta do meu lado. — Seu filho está muito bem, Eleonora, se quiser, podemos até marcar a data do parto.

— Não! — Digo, alarmado. — O parto será normal, é melhor para a Eleonora e para o... bebê. — Ia dizer meu filho.

— Exatamente. — Eleonora concorda comigo, e eu quase solto um suspiro de alívio. — Dra. Cilene, você sabe que quero um parto natural, mesmo com o meu problema da idade, pois sei que é arriscado, mas quero seguir até o final. Se não for possível o parto natural, então faremos a cesárea.

Eu já sabia do risco de o bebê nascer antes dos noves meses, pois a Eleonora tem mais de quarenta anos e isso é normal para as mulheres nessa idade, porém, ela é saudável e está tendo uma gravidez tranquila. Só agora, no final, é que está um pouco complicado, mas no que depender de mim, ela terá um final de gravidez bem tranquilo.

— Ok, então. Vamos aguardar até que o bebê resolva vir ao mundo, no entanto, estou receitando algumas medicações, e aliado a isso, muito repouso e sexo calmo, entenderam? Nada de malabarismo. — Ela olha para mim.

Eleonora já está com a resposta na ponta da língua...

— Entendi. — Respondo rapidamente, deixando-a rubra de vergonha.

— Eleonora, se sentir algo diferente, ou qualquer sangramento, por mínimo que seja, quero que me ligue e vá imediatamente para o hospital, fora disso, quero vê-la na semana que vem. Peça para a Vanessa marcar a consulta, e aqui está a sua receita.

Pego a receita, e a Eleonora me encara emburrada, mas não me importo, pois eles são minha responsabilidade. Quero arcar com tudo, mesmo sabendo que a Eleonora é independente e não precisa da minha ajuda financeira, mas sou um Lafaiete, e costumamos cuidar de tudo o que é nosso, em todos os sentidos.

Saímos do consultório da médica e seguimos direto para a recepção, marcar a próxima consulta, Eleonora para, encara a Vanessa e suspira. Quase posso ver flechas de fogo saltando dos olhos dela em direção a Vanessa, que nem presta atenção no olhar furtivo da Eleonora. Vanessa só tem olhos e sorrisos para mim, o que deixa a Eleonora muito mais irritada.

— Então, Vanessa, você vai demorar muito para marcar a consulta? —

Ela diz, impaciente, e começa a dedilhar no balcão de mármore negro.

Vanessa apenas sorri para a Eleonora e continua digitando.

— Pronto, a próxima será na segunda-feira, no mesmo horário. —

Vanessa fala, sem desviar os olhos de mim.

— Até que enfim, pensei que precisaria me sentar para esperar uma simples marcação de consulta. Podemos ir agora? — Eleonora diz com sarcasmo, já passando na minha frente. Como não saio do lugar, ela se vira.

— Se quiser ficar aqui não tem problema, posso perfeitamente pegar um táxi.

— Ela se vira e segue apressadamente em direção à porta de saída.

— Eleonora, espere! — Chamo sua atenção com autoridade.

— Tenha um bom-dia, Vanessa. — Despeço-me com um sorriso largo.

— Até mais tarde, Maurício. O nosso café ainda está de pé?

— Claro, estarei lá fora te esperando logo depois das dezoito horas, tchau!

Seguro a sua mão e levo-a até os meus lábios, depositando um beijo carinhoso. Quando me viro, Eleonora está nos olhando, seu olhar brilha, mas não sei se de raiva, ciúmes ou medo. Mas gosto de saber que ela está sentindo na pele o mesmo que eu senti quando ela me disse que não me queria mais, que não me amava mais. Se sair com a Vanessa vai deixá-la insegura, ou talvez até a convença de que se seguir este plano louco de me afastar da vida dela e do meu filho também a afastará definitivamente da minha vida, pode ser válido, mas preciso esclarecer as coisas com a Vanessa, não quero machucar ninguém, principalmente uma moça bacana como ela.

Aproximo-me da Eleonora e empurro a porta de vidro para que ela passe. Ela passa furiosa por mim e anda apressadamente em direção ao estacionamento.

— Hei, quer andar mais devagar? — Tento segurar o seu braço, mas

Eleonora o puxa bruscamente.

— Não me toque! Não preciso de ajuda para andar, se você quiser voltar para a

clínica pode ir. — Ela olha em direção à clínica Decidida, se vira e anda apressadamente, porém, antes de chegar até a calçada, se volta e avisa:

— Não se preocupe, eu volto sozinha para a minha casa!

Ao chegar na calçada, ela acena para um táxi, e antes mesmo que eu possa impedi-la de entrar nele, ela bate a porta sem me dar a mínima atenção.

O táxi se afasta e ela sequer olha para trás. Atravesso a rua rapidamente, entro no meu carro e saio tranquilamente do estacionamento, não tenho pressa. A Eleonora precisa ficar um pouco sozinha, precisa sentir a minha falta.



Capítulo 21

D eixo meu carro estacionado em frente à casa que estou morando atualmente. Não quero que a Eleonora me veja chegando, por isso dou a volta pelo jardim que separa a minha casa da dela e abro a porta – tenho a chave.

Eleonora concordou que eu tenha uma chave, para o caso de uma emergência. Entro, mas ela não está no andar de baixo, então, resolvo subir as escadas sem

pressa. A porta do seu quarto está entreaberta, por isso nem bato, entro sem pedir licença.

— Que porra foi aquela? —Eleonora se assusta, no entanto, não se vira, permanece de costas — Você quer me explicar o que te levou a sair daquele jeito?

— Deixe-me em paz, Maurício, vá embora! — Ela está chorando, pois limpa o rosto com as costas das mãos, rapidamente. — Volte para a sua Vanessa. — Eleonora se levanta e sai apressada em direção ao banheiro, na certa para se esconder de mim.

— Hei, o meu encontro com ela é só no final da tarde. — Intercepto-a e seguro seu braço antes que ela se tranque no banheiro.

— Então vá para a sua casa, vá para onde quiser, só me deixe em paz. —

Ela tenta se livrar da minha mão, mas não me encara.

— O que há com você? Olhe para mim, Eleonora! — Ela vira o rosto,

me evitando. — Foi você mesma quem me aconselhou a sair com ela, não foi?

— Eu estava brincando, não pensei que fosse seguir à risca... —

Eleonora engole o soluço — Não imaginei que você estivesse interessado nela.

— Eleonora, olhe para mim. — Ordeno.

Solto o seu braço e apoio minhas mãos em seus ombros, virando-a na minha direção. Eleonora mantém a cabeça baixa, mas o seu corpo treme assim que toco a pele nua dos seus ombros. Com uma das mãos, seguro o seu queixo, erguendo a sua cabeça. Nossos olhos se fixam, a expressão que ela me transmite é de insegurança. Percebo que está travando uma batalha dentro de si, está se corroendo de ciúmes.

— Por que não me diz o que está acontecendo? Seja franca com você e comigo. — Murmuro e em seguida me aproximo.

Eleonora entreabre os lábios e os seus olhos varrem o meu rosto lentamente.

Meu coração grita por ela. Respiro fundo, com desespero.

Cristo, como eu quero essa mulher, mal posso pensar direito!

Aproximo-me mais, com o olhar focado na sua boca, quase salivando de vontade de beijá-la. Ela está tão sexy, brava e enciumada, que meu membro endurece só com o pensamento de vê-la o devorando com essa boca gostosa.

— Eleonora... — Seu nome sai antes que eu possa pensar.

— Si-sim? — Ela gagueja.

Preso no magnetismo do meu desejo, levo a mão até a sua boca e deslizo o meu polegar sobre seu lábio inferior. Ao sentir sua maciez, meu membro endurece de um jeito que quase tenho um orgasmo, minha respiração pesa a cada raspar do polegar nos seus lábios.

— Ele-Eleonora... — Ela toca os dedos sutilmente no meu peito, fechando os olhos e entreabrindo mais os lábios em uma súplica. — Não faz isso... — Meu corpo todo entra em agonia, e no momento, só quero uma coisa: fazer amor com a mãe do meu filho, fodê-la lentamente, com muito amor.

Inebrio-me com o seu perfume, a beleza do seu rosto lindo me hipnotiza, com os seus cabelos quase negros, como se eles emoldurassem o contorno dos seus ombros, os seios fartos e pontudos marcados pelo tecido do vestido.

Sinto-me em total plenitude, ou talvez, em uma total loucura, pois não estou conseguindo pensar direito. E este desajuste faz o resto do meu controle ir para o espaço. Meus olhos estão fixos nos dela, e volto a acariciar seu lábio inferior novamente. Ela solta um gemido e sinto o roçar da ponta da sua língua no meu dedo, então, extasiado e sem controle, seguro o seu queixo outra vez e baixo a cabeça para me apossar da sua boca.

Nosso primeiro beijo depois de meses, longos e penosos meses. Meses cheios de dores, saudades, medos, inseguranças e raiva, mas com uma única certeza: a de que a amava mais do que todos esses sentimentos. E este amor é demonstrado com toda a força através deste beijo, uma força tão poderosa que me consome. A suavidade dos seus lábios deixa um rastro de calor sobre os meus, posso sentir o tremor do seu corpo enquanto esfrego a minha boca sobre a dela, e o poder do nosso desejo se manifesta no calor fugaz e na sedução dos nossos gemidos.

Nossas línguas se encontram e matam a saudade uma da outra.

Engulo cada um dos seus gemidos, e quando aprofundo o beijo, empurro a sua boca de encontro a minha, com a possessividade da minha mão na sua nuca.

A selvageria me domina. Estou tão duro e tão excitado que o meu

membro mal cabe dentro da calça. Minha outra mão solta seu queixo e desce para um dos seus seios. Os exploro e apalpo com vontade, quero colocar a minha boca lá, quero sentir o sabor dos seus mamilos escuros entre meus lábios.

— Eleonora... — Murmuro seu nome com os meus lábios sobre os dela.

Neste momento, ela se afasta bruscamente da minha boca, o seu olhar excitado e incerto e a sua respiração ofegante se chocam com o meu olhar.

Ela me empurra.

— Não! — Ela afasta os olhos, baixando os cílios e engolindo a respiração ofegante. — Isso é um erro, é um total erro. — Eu sei que ela não acha isso, sua voz vacilante a trai. — Nunca mais faça isso novamente, ou...

— Ou o quê? — Recupero o meu controle. — Vai me mandar embora?

Acho melhor pensar em outra coisa, pois só vou embora depois que o bebê nascer.

— Idiota! — Eleonora me encara com raiva no olhar. — Você sabe perfeitamente que essa criança não é sua, por que não se conforma e vai embora da minha vida? — Ela diz, magoada, só não sei por quê.

— Você gostou do beijo, não negue. Em nenhum momento você tentou me afastar, e quer saber? Eu também gostei, não sei por que está tão zangada.

— Porque você é um idiota por achar que um beijo vai mudar as coisas entre nós...

— Foi você quem se afastou de mim, Eleonora. Não eu. Foi você quem me expulsou da sua vida...

— Sim, fui eu! — Ela me interpela, enquanto se afasta. — Ainda bem que você lembra, então, por que não me deixa em paz, não vê que não quero mais nada com você? — Ela grita.

Em dois passos eu já estou segurando-a pelos ombros e juntando os nossos corpos. Eu, excitado, com a ereção cutucando o seu ventre. Ela, ofegante e me olhando quase sem ar.

— Não é o que o seu beijo e o que os seus ofegos me disseram, há poucos minutos. Você me quer muito e não adianta negar. Contra fatos não há argumentos, mas não vou forçá-la a nada, se quiser que eu fique longe, eu fico.

Eleonora engole em seco. Ela não nega, pois sabe que estou falando a verdade, e isso me reconforta. Ela apenas me olha com indulgência, avaliando todo o meu rosto, como se estivesse revivendo velhas lembranças.

Nesse momento, sinto um chutinho. Eu me afasto, apenas o suficiente para olhar o local. Toco na barriga da Eleonora, alisando-a.

— Acalme-se, garotão, nós não estamos brigando, estamos apenas entrando em um acordo. — Encaro a Eleonora e estico os lábios em um sorriso. — Acho que por hoje basta, já entendi o que a sua mamãe quer, então, que seja feita a vontade dela. — Eu me afasto. — Você está certa, é melhor ficar longe, não quero que as emoções afetem o bebê.

Viro-me e sigo em direção à porta. Seguro a maçaneta, mas antes de sair, eu lhe digo:

— Acho melhor você tomar um banho e se deitar. Vou preparar o seu almoço. — Saio em seguida, fecho a porta, mas não me mexo, encosto a orelha na porta e presto atenção no que vai acontecer.

— Seu pai é um idiota, bebê, um maldito idiota... Ai! — Quase entro no quarto quando escuto o grito. Eu já estou com a mão na maçaneta, até que eu a escuto dizer, sorrindo: — Não adianta me chutar, não retiro o que eu disse, seu pai é um idiota, mas é um idiota adorável e que vai me enlouquecer de ciúmes.

Era o que eu precisava escutar. Saio feliz do corredor e desço as escadas cantarolando.

Já estou terminando de arrumar a bandeja com o almoço da Eleonora, quando o meu celular toca. Atendo-o.

— Estava pensando em você agora mesmo. — Digo, com uma felicidade explícita na voz.

— Deve ser a sua consciência pesada. Poxa, cara, eu já estava preocupado, você não nos liga, não dá notícias. O Matheus está quase indo aí buscá-lo.

— Marcos, não sou mais uma criança, não preciso de babá. Está tudo bem, não se preocupem.

— Claro que ficamos preocupados, soubemos que você esteve aqui, que foi no home center, mas não me ligou. O papai e o Matheus estão preocupados, e eu também.

— Eu liguei, mas o seu celular e o dele estavam desligados. Eu liguei para o Matheus também, mas ele tinha ido levar a Lana ao médico, e o papai, pelo que eu saiba, ainda não voltou da Argentina.

— Ok, ok, mas como estão as coisas com a Eleonora? O filho é seu ou não?

— O filho é meu...

— Ela confessou? — Marcos me corta. *— Meus parabéns!*

— Não, ela não confessou, continua mentindo, mas eu sei que o filho é meu, só não sei o porquê de ela estar mentindo, mas vou descobrir.

— Maurício, volte para a capital, procure um advogado e entre com um processo contra a Eleonora. Está na cara que essa mulher é problemática,

talvez ela realmente não te ame, e nesse caso, o melhor é deixar a história morrer e...

— Ela me ama. — Interrompo-o outra vez. — Eu sei que me ama, mas isso não vem ao caso, me responda uma coisa. Se fosse você, e se a Alexia o deixasse, se ela inventasse uma desculpa qualquer, você desistiria dela?

— Nunca! Eu iria atrás dela e a traria de volta, nem que fosse à força.

— Você já respondeu por mim. Eu não vou desistir do que é meu, nunca, a Eleonora é minha e ponto final.

— Se precisar de ajuda, você sabe que pode contar com os seus irmãos, não sabe?

— Sei. — Respondo, sorrindo.

— Se cuide, e não nos deixe sem notícias. Um grande abraço, seu maluco.

— Outro, manda um beijo para a Alexia.

Desligo o celular, e por alguns minutos, fico olhando para ele. Bate uma saudade dos meus irmãos, da nossa união, da nossa cumplicidade. Somos uma família com os mesmos sentimentos, os mesmos pensamentos, eles são o meu tudo.

Termino de arrumar a bandeja e levo para a Eleonora. Assim que abro a porta do quarto, me deparo com a visão mais linda do mundo. Ela está deitada de lado, com o travesseiro por baixo da barriga e as duas mãos sobre ela, dormindo tranquilamente. Deixo a bandeja na mesinha e sigo até a cama, me deito ao seu lado e a abraço por trás, alisando seu ventre duro, o mesmo onde o meu filho está.



Capítulo 22

A carícia lenta e apaixonada na linda barriga de quase oito meses da Eleonora faz com que, ao senti-la, ela espalme a sua mão na minha, e juntos fazemos carinho no nosso filho. Eu fico quieto, não quero que este momento acabe, por isso a observo silenciosamente, quase não respiro.

— Por que está fazendo isso, por que insiste em permanecer ao nosso lado?

Porque eu te amo, digo em pensamento.

— Porque, antes de tudo, nós somos amigos. E o outro motivo é porque preciso ter a certeza de que fiquei ao lado do meu filho antes mesmo de ele nascer, isso caso o teste de paternidade seja positivo... — Antes que ela argumente, eu completo: — A esperança é a última que morre.

Lentamente ela se vira. Ficamos frente a frente. Ela pega a minha mão outra vez e a coloca sobre a sua barriga, nesse instante o bebê se mexe.

— Ele gosta de você, sabia? — Ela sorri, e nesse momento tenho a minha doce

Eleonora de volta, a mulher delicada e entregue quando está ao meu lado. — Você será um ótimo pai, mas do seu filho, este não é seu, por isso não quero que você se apegue. Tenho medo que quando ele nascer e você descobrir que ele não é seu nos abandone. Você não tem ideia de como

é a dor do abandono, e do que ela pode causar em uma criança. Eu não quero isso para meu filho, por isso prefiro criá-lo sozinha, sem a ajuda da figura paterna...

Será que a Eleonora foi abandonada quando criança? É o que parece, pela amargura da sua voz e a frieza do seu olhar. Mas por quem? Seu pai ou sua mãe? Desde que estamos juntos, nunca a vi mencionar algo sobre os pais.

É como se eles nunca tivessem existido. Mas mesmo assim, mesmo que ela tenha sido deixada para trás pela família, isso não lhe dá o direito de me afastar do meu filho, como também de tirar o direito da criança de ter um pai.

— Eleonora... — Eu a interrompo. — Não faça escolhas pelo seu filho, ele vai precisar de um pai.

— Não vou privá-lo de ter um pai. — Ela me interrompe. — Quando ele tiver idade suficiente para entender e diferenciar pai e mãe, eu vou apresentá-

lo ao pai.

— Mas você me disse que o pai do bebê não o quer! Como fará isso? —

Ela me fita, confusa.

— Mesmo que ele não o queira, não posso esconder o pai do meu filho.

Ele não precisa amar o filho, eu o amarei duplamente, mas é um direito do meu bebê conhecer o pai, mas no momento certo.

Direito?! Como ela pode falar em direito, se ela mesma está me tirando o direito de ser pai?

— Em um ponto você está certa, todo filho tem o direito de conhecer o pai, ou vice e versa. — Eleonora fixa seus olhos nos meus, e eu acho que sei o que ela está pensando: na besteira que está fazendo. Cedo ou tarde, toda mentira será

descoberta.

— Estamos com fome. — Ela ergue a cabeça, olhando em direção à

mesinha onde deixei a bandeja com seu almoço. — O cheiro chegou aqui.

Levanto-me e a ajudo a sair da cama. Eleonora está pesada, ela não engordou muito, mas o inchaço das suas pernas e pés me preocupa, mesmo que a médica afirme que ela está bem.

— Eleonora, você está se sentindo bem? — Pergunto, enquanto ajudo-a a se sentar confortavelmente na cadeira.

— Estou, fora a falta de ar, estou bem. É só não fazer esforço, por quê?

— Eu preciso resolver alguns assuntos do home center, tenho duas reuniões online que levarão umas duas horas, e depois preciso entrar em contato com alguns fornecedores que só fecham contrato comigo, então devo passar toda a tarde trancado lá em casa. — Transformei um dos quartos em meu escritório. — Meu celular ficará do meu lado e ele será exclusivo para você, então qualquer incômodo é só me ligar, você promete me ligar?

Ela faz uma careta engraçada, depois alisa a barriga e me olha com cumplicidade.

— Nós prometemos, e fique tranquilo, ficaremos bem, assim que terminar o almoço pretendemos dormir um pouco, pode trabalhar em paz.

Respiro aliviado. Agacho-me e espalmo a mão no ventre da Eleonora.

— Oi, garotão, comporte-se, não faça bagunça aí dentro, sua mamãe precisa de sossego, daqui a pouco eu volto. — Inclino-me e beijo o local onde está a minha mão.

O gesto repentino faz o corpo da Eleonora tremer e sua mão rapidamente alcança a parte de trás da minha cabeça. Sinto a carícia lenta dos seus dedos nos fios dos meus cabelos, e sua respiração se torna oscilante. A emoção nos toma, e motivado por este momento delicado, encosto o rosto, deixando minha orelha sobre a barriga, tentando escutar o que se passa lá dentro.

Eleonora permanece acariciando os meus cabelos e respirando de forma irregular. Nossa! Se eu pudesse não me afastaria, permaneceria junto das duas pessoas mais importantes da minha vida. Só me afasto para admirar o movimento do meu filho, ele certamente sentiu a minha proximidade, pois começou a se mexer, se exibindo para o pai, fazendo montinhos na barriga da Eleonora.

— Nossa! — Ela arqueia o quadril, segurando o meu ombro com a outra mão. — Às vezes esses movimentos doem, ele pressiona a minha bexiga. —

Eleonora respira forte.

— Oh, rapaz, o que eu acabei de falar? Pegue leve com a bagunça! —

Digo, com autoridade na voz. Aos poucos ele vai abrandando os movimentos, até que todos eles cessam. — Bom menino, rapazinho obediente. — Beijo a barriga outra vez. Ergo a cabeça e encontro Eleonora com as feições emocionadas.

— Você nunca deixa de me surpreender, senhor Lafaiete. Como eu gostaria de ser mais nova do que você...

— Eleonora! — A interrompo imediatamente, pois odeio quando ela vem com essa besteira de ser muito velha. — Eu nunca me importei com a sua idade, para mim você é a mulher mais linda e maravilhosa que já surgiu na minha vida, deixe de besteira.

Dois dedos encostam nos meus lábios, me calando. Seus olhos varrem o meu rosto demoradamente, por um momento eu penso que ela vai me beijar, mas foi só uma sensação mágica.

— Você precisa ir, ou vai se atrasar. Nós ficaremos bem, não se preocupe. — Ela fala, com a voz embargada.

Fixamos nossos olhares por alguns segundos. Aquele olhar desejoso,

fugaz e explosivo me dá uma vontade louca de pegá-la no colo, jogá-la na cama e fazer amor com ela desesperadamente, mas o bom senso não permite tal loucura.

— Lembre-se, estou logo ali. — Aponto na direção da minha casa. —

Em menos de dois minutos estarei aqui, caso precise de mim. — Me levanto.

— Eu sei. — Estou segurando a mão dela. Sem desviar seus olhos dos meus, Eleonora passa o polegar preguiçosamente sobre a minha mão. —

Quando acordarmos iremos até lá lhe fazer uma visita. — Ela sorri.

— Isso me fará feliz. — Inclino o corpo e beijo sua testa, mas antes de me afastar, toco na sua barriga, acariciando-a. — Tchau.

Dou um tchau com uma vontade louca de ficar, em especial porque o olhar dela me pede para que eu fique. Eleonora está quase me implorando isso com a boca, porque seus olhos já estão me suplicando.

Peça, peça, Eleonora! Peça, que eu mando tudo para o inferno e fico aqui com você.

Ela não pede, mas o seu olhar suplicante permanece fixado no meu rosto. Ela sabe o quanto eu a amo, não preciso nem expressar isso com palavras, então, por que ela não me permite ao menos fazê-la feliz? Por que ela me afasta da sua vida, mesmo sabendo que me ama, mesmo sabendo que está louca por mim?

Ah, Eleonora, você será minha, e este dia está mais próximo do que imagina.

Aos poucos, eu me afasto. Nossas mãos, ainda juntas, vão se distanciando lentamente, e ela apenas sorri. Fecho a porta, desço as escadas e caminho para casa, com a certeza de que logo tudo o que eu vim fazer aqui será esclarecido. A Eleonora virá até mim, sem que eu precise ir até ela.



— Podemos entrar? — Estou distraído, fechando um relatório, quando escuto a doce voz da Eleonora. Deixo o notebook de lado e olho, sorrindo, para ela.

— Claro que podem — Olho para o relógio no meu pulso: já passa das dezesseis horas. — Descansaram bastante, hein! Então, o garotão aí te deixou dormir? — Me levanto e sigo até a porta onde a Eleonora permanece de pé.

— Ele obedeceu direitinho. Eu acho que ficou com receio de que um certo senhor Lafaiete ralhe com ele. — Nossa! Como ela é linda. Meus olhos emocionados admiram-na, e certamente estão brilhando com o prazer de vê-

la sorrindo.

Eleonora acaricia a barriga sorrindo, enquanto articula as palavras. Seus cabelos cobrem o seu rosto quando ela olha e admira o seu ventre arredondado. As maçãs do rosto coradas, os cílios longos e os lábios carnudos são a minha perdição. Fico enlouquecido só de vê-la, e o meu pau está duro só de pensar o que aquela boca já fez comigo.

Porra! Comporte-se, Maurício.

— Fico feliz por ele ter obedecido e tê-la deixado descansar um pouco, valeu a pena, pois você está com uma aparência ótima. — Chego mais perto e toco no seu ventre, alisando-o. — Com fome? — Pergunto, erguendo a cabeça para fitá-la.

Nossos olhares se fixam. Ela molha os lábios com a ponta da língua, e este gesto faz com que as minhas duas cabeças queiram a mesma coisa.

Maurício, lá vai você com os seus pensamentos libidinosos.

— Um pouquinho, só um pouquinho. — Ela toca na minha mão, levando-a até um pouco acima da sua bexiga. Sinto algo duro e logo depois

um movimento brusco. — Ele fica assim toda vez que escuta a voz.

Ele reconhece o pai, penso.

— Já somos parceiros... — Eu me calo quando vejo o olhar emocionado da Eleonora. Neste momento, tenho vontade de tomá-la nos meus braços e beijá-la apaixonadamente, mas freio o meu ímpeto.

— Vamos ao lanche? — Sua voz me traz de volta à realidade.

— Vamos. — Eu passo na sua frente, e ela me segue até a cozinha.

Preparo um suco de maracujá e sanduíches de pão integral de atum e ricota.

Estamos conversando animadamente, quando o meu celular toca.

Amaldiçoo em pensamento a pessoa que está me ligando. Pego o celular e olho o visor: é o filho da mãe do fornecedor que me deixou esperando por quase toda a tarde.

— Preciso atender, é de Salvador. — Rezo para que ela não vá embora.

— Sem problema, eu preciso mesmo ir. Vou aproveitar e tomar um banho, quando você terminar vá lá para casa. Podemos jantar juntos.

— Está certo, então. Assim que eu acabar aqui — aponto para o celular

—, vou para lá ajudá-la com o jantar.

Eleonora vai embora. Ligo para o fornecedor, e quando desligo, olho o relógio. Já são mais de dezessete horas, então eu lembro do encontro com a Vanessa. Não posso faltar, não posso deixá-la me esperando, afinal, o fato da Eleonora está mais maleável não significa que ela já me aceita como homem dela e pai do seu filho, portanto, eu vou, sim, vou me encontrar com a Vanessa.



Capítulo 23

E ntro, apressado, na casa da Eleonora, procurando por ela. Faltam quinze minutos para as dezoitos horas. Eu preciso ser rápido para não deixar a Vanessa esperando. Sigo para a cozinha, e assim que entro, encontro a Eleonora no fogão, segurando o cabo de uma panela.

— Enlouqueceu?! — Ela se assusta, levando a mão ao peito, mas antes que se vire, tomo a panela da sua mão, afastando-a do fogão. — O calor do fogo pode fazer mal ao bebê, não faça mais isso.

Desligo o fogo. Ela estava esquentando um pouco de feijão preto.

— Nossa! Aonde você vai assim, tão arrumado e cheiroso? — Ela me admira, me olhando de cima a baixo.

— Esqueceu que eu tenho um encontro hoje? — Ergo as palmas das mãos para cima e articulo.

Eleonora fecha a cara, entorta a boca e sai rapidamente da cozinha. Eu a sigo.

— Não acreditei que levaria esse convite adiante, pensei que você tinha ligado para a Vanessa e desmarcado... — Ela se vira e me olha outra vez, de cima a baixo. — Mas pelo cheiro e pelos trajes, eu me enganei, você está bem empolgado.



— Não exagere, Eleonora. Eu sempre me visto assim. Quanto ao perfume, é o de sempre, mas se você quiser, eu posso tomar outro banho e mudar de roupa, você quer?

— Não seja irônico, senhor Lafaiete! Saia com quem quiser e do jeito que quiser. Quer saber? Vá para o inferno... — Sua voz embarga, e percebendo que está perdendo o controle, ela abre a porta e aponta para a rua.

— Saia da minha frente, não quero ser a culpada pelo seu atraso.

— Eleonora... — Começo, em um tom ameno. — Se não quer que eu vá, é só

pedir que não vou, não precisa ficar com ciúmes.

— Vá à merda, Lafaiete presunçoso filho da mãe! Não estou com ciúmes, eu só quero que você me deixe em paz, saia daqui! — Esbraveja, nervosa.

— Quer se acalmar? — Eu me aproximo, mas ela se afasta. — Não quer que eu vá? É só me pedir para ficar. — Repito.

— Eu quero que você vá à merda! — Ela passa por mim o mais depressa que as suas pernas pesadas permitem, e enquanto sobe as escadas, diz:

— Feche a porta antes de sair, e divirta-se no seu encontro.

— Quer saber, vou me divertir mesmo, sua cabeça-dura dos infernos!

Não se esqueça de que esse encontro foi ideia sua. Passe bem, dona orgulhosa.

Nem espero por uma resposta, saio batendo a porta com violência.

Que porra de mulher orgulhosa do caralho!

Assim que chego em frente à clínica, avisto a linda Vanessa, ela já estava à minha espera. Estou dez minutos atrasado. Desço do carro e espero que ela atravesse a rua, abro a porta do carro e a ajudo a entrar.

— Desculpe o atraso, a tarde toda estive envolvido no trabalho. Quando dei por mim, já passava das dezessete horas.

— Está tudo bem, o importante é que você veio. — Ela sorri enquanto sua mão toca a minha, em uma carícia maliciosa.

— Tem preferência por algum lugar? Lembre-se que não sou daqui e que conheço pouca coisa da cidade. — Digo, já saindo com o carro do acostamento.

— Conhece a praça central? — Assinto com a cabeça. — Há uma cafeteria na esquina, muito boa, o lugar é aconchegante, tranquilo e tem música ambiente agradável.

— Nossa cara, é do que precisamos no momento, a não ser que você prefira ir a um restaurante. Podemos jantar, ao invés de apenas tomar um café. — Paro no

semáforo.

— Você não conhece mesmo o café que nós vamos. Lá tem de tudo um pouco, do café da manhã ao jantar, é só escolher. — Informa, descontraidamente.

Ela me mostra como chegar ao local. Estaciono o carro e seguimos para o interior da cafeteria.

Assim que entramos no estabelecimento, não consigo entender por que puseram o nome do local de Cafeteria Primavera. Tudo aqui é lindo demais e sofisticado demais, nem parece que estou em uma cidadezinha do interior.

Um lugar como este você só imagina encontrar nas grandes metrópoles do mundo. A amplitude do lugar, as mesas em madeira escura, espalhadas meticulosamente por todo o salão para não incomodar o cliente do lado, a iluminação em candelabros, velas e flores coloridas em todas as mesas e um lindo jardim ladeando todo o café, tudo isso o torna incrivelmente romântico.

Me pergunto se a Eleonora já conhece este local, pois se não conhece, ficará encantada. Ela tem os mesmos gostos que eu.

Um garçom vem nos receber.

— Boa noite! — Ele nos cumprimenta com um sorriso esticando os lábios. — Têm preferência de lugar?

— Sim, queremos um local, reservado e tranquilo. — Ele acena com a cabeça e nos pede para segui-lo.

Nos sentamos no lado esquerdo, onde a vista para o jardim é muito mais linda. De onde estamos, podemos ver um lindo chafariz iluminado. Vendo o cardápio, optamos por jantar antes e só depois provar o delicioso café, que é tão elogiado pela minha linda acompanhante Vanessa.

— Posso fazer uma pergunta pessoal, mas que tem a ver com o nosso encontro?

— Você pode me fazer quantas perguntas você quiser, se eu puder respondê-las, tenha certeza de que todas terão respostas verdadeiras. — Já sei até quais são as perguntas que ela fará.

— Você é o pai do bebê da doutora Eleonora? Espere, deixe-me justificar a pergunta. — Ela me interrompe, antes mesmo que eu possa responder. — Estou perguntando isso porque, por mais amigo que um homem seja de uma mulher, ele não faria as coisas que você faz para uma mulher grávida. Como você deve saber, Lírios do Vale é uma cidade pequena e todo mundo sabe da vida de todo mundo.

Sei bem como é isso, pois cresci em uma cidade pequena do interior.

— Se sou o pai do bebê ou não, isso não sou eu quem deve responder, mas posso garantir que eu gostaria muito de ser o pai. — Não sei se era essa a resposta que ela queria, mas foi a que pude dar.

— Você é apaixonado por ela, não é?

— Está tão óbvio assim? — Pergunto, surpreso com a destreza da Vanessa.

— Como dois e dois são quatro. — Ela respira fundo, decepcionada, mas foi ela quem perguntou. — Eu não entendo certas mulheres, se fosse eu no lugar dela já estaria casada com você, se bem que casamento não é garantia para segurar homem algum, mas pelo menos você seria meu por algum tempo.

Escondo o riso nas costas da mão. Deixo o garfo na borda do prato, apoio as costas no encosto da cadeira e a observo.

— Mulheres são definitivamente complicadas, pelo menos as mulheres com quem me envolvi até hoje. Eu acho que o problema está comigo, não com elas, o que eu quero elas não querem.

— E o que você quer, Maurício?

— Casar, ter filhos, uma casinha branca com varanda, uma linda família a qual eu possa amar, cuidar, proteger. Só isso.

— Prazer, Maurício. Meu nome é Vanessa, sou solteira, vinte e quatro anos e posso ser a mulher dos seus sonhos, porque com certeza você é o homem dos sonhos de muitas mulheres, inclusive dos meus. — Ela estende a mão, eu a seguro e nós começamos a gargalhar.

— Queria eu que as coisas funcionassem assim, Vanessa. Nós não nos

apaixonamos quando queremos, quem manda é o coração, e o meu já tem dona, é uma pena que ela só me queira como amigo.

— Idiota. — Fito-a, chocado. Ela me chamou de idiota? — Não você, a idiota é a dona do seu coração. Ela deve ser daquelas mulheres problemáticas, que já passou por uma grande decepção na vida e ficou traumatizada, essa é a

melhor explicação para que ela dispense um homem lindo e apaixonado como você.

— É bem por aí. Ela me deixou e veio para cá, mas só há pouco tempo eu descobri que ela estava grávida. Eleonora nega que o filho seja meu, mas eu tenho certeza que é...

— Que doido isso! Enquanto algumas mulheres fariam qualquer coisa para dar um pai para os seus filhos, essa abre mão de um. — Vanessa empurra o prato e bebe o suco, mas sem afastar os olhos curiosos de mim. —

Você sabe que pode pedir um exame de DNA? É só procurar um bom advogado e entrar com um processo.

— Eu sei, mas sei também que não será preciso, sou um homem paciente, saberei a verdade quando o bebê nascer.

— E se não for seu, o que fará? — Ela pergunta, enquanto eu chamo o garçom.

Ele vem até nós e eu peço dois cafés cremosos com cobertura de chocolate e uma fatia de torta de morango para a Vanessa.

— É meu, eu tenho certeza, mas se por ironia do destino não for, se ela quiser eu assumo a paternidade, mesmo que ela não queira ficar comigo.

— Caralho! — Vanessa articula, com uma admiração estrondosa. —

Isso é que é amor. De onde você veio, existem mais alguns homens como você? Você não tem irmãos, primos ou um parente bem distante?

Vanessa é muito engraçada e muito extrovertida.

— Todos os Lafaiete estão casados, sou o único solteiro. — Ela solta uma

respiração forte, balança a cabeça e depois me encara.

— Sorte para algumas, azar para outras. Então quer dizer que entre nós só vai existir amizade, estou certa?

— Sim, peço desculpa se fiz parecer outra coisa, mas eu precisava conversar com alguém, expor as minhas angústias, e eu não conheço ninguém aqui, só a Eleonora.

— Não nego, eu quero outras coisas com você, mas se você só quer um ombro amigo, é melhor isso do que nada, pelo menos vamos deixar a doutora Eleonora com bastante ciúmes, porque ela ficou bastante irritada quando viu você conversando comigo. Ela não é mal-educada, mas hoje ela foi.

Não consegui conter a gargalhada, quase derramo o café na minha camisa, a observação da Vanessa foi cômica.

— É, ela ficou bem irritada.

— É isso que eu não entendo, agindo assim, ela não nega que está apaixonada por você, então por que não se rende e assume logo a porra desse relacionamento?

— Sejam quais forem os motivos, eu descobrirei. — Chamo o garçom outra vez, quando ele olha na nossa direção, eu peço a conta.

— E enquanto isso, podemos fazê-la se sentir insegura e eu tiro uma casquinha de você, mas com todo respeito.

— Você é terrível, Vanessa. Quem te vê atrás daquela bancada não sabe do seu potencial.

Entrego o cartão ao garçom. Com tudo pago, eu me levanto e ajudo a Vanessa, e depois seguimos para o carro. Levo-a para casa, desço do carro e abro a porta do carona, estendendo-lhe a mão para ajudá-la a sair do carro.

— Quer ir ao cinema na sexta-feira à noite? Depois podemos ir a outro lugar, o que acha? — Gostei da ideia de fazer ciúmes para a Eleonora, e a Vanessa é uma ótima companhia.

— Você quer mesmo deixar a doutora Eleonora enciumada? — Dou um

sorriso de lado. — Bem, se é esse o plano, será um prazer ficar ao seu lado, porque eu também farei ciúmes para um monte de recalcadas desta cidade, então, até sexta-feira.

— Pego você aqui. Às dezenove horas, então?

— Combinado. — Recebo um beijo no rosto, bem próximo à minha boca. Não foi proposital, eu me atrapalhei na hora de virar o rosto, mas ela certamente gostou.

Espero a Vanessa entrar em casa e sigo o meu caminho. Olho rapidamente para o relógio do carro: já é quase meia-noite. Será que a Eleonora ainda está acordada?



Capítulo 24

A s luzes do quarto da Eleonora estão acesas, e isso quer dizer que ela está acordada, pois ela não dorme de luzes acesas. Será que está me esperando? Ou, quem sabe, quer saber a que horas vou chegar. A vontade que tenho é de ir até

sua casa, só não sei se isso é o certo a fazer. Em meio à dúvida, resolvo deixar o carro na garagem, travo as portas e sigo em direção à porta principal da minha casa. Entro, acendo a luz da sala, e assim que deixo a chave no aparador, sinto um aperto no peito e aquela vontade de vê-la vem com uma força bruta, quase sufocante. Já estou a caminho do quarto, quando subitamente fico imóvel.

Que se foda, eu preciso vê-la!

Viro-me, apago a luz e saio apressadamente. Dou a volta no jardim e entro pelo portão que liga as nossas casas. Abro a porta da cozinha e entro silenciosamente. Está tudo escuro, com exceção das escadas que dão acesso ao andar de cima. Subo-as de dois em dois degraus. Escuto o som da TV, a porta está entreaberta, empurro-a, mas não entro. Deslizo a cabeça para dentro do quarto e observo. Eleonora não está na cama. Passo os olhos rapidamente em todo o ambiente, procurando-a, porém, ela não está lá. Entro e sigo para o banheiro, e lá ela também não está.

Onde você se meteu?

Saio em direção às escadas, quando escuto um barulho que vem do

quarto do nosso filho. Eu vou até lá. A porta está aberta, e assim que me aproximo da porta, ela me encara. Seus olhos estão vermelhos e inchados. Ela andou chorando.

— O que você faz aqui? — Eleonora questiona, rispidamente — Vá embora, volte para a sua recepcionista. — Ela me encara, avaliando o meu rosto demoradamente.

— Ela não é minha recepcionista, somos apenas amigos. — Eu me defendo.

— Não é o que parece. Pelo visto, a amizade passou para o próximo nível. — Ela aponta com o dedo para o meu rosto.

Passo a mão pelo meu rosto, para onde ela apontou, e verifico o que a incomoda tanto. Batom. Só então eu me lembro do beijo da Vanessa quando nos despedimos.

— Isso?! — Exclamo, mostrando-lhe a mão suja com a mancha vermelha — Ela me beijou no rosto quando eu a deixei em casa, mas foi só isso, não precisa ficar

irritada.

— Não seja presunçoso, senhor Lafaiete. Eu não estou enciumada, você é um homem livre, pode foder quem você quiser.

— Sou livre porque você quer. — Acrescento: — Minha liberdade só depende de você.

— Vá embora, Maurício. Eu não quero conversar. — Ela faz menção de sair, mas eu a detenho, segurando-a pelo braço. — Me deixe em paz, eu estou cansada, quero dormir.

Eleonora puxa rapidamente o braço que está preso na minha mão e sai do quarto. Escuto o som dos seus passos, ouço a porta do quarto dela abrir e fechar. Esfrego as mãos nos meus cabelos, ainda sentindo a sensação do



ciúme da Eleonora. É melhor levar a sério esse plano de provocar ciúmes, mesmo correndo o risco de ser chutado de vez da vida dela.

Estou começando a entender que ela só funciona sob pressão. Isso é frustrante, saber que a mulher que eu amo desesperadamente não confia em mim, que ela não acredita no meu amor. Vim para cá com a intenção de ser apenas amigo, só que agora eu sei que essa porra de plano não vai dar certo, pois não tem como ser apenas amigo da Eleonora, quando o que eu mais quero é fodê-la com força, mostrar a ela o quanto eu a amo e a quero. Essa merda de possessividade que comanda os Lafaiete é algo para ser estudado pela NASA.

Aperto minha mandíbula em determinação e saio do quarto, marchando de volta para a minha casa. Sem sono, resolvo trabalhar, havia muito trabalho acumulado, uma enorme variedade de relatórios anexados no meu e-mail.

Isso me deixou ocupado por horas. Quando o sono chegou e eu olho para o relógio no meu pulso, vejo que são quase três horas da manhã. Vou para o quarto, tomo um banho rápido, e antes de me deitar, sigo até a janela. Por alguns minutos, mantenho o meu olhar direcionado para a janela do quarto de Eleonora. As luzes estão apagadas, ela está dormindo, então eu fecho a cortina e me deito.

Na manhã seguinte, Eleonora se manteve distante, aceitou a minha ajuda, mas mal conversamos. Nas poucas vezes que eu conversei com o meu filho, foram quando ela estava dormindo, pois quando estava acordada não permitia minha aproximação.

No resto da semana não houve mudanças. A Eleonora continuou arredia, irritada e resmungona. Às vezes eu achava que desabaria, outras vezes, achava que ia me matar, mas na maioria das vezes, achei que ela queria me

beijar e fazer amor comigo.

Não sei como vai reagir quando souber que hoje vou levar a Vanessa ao cinema e depois para algum lugar mais animado. Durante a semana não quis tocar no assunto, pois as duas vezes em que ela me viu conversando com a Vanessa, pelo celular, só faltou me expulsar da sua casa, então, achei melhor nem tocar no assunto “Vanessa”.

— Maurício, você pode... — Eleonora entra no meu quarto de repente, quando estou terminando de me vestir para ir me encontrar com a Vanessa.

— Vai sair?

Ela está com um pote de vidro de palmito na mão. Eu pego-o e o abro.

— Vou, por quê? — respondo, fingindo desinteresse na pergunta curiosa.

— Pensei que jantaríamos juntos. Eu estou preparando aquela salada primavera que você adora. — Eleonora me avalia dos pés à cabeça, me seguindo para onde vou. — Por que não me avisou que tinha planos para a sexta-feira à noite?

— Porque você deixou bem claro que não se importa com o que eu faço da minha vida. — Pego as chaves do carro e a encaro, fingindo descaso.

— Eu não disse isso, não ponha palavras na minha boca, só disse que você não me deve explicações, mas isso não quer dizer que não me importe com você.

A voz dela soa insegura, posso até afirmar que está medrosa. Ela me segue até a sala, olhando-me com desespero, como se quisesse me impedir de sair.

— Maurício... — Murmura meu nome, indecisa.

— O que foi? — Viro-me e olho para o relógio, já estou atrasado.

— Vai sair com quem? Vestido assim, só pode ser com uma mulher.

— Com a Vanessa. Nós vamos ao cinema e depois... bem depois, só Deus é que sabe. Eu preciso ir, feche a porta quando... — Ela não me deixa terminar a frase, passa por mim feito um furacão.

— Idiota! Mentiroso. — Eleonora sai espumando de raiva. Não sei por que me chamou de mentiroso, mas eu também não quis saber, é bom que ela se sinta insegura e saiba que há alguém tentando tomar o que é dela.

Sigo para o carro sem olhar para trás, sentindo-me um monstro por estar fazendo a mulher que eu amo sofrer, no entanto, sei que é necessário ficar distante dela por algum tempo, me manter indiferente. A Eleonora precisa provar um pouco do seu próprio veneno.

— Nossa! Isso tudo é para me impressionar? — Abro os braços com as palmas das mãos para cima, admirado pela beleza extraordinária da Vanessa, assim que ela surge na porta de casa. — Moça, onde estão os rapazes de Lírios do Vale? Eles só podem estar cegos, você está linda!

Vanessa estica os lábios em um sorriso lindo. Acho que ela não recebe muitos elogios masculinos, pois fica encabulada com o meu elogio.

Ela usa um vestido azul justo, moldando perfeitamente as curvas do seu corpo. Ele é provocante, mas não é vulgar, tem um decote em V profundo, me dando um vislumbre dos seus seios volumosos. Os saltos altos deixam suas pernas esguias e sua bunda empinada. Ela é gostosa! Se fosse em outra ocasião, hoje nossa noite terminaria em uma bela foda, no entanto, minha situação é outra hoje.

— Vai ficar aí me admirando?

Sacudo a cabeça para afastar os meus pensamentos libertinos e a fito, sorrindo.

— Claro que não, vim buscá-la para irmos ao cinema, e vamos ao cinema. — Estendo a mão, ela a segura, logo depois eu a levo para o carro.

Entramos em um consenso, escolhemos uma comédia, pois se dependesse de

mim nós teríamos assistido um filme policial com muita ação.

Eu ri bastante, foi muito divertido. Ao sairmos do cinema eu propus que fôssemos a algum lugar para dançarmos, mas a Vanessa preferiu um barzinho com música pop ao vivo. Ela tem bom gosto, pois o barzinho é agradável e a música é suave, não agride nossos ouvidos e podemos conversar sem precisar gritar um com o outro.

Sentamos na parte exterior do bar, pois o céu está estrelado e com uma linda lua cheia, por isso achamos adequado ficarmos expostos à brisa suave da noite. A garçonete serve as nossas bebidas enquanto providencia os petiscos.

— Então, como a doutora Eleonora reagiu ao nosso segundo encontro?

— Estou admirando o local, quando me surpreendo com a sua pergunta.

— Ela ficou uma fera, quase desisto de vir. — Sou sincero, pois realmente minha vontade era dar meia-volta e correr para a Eleonora.

— Que bom que não desistiu. Bom para você, porque a doutora Eleonora precisa saber que corre o risco de perdê-lo, e bom para mim, porque estou tirando uma lasquinha sua.

A garçonete nos serve uma porção de bolinhos de bacalhau. Espero que saia e digo:

— Você não perde tempo, já lhe disse que entre nós só haverá amizade, portanto, se está fantasiando algo mais, eu peço que desista, pois sou fiel ao meu coração, mesmo que a dona dele não se importe.

— Maurício, já lhe disseram que enquanto há vida há esperança? Pois

então, só desistirei quando o jogo acabar, e ainda assim, ficarei à espera da prorrogação, disputa pelos pênaltis ou qualquer milagre...

Ela solta uma gargalhada, e eu a acompanho. Rimos com vontade por alguns minutos, até que ela fica séria e me encara com olhos preocupados.

— Maurício, agora é sério. Não deixe a Eleonora brincar com o seu coração, ela é uma idiota por não te aceitar, e se ela continuar se fazendo de difícil, deixe-a

aqui e volte para Salvador, espere o seu filho nascer, depois procure a justiça e exija o seu direito de pai. Nenhuma mulher ou homem merece o nosso sofrimento.

Aqui estou, em plena sexta-feira à noite, recebendo conselhos de uma jovem moça de vinte e quatro anos. Quando eu poderia imaginar que passaria por tal situação?

— Nunca lhe disseram que quando amamos nos tornamos idiotas? Pois é, eu sou um idiota, mas não se preocupe, se a Eleonora não se der conta do quanto eu a amo, não vou insistir, vou deixá-la em paz.

— Não se esqueça de que estou na fila. E acho que sou a primeira. —

Ela levanta a mão e sorri alegremente.

— Vou me lembrar disso. — Seguro a sua mão e a levo aos meus lábios, beijando-a levemente. Vanessa se inclina sobre a mesa e me beija no rosto.

Passamos uma noite ótima, divertida e descontraída. Por alguns momentos, eu me esqueci dos meus problemas.

Deixo a Vanessa na porta da casa dela um pouco antes da meia-noite.

— Adorei a nossa noite, Maurício. Foi muito divertida. — Estamos próximos um do outro.

— Eu também, Vanessa... — Seguro o seu queixo com as pontas dos dedos, e por um momento penso em beijá-la, mas recuo, não é certo, não

quero estragar a nossa amizade. — Boa noite, linda moça. — Inclino o corpo e beijo sua testa.

Vanessa se joga contra o meu corpo, abraçando-me e me apertando de encontro ao seu corpo. Sinto seu beijo molhado no meu pescoço. Aos poucos ela se afasta e seus lábios tocam os meus, beijando-me ternamente. Afasto-me sem dizer nada, entro no carro e sigo para casa.



Capítulo 25

D eixo o carro na garagem, e antes de abrir a porta, olho em direção à casa da Eleonora. Ela está completamente escura. Certamente ela está dormindo, então eu giro a chave na fechadura, entro e acendo a luz da sala, deixando as minhas coisas sobre o aparador. Eu me livro dos meus sapatos, retiro a camisa de dentro da calça, desabotoo os botões e desafivelo o cinto.

Me sirvo de uma dose de uísque, estou precisando, quem sabe assim eu posso pegar no sono mais rápido e esquecer por alguns segundos da Eleonora.

Penso nas palavras da Vanessa, e por um momento concordo com ela, realmente não posso bancar o idiota por muito tempo, chega uma hora que cansa, e já estou me cansando de correr atrás de alguém que foge de mim todas as vezes que eu chego perto.

Olho o copo na minha mão, agito-o e viro o líquido dourado de uma só vez na boca, sentindo-o queimar ao descer pela minha garganta. Me sirvo de outra dose.

Eleonora, por que você é tão teimosa? Por que simplesmente não se entrega ao

nosso amor? Porque eu sei que você me ama!

Desligo a luz da sala e deixo só os spots ligados, a penumbra talvez me faça adormecer. Sento-me no estofado, provo o uísque e apoio a cabeça no encosto acolchoado do sofá.

Por que tudo tem que ser tão difícil para mim?

Já estou pronto para me fazer a segunda pergunta, quando escuto um barulho vindo do lado de fora. Será um ladrão? Me levanto rapidamente e sigo cautelosamente para a porta, mas antes que minha mão alcance a maçaneta, ela se abre, e me espanto com a presença da pessoa que vejo diante dos meus olhos.

— Eleonora! — Ela para os passos, boquiaberta, olhando-me espantada, com um ar de surpresa.

Mesmo surpreso, não posso deixar de notar o quanto está sexy. Ela veste uma camisola curta preta, transparente, seu lindo ventre avantajado está mais evidente, o que permite que eu possa ver um pouco mais das suas coxas e imaginar qual a peça que cobre sua linda boceta. Atordoado com a linda visão, meu olhar percorre o seu corpo de baixo para cima, os seios fartos estão quase saltando do decote da camisola. Ela quer me enlouquecer! Acho que o plano é esse, me enlouquecer e depois fugir.

— Aconteceu alguma coisa, você está bem? — Indago, enquanto eu a puxo para dentro de casa e fecho a porta atrás de mim.

Ela entra, andando com passos reticentes. Ao tocar no seu braço, posso senti-la trêmula, não sei se foi o meu toque ou se está frio lá fora. Eleonora vira-se de encontro a mim. Olhos brilhando, lábios entreabertos, e apesar da pouca claridade, posso notar um rubor no seu rosto.

— Eu... eu estou bem, é... é que... — Ela vacila com as palavras, que parecem não quererem sair. Ela está nervosa, só não sei por quê. — Eu vi você chegar... e... como não... foi me ver... — Ela engole a saliva, dá um passo à frente, seus olhos varrem o meu rosto; ela dá outro passo à frente. —

Está zangado comigo?

Zangado não é bem a palavra, senhora orgulhosa.

— Por que estaria zangado com você? — Coloco as mãos nos bolsos da calça e a encaro. — Não fui até sua casa porque já está muito tarde. — Por fim respondo.

— Mau... Maurício... — Eleonora junta as mãos na frente do corpo, torcendo-as nervosamente. Ela quer o mesmo que eu quero, sua linguagem corporal me diz isso.

Então, sem esperar por um pedido seu, avanço na sua direção, tomando-a nos meus braços e roubando a sua boca em um beijo devasso. Eu a quero, ela me quer, então que se foda a porra toda! Ela é minha, pelo menos por esta noite.

Deslizo as minhas mãos para baixo, até encontrar a sua bunda, e a puxo, trazendo-a para mais perto do meu corpo. Seus seios pressionados contra o meu peito, me fazendo sentir seus mamilos duros me furando.

Meu membro vibra com a devassidão do roçar do seu corpo contra o meu.

Eleonora inclina a cabeça, dando acesso ao seu pescoço, e assim que meus lábios tocam a sua pele, sinto seus pelos se eriçarem. Foi demais tudo isso, por isso circulo meus braços em volta do seu corpo, tirando-a do chão, levando-a para o estofado no qual agora há pouco eu tentava dormir para esquecê-la – e agora eu a amarei.

— Como eu te quero, Eleonora. — Articulo as palavras sem afastar a minha boca da sua pele.

Puxo os seus braços sobre sua cabeça e uso a minha boca para deixá-la ébria de paixão.

— Mau... Maurício. — Eleonora sussurra meu nome, torcendo e

contorcendo o corpo.

Afasto-me um pouco, apenas para que eu possa baixar as alças da sua camisola. Meus olhos a contemplam, admirando os seus seios redondos e inchados, tão perfeitos, seus mamilos tão duros.

— Você me enlouquece, Eleonora. — Mergulho minha boca em um dos seus seios, sugando-o com vontade. Envolvo um braço ao redor dela, tentando não a apertar muito, pois seu ventre inchado não nos permite ficar juntos demais. Ela

se contorce, gemendo, me enlouquecendo.

Lambo com a minha língua o mamilo rijo, comendo-o, enlouquecendo-a.

Eleonora está sedenta por uma carícia, sedenta de mim, pois as suas mãos me agarram com força, suas unhas arranham a pele do meu pescoço. Faço o mesmo com o outro seio, sugando o mamilo com a mesma fome e com a mesma ferocidade. Extasiado com o nosso fogo, arrasto a minha boca para baixo, mordendo-a por cima da seda da camisola. Eleonora delira, ela sabe o que estou prestes a fazer.

Escorrego meu corpo para fora do estofado e fico de joelhos. Uma das minhas mãos suspende a sua camisola e a outra se livra da sua pequena calcinha. Meu membro estremece ao ver a sua linda boceta, peladinha, rosada e completamente lubrificada, pois sua umidade molha entre as suas coxas.

Eu conheço o seu gosto e ainda posso senti-lo na minha língua.

Espalho suas pernas e acaricio seu clitóris. Sinto-o duro, pulsante.

— Maumau, me fode, pelo amor de Deus! — Ela grita, implorando.

Sem esperar por mais uma súplica, olho para sua boceta e mergulho minha boca nela, chupando o seu clitóris e lambendo entre as suas dobras.

Seguro firme as suas coxas, pois ela tenta se fechar, e enterro a minha língua na sua abertura.

— Por Deus, isso é muito bom! Você é muito bom nisso. Mais, mais, Maumau. — Ela implora, geme, enquanto com as mãos tenta empurrar a minha cabeça com força entre suas coxas.

Chupo-a com mais força, mordo e lambo tudo lentamente. Eleonora começa a tremer, respirando apressadamente.

— Oh, meu Deus! — Ela geme, arqueando o corpo com força.

Eleonora solta um grito e goza na minha boca, esfregando a sua boceta no meu rosto. Ela ainda empurra o meu rosto contra a sua boceta, enquanto geme e se contorce. Lambo todo o seu prazer, e enquanto faço isso, acaricio sua barriga.

— Maumau... — Ela tenta recuperar o fôlego, enquanto se ergue e sustenta o corpo nos cotovelos. — Faz tanto tempo, que eu já tinha me esquecido como você é bom nisso.

Ela tenta me puxar para cima de si. Eu me levanto e tento manter o peso do meu corpo longe do dela. Acendo a luz do abajur para conseguir vê-la melhor. Ficamos próximos, nossas bocas quase juntas, as mãos dela acariciando a minha nuca, então...

Ela me afasta bruscamente, olhando-me horrorizada. Ela avalia todo o meu rosto. Levanta e se veste apressadamente.

— Canalha, mau-caráter... — Fico pasmo, pois não entendo o que aconteceu para que ela mude de forma tão repentina. — Como ousa me tocar depois de foder a Vanessa?

— O quê?! — Devem ser os hormônios, só pode ser, ela ficou completamente louca. — Do que está falando, ficou maluca, Eleonora? —

Tento me aproximar e segurá-la, mas ela se afasta, dando dois passos para atrás.

— Maluca?! — Grita, enlouquecida, e começa a chorar. — Isso aqui é maluquice? — Em dois passos ela se aproxima de mim e quase rasga a minha camisa, puxando a gola para me mostrar algo. — E isso aqui? — Ela aponta para o lado do meu rosto. — E não venha me dizer que foi outro beijo de despedida, porque está na cara que não foi.

Sigo até o espelho e vejo que a gola da minha camisa está manchada com batom vermelho, um grande borrão, e bem no canto da minha boca, também há uma marca de batom.

— Não seja ridícula, Eleonora, isso é só batom. A Vanessa me abraçou quando eu a deixei em casa, e quanto ao batom no meu rosto, ela me beijou levemente nos lábios, mas foi só isso. Eu não tenho interesse na Vanessa e você sabe perfeitamente disso.

— Mentiroso... — Suas mãos empurram meu peito com força. — Como fui tola por acreditar no seu amor, pois eu já sabia que assim que surgisse uma mulher mais jovem do que eu, você se interessaria por ela...

— Eleonora! — A interrompo, quase gritando. — Pare... pare de falar bobagens, eu não estou interessado na Vanessa, nem em qualquer outra mulher, porra! Caralho! Será que não vê isso? — Olho furioso para ela. —

Merda! Sua idiota, se não a amasse eu teria largado tudo e viria até aqui atrás de você, aceitaria ser só seu amigo, para ficar ao seu lado? Acorda, Eleonora, eu te amo, o que eu preciso fazer para que acredite nisso?

— Não gaste o seu vocabulário de merda comigo, senhor Lafaiete. Eu não acredito em nada do que você está me dizendo. Cedo ou tarde você vai nos abandonar, vai nos trocar por outra mulher mais jovem, e a prova está aí, no seu rosto e em sua camisa.

Ela vira as costas e sai apressada em direção à porta. Vou atrás dela, seguro-a pelo braço e puxo Eleonora de encontro a mim.

— Você não vai fugir de mim, eu não fiz nada, não te traí. — Ela puxa o braço com brutalidade, olhando-me enfurecida.

— Não me toque, nunca mais me toque, esqueça-me e fique longe de mim, senhor Maurício Lafaiete, entendeu?

Ela vira as costas e segue com pressa para a porta.

— Acho que farei isso mesmo. — Ela para de caminhar e fica olhando para a maçaneta da porta. — Cansei de correr atrás de você, cansei de tentar provar o quanto te amo, talvez seja melhor para nós três se eu me afastar de você. — Respiro profundamente e espero.

— Sei. — Sussurra. — Você já encontrou uma substituta, a velha aqui não serve mais... — Abre a porta. — Adeus, Maurício Lafaiete, seja feliz com sua nova ninfeta. — Sem me deixar argumentar, ela bate a porta com força atrás de si.

Chego a pensar em ir atrás dela, mas desisto e freio os meus passos.

Passo as mãos nervosamente pelos cabelos.

— Merda! — Grito e chuto a cadeira que está mais próxima.

Ok, acho que preciso deixar de ser um idiota.

— Chega! — Grito outra vez e esmurro o ar.

Sigo para o quarto e começo a jogar as minhas coisas nas malas e outras em caixas. Não tenho muitas coisas aqui. Assim que amanhecer eu vou entregar as chaves na corretora de imóveis e pagar os dias da locação, pois o meu contrato é mensal. Depois, eu vou voltar para Salvador. Não faz mais sentido ficar aqui. Quando o meu filho nascer, entro com o processo de reconhecimento de paternidade.

Termino de arrumar as minhas coisas, coloco-as na mala do carro, tomo um banho e vou dormir. Amanhã começa uma nova fase da minha vida.

Sem a Eleonora.



Capítulo 26

A ntes de sair de casa, ligo para o corretor e marco para encontrá-lo na imobiliária, às sete horas, para encerrar o contrato e lhe entregar as chaves.

Fecho as portas e olho outra vez na direção da casa da Eleonora. Eu poderia ter

ido até lá para termos uma última conversa, mas preferi não fazer isso. Ela que ligue para mim, caso sinta a minha falta. Já está na hora de deixar o orgulho dos Lafaiete correr um pouco pelas minhas veias. A Eleonora precisa saber que não pode brincar com os brios de um homem. Eu não lhe dei motivos para duvidar do meu amor por ela, e apesar de entender que não é fácil para uma mulher ver marcas de batom na roupa do seu homem. Será que alguma vez ela pensou isso de mim? Certamente que não, pois se tivesse pensado não me expulsaria da sua vida como um cachorro pulguento.

Eu não entendo o seu ciúme acalorado. Talvez não seja ciúme, talvez seja posse pelo seu brinquedinho favorito, já que não passo de um brinquedo para ela. E nessa brincadeira de gato e rato, quem terminou como vilã foi a Vanessa, e ela só queria me ajudar.

Vanessa... preciso ligar para ela e pedir desculpas antecipadas. Não sei o que vai acontecer quando a Eleonora ficar cara a cara com ela.

— Consultório da Dra. Cilene, bom dia! — Vanessa atende.

— Bom dia, senhorita Sorriso. — Cumprimento-a com alegria. —

Dormiu bem? — Pergunto.

— Maumau, que surpresa! — Ela responde com alegria — Ligando para mim tão cedo e no sábado, aconteceu alguma coisa?

— Você não respondeu à minha pergunta. — Contraponho.

— Dormi, sonhei com você, mas não vou contar o sonho. Então, agora responda à minha pergunta, está tudo bem? A Eleonora ficou com ciúmes?

Respiro profundamente e faço uma pausa.

— Ficou com tanto ciúme que me mandou à merda... — Faço outra pausa. — Vanessa, estou a caminho de Salvador, só liguei para me despedir...

— Vai desistir de tudo? — Ela me interrompe. — Não acredito que vai desistir. Poxa, Maurício, você ama tanto a Eleonora, onde está a determinação dos Lafaiete que você tanto se orgulha?

— Tudo na vida tem um limite, Vanessa. — Respondo. — Chega uma hora que cansa. Acho que eu e a Eleonora não temos muita chance, ela nunca vai confiar. Apesar de saber que ela me ama, eu sei também que ela não confia em mim. Se ficarmos juntos, ela sempre desconfiará de mim, sempre vai achar que eu vou trocá-la pela primeira mulher mais nova que surgir no meu caminho.

— O que aconteceu para ela ficar tão brava?

— Ela viu as marcas de batom... ela pensa que fizemos sexo.

— Poxa, Maurício, desculpe-me, não fiz de propósito, nem percebi. Se você quiser eu posso conversar com ela, digo...

— Não precisa. — Interrompo-a. — Não vai adiantar, ela não confia em mim. — Um nó se forma na minha garganta, e conversar sobre isso me incomoda, então, eu resolvo encerrar a conversa. — Vanessa, obrigada pela força, e quando for à capital, me ligue, será um prazer levá-la para passear.



— Olha que eu ligo mesmo, mas é uma pena as coisas acabarem assim.

A tonta da Eleonora não tem noção do grande homem que ela está dispensando.

— Talvez seja melhor assim. Eu só não vou abrir mão do meu filho, assim que ele nascer, vou entrar com um processo de reconhecimento de paternidade.

— Isso mesmo, mas ainda assim, eu fico sentida por você, mas sei que vai superar. Um grande beijo, Maumau, e quando quiser conversar é só me ligar. By, by.

— Ligo, sim, obrigada por tudo, Vanessa, beijo. — Desligo.

Assim que chego em Salvador vou direto para o home center. No estado emocional em que me encontro, o que eu menos quero é ficar só e sem nada para fazer.

— Senhor Maurício! — Gloria fala, espantada ao me ver passar pelo hall de entrada do meu escritório. — Por que não me avisou que viria hoje? Nem

mandei limpar a sua sala. — Ela me segue como se fosse a minha sombra.

— Bom dia, Glória. — Olho em volta. — A sala está ótima, não se preocupe — Eu me sento enquanto ligo o notebook e digo: — Me passe todos os relatórios da semana, e também os que fechamos para a próxima. —

Continuo de cabeça baixa.

— O senhor vai trabalhar? — Ela se surpreende, mas não sei por quê, já que eu sempre trabalhei aos sábados, e às vezes, até no domingo. — Sim, qual o espanto nisso?

— Não vai voltar para Lírios do Vale?

— Não, Glória, o que eu tinha que fazer lá, já fiz. — Ergo a cabeça e a

encaro com um olhar determinado. — Estou de volta para a minha rotina a partir de hoje, agora vamos ao trabalho. Traga-me o que eu lhe pedi.

— Sim, senhor. — Ela se vira pelos calcanhares e sai da minha sala sem olhar para trás.

A Glória já me conhece o suficiente para saber quando estou ou não para conversa, e neste momento, eu só quero ocupar a minha mente e esquecer a Eleonora.

Se isso for possível.

Olho para o meu relógio de pulso. É quase meio-dia, a essa hora a Eleonora já descobriu que fui embora. Se ela não foi na casa onde eu morava, certamente deve ter visto a movimentação dentro dela, pois o corretor me disse que mandaria o pessoal da limpeza até lá hoje mesmo, portanto, ela já sabe que vim embora.

Pego o celular e verifico se há alguma ligação não atendida. Não, não há, ela não me ligou. Conhecendo-a como eu conheço, sei que ela não vai me procurar. Eleonora é orgulhosa demais para isso, ainda mais achando que está certa. Só não sei como suportar a saudade que já está me sufocando, sinto a falta dela e do meu filho.

Será que ele sentirá a minha falta? Será que ele saberá que fui embora e ficará zangado comigo por tê-lo deixado? Será que ele vai entender que fiz isso justamente pensando nele? Pois se eu continuasse próximo à mãe dele, só brigaríamos e isso não faria bem para ele...

Merda!

Afasto o notebook para longe e me levanto. Sigo até a janela, e por alguns minutos, observo o movimento do trânsito.

Preciso conversar com alguém, ou vou enlouquecer.

Pego a minha carteira e a chave do carro e saio da sala.

— Senhor Mauricio, eu já... — Dou de cara com a Glória, que carrega uma pilha de papéis nas mãos.

— Deixe na minha mesa, quando voltar do almoço dou uma analisada.

— Deixo a Glória sem palavras e saio apressadamente.

Com os pensamentos atordoados e sem saber o que fazer, sigo para o estacionamento e entro no meu carro, sento no banco, respiro fundo, em uma tentativa de colocar as ideias no lugar. Pego o celular e ligo para o Marcos.

— Estava pensando em você, acabei de falar com Matheus...

— Marcos, você está em casa ou no escritório? — Pergunto, interrompendo-o.

— Em casa, por quê? Maurício, o que há com você? — Ele pergunta, preocupado.

— Estou na merda, quando chegar aí eu te conto, tchau! — Após desligar o telefone, ligo a seta do carro para esquerda e sigo para a casa do Marcos.

A porta do apartamento já está aberta assim que saio do elevador. Logo dou de cara com uma Alexia sorridente. Ela vem até mim, segura a minha mão e leva até o seu rosto, e somente após alguns segundos é que eu toco a sua pele. Ela fecha e abre os olhos, isso é um sinal de permissão para que eu a abrace. A Alexia ainda é reticente ao toque, somente algumas pessoas podem tocá-la, isso

se ela permitir, e eu sou uma dessas pessoas.

— Como vai a minha cunhada linda?! — Digo, enquanto eu a puxo para um abraço. Ela se aconchega no meu ombro, circulando os braços ao meu redor e me apertando com carinho.

— Feliz, estou feliz. — Ela responde, sem se afastar dos meus braços. —

O Marcos já vem, ele está na cozinha fazendo o nosso almoço. Infelizmente ele não permite que eu chegue perto de nada que possa me machucar.

— Onde está a moça que trabalhava aqui? — Eu pergunto, enquanto me afasto para fitá-la. A Alexia está tão linda, tão... tão feliz.

— Eu a mandei embora — Marcos surge na sala com pratos e talheres nas mãos. — A idiota deixou a Alexia sozinha para ficar de conversa com um dos seguranças do condomínio. Justa causa na hora.

— Foi só por um minuto, mas o Marcos não quis me escutar. — Alexia olha para ele com uma carinha de zanga.

— Nem que fosse por meio segundo. Ordens são ordens e você é a prioridade desta casa, conversa encerrada. Venha, sente-se aqui.

Ele puxa a cadeira e a encara com ternura no olhar. Ele só olha assim para a Alexia, para os demais ele sempre é muito sério. O amor muda mesmo as pessoas.

— Como é, vai criar raízes na minha sala? — Ele me encara com seriedade — Fiz almoço para três. — Alexia se senta e ele beija a sua testa.

Fico morrendo de inveja da cena, e logo penso na Eleonora. — Venha me ajudar, cara — Marcos bate no meu ombro e me tira da inércia.

O almoço corre alegremente, mas a paz é interrompida quando a Alexia começa a se sentir mal. Ao se levantar, Marcos derruba a cadeira, e quando percebe que eu vou ajudar, me afasta bruscamente.

— Não, fique aqui, eu já volto! — Ele pega a Alexia nos braços e apressadamente a leva para o quarto.

Tento afastar a minha preocupação ocupando a minha mente. Tiro a mesa, lavo a louça, enxugo e guardo. Estou limpando a pia quando o Marcos entra na cozinha.

— Como está a Alexia? — Largo o pano de prato na pia e me viro para o Marcos, ele aparenta estar mais calmo.

— Dormiu, tem dois dias que ela está assim, desde que mudou a medicação. Eu já liguei para a médica dela e amanhã temos consulta. Não se preocupe, ela só fica enjoada e um pouco tonta, mas você sabe como eu sou em relação a Alexia. Ela é tudo para mim. Qualquer coisa que a machuque, me deixa irritado.

— Eu sei, aliás, todos nós sabemos. — Marcos vai até a geladeira e pega duas cervejas e me entrega uma delas.

— Vamos para a varanda, lá está mais arejado do que aqui. — Eu o sigo.

Marcos tem razão, pois a brisa suave que vem do mar refresca o calor da tarde. Nós nos sentamos. — O que aconteceu em Lírios do Vale? O que a Eleonora fez desta vez?

— Cansei, Marcos. Cansei de correr atrás dela. Cheguei à conclusão de que, posso fazer o que for, ela nunca vai confiar em mim.

— E o que aconteceu para você chegar a essa conclusão? Por que eu sempre te disse que a Eleonora é problemática. Não é normal uma mulher ficar grávida de um homem que a ama mais do que tudo na vida e ela negar a ele o direito de ser pai.

— Não é que eu tenha chegado a alguma conclusão, Marcos, só cansei.

Fiz de tudo para que ela percebesse que eu a amo. Até consegui fazê-la sentir ciúmes...

— Como é que é?! — Marcos se vira de frente para mim, me olhando com uma expressão pasmada. — Você enlouqueceu?! Não me diga que você fez ciúme para a Eleonora saindo com outra mulher! Foi isso, Maurício?

— Mais ou menos, mas foi com o consentimento dela. Ela me disse que

não se importava se eu me envolvesse com outra mulher, então resolvi chamar uma moça para sair, e funcionou, a Eleonora ficou morrendo de ciúmes, mas no nosso último encontro ela não gostou de ver as marcas de batom... — Marcos fecha o punho e bate no meu ombro.

— Não acredito nisso, você está brincando! — Exclama, me olhando. —

Pela sua cara, não está... — Ele passa a mão no pescoço — Marcos, a mulher já é problemática, não confia em você, e o gênio aí resolve sair com outra mulher, e aposto que mais nova do que ela. — Assinto com a cabeça. — O

que você queria, que ela aceitasse tudo isso?

— Não aconteceu nada! A Vanessa é só minha amiga, ela só queria me ajudar, mas a Eleonora não acreditou nos meus argumentos, mesmo que eu tenha dito que não aconteceu nada entre mim e a Vanessa, ela preferiu acreditar no batom. Eleonora me disse coisas horríveis, mandou que eu me afastasse dela, e foi o que fiz, e aqui estou.

— Maurício, mesmo que você tenha feito essa merda de provocar ciúmes, eu acho que a Eleonora deveria ser mais madura e mais segura de si.

Em um relacionamento onde há insegurança, ele não resiste por muito tempo.

Talvez com você longe, ela perceba que te ama, sei lá. Só acho que está na hora da Eleonora vir atrás de você, e se ela não vier, é porque ela não te ama de verdade.

— Eu também acho, e foi por isso que resolvi vir embora, mas não tenho esperanças, a Eleonora é orgulhosa demais, ela não virá me procurar. Já estou aceitando que o nosso relacionamento acabou, por isso agora só quero pensar no meu filho. Assim que ele nascer, vou entrar com o pedido de reconhecimento de paternidade, quero a guarda compartilhada.

— É seu direito, irmão. Você sabe que pode contar comigo, e não só comigo, mas com todos da família.

— Eu sei — Digo e me levanto. — Tenho que ir, preciso ocupar a minha cabeça com trabalho, pelo menos por alguns dias.

— Não precisa ficar sozinho, temos um quarto de hóspedes confortável e ficaremos felizes em ter você aqui.

— Obrigado, mas eu prefiro o meu apartamento. — Abraço meu irmão, e ele me acompanha até o elevador. — Dê um beijo na Alexia.

— Dou, sim. — A porta do elevador se fecha, e eu volto para a minha saudade.

A saudade que me sufoca, a saudade da mulher da minha vida.



Capítulo 27

ELEONORA

A cordo com um barulho perturbador. Assim que consigo colocar os pensamentos no lugar, percebo que a bagunça vem da casa do Maurício.

Ele só pode estar querendo me irritar, como se não bastasse a cena de ontem, ele quer me deixar com mais raiva dele. Eu juro que o mato! Será que o Maurício se esqueceu de que estou grávida, de que preciso descansar?

Algo muito pesado cai na varanda, fazendo um barulho assustador.

Levanto-me e ando o mais depressa que consigo até a janela. Já estou pronta para esbravejar com ele quando, através das cortinas, vejo um caminhão da imobiliária e vários homens entrando e saindo da casa do Maurício. Sinto-me mal, tudo gira ao meu redor, o bebê se agita no meu ventre, e eu me seguro na parede enquanto acaricio a minha barriga.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. O seu papai não foi embora, ele não nos deixaria, eu sei que não. — Sussurro.

Respiro profundamente e solto o ar lentamente. Volto a olhar na direção da casa do Maurício.

— Eles devem estar trocando algo que quebrou, o seu pai deve estar lá dentro. — Procuro o carro do Maurício, e vejo que ele não está na garagem e nem na frente da casa. — Ele deve ter saído para comprar algo. — Quero muito acreditar nisso.

Meu coração me diz que não, e começo a passar mal. Com passos rastejantes, consigo chegar até a poltrona e me sento. Os meus pés formigam, sinto falta de ar...

Deus me ajude!

— Fique calmo, filho, o papai não foi embora, ele deve ter saído enquanto os homens trabalham. — Meu filho está inquieto, dá chutinhos no meu ventre, só que a esta altura do campeonato, tão perto de dar à luz, esses chutes doem bastante, pois o bebê já está encaixado. — Shh, não faz isso, meu filho. — Aliso a minha barriga.

Durante longos minutos permaneço sentada, esperando melhorar.

Quando me sinto confiante, levanto e sigo para o banheiro. Meu banho é rápido, pois não quero cair desmaiada no box do banheiro. Apavorada, desço as escadas com cuidado, e antes do café da manhã, eu sigo direto para a casa do Maurício, preciso saber o que está acontecendo. Atravesso o jardim e vejo um rapaz rasgando algumas caixas.

— Bom dia! — O rapaz para o que está fazendo e me encara, respondendo ao

meu cumprimento. — Você pode me dizer se o rapaz que mora aqui está?

— Não há nenhum morador aqui, senhora. A casa já foi posta para alugar, o antigo morador entregou as chaves e já temos um novo inquilino, que vai se mudar daqui a dois dias.

Se o rapaz não estivesse perto o bastante eu teria caído no chão. Ele

segura meu braço e me leva até uma poltrona na varanda, para que me sente.

— A senhora está bem? Seu marido está em casa? Quer que eu o chame?

— O coitado do rapaz não sabe o que fazer, ele me olha com preocupação e cheio de dedos para me tocar.

— Estou bem, é só um mal-estar matinal, não se preocupe, só preciso respirar e descansar um pouco.

— Quer que eu chame alguém?

Sim, eu quero, vá buscar o meu Maurício, traga-o para mim.

Esse pensamento faz meus olhos marejarem.

— Moça, vou chamar uma ambulância. — O rapaz leva as mãos à cabeça e chama alguém. Um outro homem surge de dentro da casa. — É a vizinha da casa ao lado, ela não está nada bem, acho que vai parir.

— Não... não vou dar à luz, só estou um pouco tonta, já está passando.

— Tento tranquilizar os dois homens que me olham assustados.

— A senhora tem certeza? — O homem barbudo que estava no interior da casa pergunta.

— Tenho, só me ajudem a chegar em casa.

Eles me levantam da poltrona e cada um deles me segura por um dos braços, levando-me de volta para casa.

— Obrigada, rapazes, podem ficar tranquilos que estou bem. — Eles continuam

me olhando como se eu fosse desmoronar a qualquer momento. —

Podem ir, estou melhor. — Afirmo. Eles começam a se afastar, mas a cada dois passos dados, eles olham para trás.

Assim que eles desaparecem, deixo as lágrimas descerem feito cascatas.

Eu sei que exagerei nas palavras ontem à noite, só que não esperava que o

Maurício levasse tão a sério o meu pedido de me deixar em paz. Não imaginei que ele fosse embora.

Levo as mãos ao rosto e choro compulsivamente. Será que ele perdeu o interesse por mim, já que pensa que o meu bebê não é dele? Será que está interessado na Vanessa?

Não, não, Eleonora, o Maurício te ama...

Não, ele não ama. Se me amasse não beijaria outra mulher, não a foderia... Merda! Esqueça-o! Talvez seja melhor assim, é melhor sofrer agora do que sofrer no futuro.

Levanto-me e tento comer algo, pois eu preciso alimentar meu filho.

Enquanto eu como, faço carinho na barriga.

— É, filhinho, agora seremos apenas eu e você, acostume-se a isso. —

Digo, e as lágrimas voltam a cair. Deixo a metade do mamão no prato e só bebo o suco.

Volto para o quarto, sento-me na cama e olho para o celular que está ao lado do meu travesseiro. Estico o braço e pego-o, digito o número do Maurício, mas desisto de ligar. Ele foi embora porque quis, porque não está mais interessado em nós. Ele já tem alguém para me substituir, até que demorou para que isso acontecesse.

É, Eleonora, todos os homens são iguais, só mudam de rosto e de endereço.

Deito-me e tento dormir. Preciso ficar calma, preciso acalmar meu filho.

Ele precisa se acostumar com a ausência do pai, mas a culpa é minha. Se eu o tivesse expulsado da minha vida assim que ele bateu aqui na minha porta, nada disso estaria acontecendo.

Uma semana depois.

Acordo com o aviso sonoro do meu celular. Deslizo a mão por baixo de um dos travesseiros que me cercam na cama e o encontro. Olho no visor e vejo que é uma mensagem do Maurício. Quase dou à luz quando vejo o número dele. Meu coração bombardeia sangue para o meu cérebro em uma velocidade que eu quase desmaio.

Hoje faz uma semana que ele foi embora, e durante todo esse tempo, nós não nos falamos mais. Ele sequer me escreveu um bilhete de despedida, e eu também não lhe enviei uma mensagem com um pedido de desculpas pelas palavras frias que eu disse, na noite da nossa última discussão.

— É o seu papai, bebê, finalmente ele se lembrou de nós. — Aliso a minha barriga enquanto converso com meu filho. Abro a mensagem.

“Não se esqueça que você tem médico hoje”

— Só isso?! É só isso o que ele tem para nos dizer? — Jogo o celular longe, estou com tanta raiva do Maurício que se ele surgisse na minha frente, nesse exato momento, juro que o mataria.

Como ele ousa me tratar assim? Onde está o amor que ele tanto sente por mim e pelo bebê? Como assim?! Quanta frieza! Eu não acredito que o Maurício me esqueceu tão rápido.

Penso em responder à mensagem, lhe dizer para que me esqueça, que não precisa se preocupar, pois eu posso perfeitamente cuidar de mim e do meu filho sozinha; dizer que estamos bem e que não precisamos dele. Ele que fique com a novinha e se preocupe com ela, que vá à merda!

Deus! Que raiva!

Reúno forças para me levantar. Encho o meu pulmão de ar e solto lentamente, depois sigo para o banho. Para alguma coisa serviu a frieza da mensagem do Maurício, pois tinha me esquecido da consulta com a médica,

pensei que seria amanhã.

O consultório está cheio, hoje é dia das consultas com pacientes da cidade vizinha. Não vejo a Vanessa desde a minha última consulta, e ainda estava com o Maurício. É por causa dela que hoje ele não está aqui comigo.

Avisto-a ao longe, ela parece feliz. Como não estaria? Eu sei muito bem como o Maurício tem o dom de trazer felicidade. Ele é bom em tudo o que faz, principalmente em nos fazer sorrir.

Vanessa olha na direção onde eu estou e sorri. Sem expressar felicidade, sigo para a bancada de atendimento, pedindo para que a outra assistente me atenda. Não quero falar com a Vanessa, não quero sentir o quanto ela está feliz ao lado do Maurício.

— Bom dia, Eleonora! — Ela estica os lábios em um lindo sorriso, um sorriso de mulher bem fodida. Na certa passou o final de semana com o Maurício.

— Doutora Eleonora. — Digo, com empáfia. — Bom dia! — Respondo ao cumprimento com frieza. Entrego-lhe a minha carteira do seguro e o meu RG. — Meu horário é às nove, espero ser atendida na hora exata. — Estou a um passo de voar no seu pescoço e apertá-lo, o ciúme está acabando comigo.

— Acho que hoje não será atendida no horário, “doutora” Eleonora” —

Ela enfatiza a palavra “doutora”. — Está com todos os seus exames?

Fito-a com um olhar fulminante.

— Escute aqui, Vanessa, eu sei perfeitamente o que devo trazer na minha consulta, você não precisa ficar me perguntando. Será que eu posso me sentar? Estou com dores nas pernas e ficar de pé não está me ajudando.

Vanessa engole o sorriso e me entrega a documentação. Ela me fita com seriedade, parece que ela vai me dizer algo, mas engole as palavras.

— Aguarde ser chamada, doutora Eleonora. — Sem ter mais nada a lhe dizer, viro as costas e procuro uma poltrona bem distante dela, uma em que eu não a veja e nem ela a mim.

Só de pensar que ela foi acariciada e beijada pela boca do Maurício, que ela sentiu todas as sensações que eu sentia quando estávamos juntos, fico com muito mais raiva. Pensar nas carícias, nos beijos, no sexo gostoso...

Tudo isso arrepia o meu corpo inteiro. Desde que eu me separei que não faço sexo, estou completamente na seca, e só de pensar no poder sedutor do Maurício, isso me deixa completamente excitada. Ele sabe tocar em uma mulher, sabe deixá-la louca, entregue, querendo mais e mais. Fazer amor com o Maurício é ir para o céu e o inferno, várias e várias vezes...

Inclino-me um pouco e olho em direção à recepção. Vanessa está de cabeça baixa, e eu a observo atentamente.

É, ela foi fodida por ele. Está sorrindo sem precisar esticar os lábios.

Vaca.

Após a terceira paciente, finalmente sou chamada. A Dra. Cilene está analisando os meus últimos exames quando eu entro na sala. Sento-me e espero que ela termine.

— Bom dia, Eleonora. Como tem se sentido desde a nossa última consulta?

Ela se levanta, vem até mim e me entrega uma camisola hospitalar.

— Ultimamente ando me sentindo muito cansada e com fortes dores na bexiga.
— Ela me indica a outra sala, sigo até lá e me troco.

— Falta pouco para tudo isso acabar. Logo você terá seu filho nos braços. — Ela faz uma pausa e depois completa: — E por falar nisso, onde está o Maurício? Ele não desgruda de vocês.

Ela cutucou a ferida. Quase choro, quase lhe conto tudo.

— Ele precisou ir para a capital. — Minto descaradamente.

— Bem, avise-o para não demorar, de acordo com os exames que acabei de analisar e deste que acabei de fazer — Ela retira as luvas e as joga na lixeira. — Esse garotão vai nascer logo, logo — A médica me ajuda com as minhas roupas.
— Já fez as malas? É bom estar com tudo arrumado.

— Sim, está tudo pronto. Mas não é muito cedo para ele nascer? — Bate um medo, não sei explicar. Eu passei esse tempo todo contando os dias para o meu filho nascer, mas agora que está tão perto, eu estou apavorada!

— Se você quiser, ele pode nascer agora mesmo. É só marcar o parto, mas como você deseja que ele venha ao mundo quando for a hora, ele poderá nascer a qualquer momento.

— Nem pensar em parto cesárea, mesmo sabendo do risco que eu corro por causa da minha idade, quero parto normal.

— Eu sei, mas não se preocupe, estarei com você e não irá lhe acontecer nada. Nem com você e nem com o bebê. A propósito, o garotão já tem nome?

— Escolhi um, só não sei se o pai vai concordar. — A Dra. Cilene me encara com duas rugas que franzem a sua testa.

— Já conversou com ele sobre o assunto? Aposto que o Maurício vai concordar, ele fará qualquer coisa para agradá-la. Quando um homem ama de verdade, ele faz tudo pela mulher amada.

Como ela sabe que o Maurício é o pai do meu filho?

— Eu não lhe disse que o Maurício é o pai do meu bebê! — Exclamo.

— Não precisa me dizer, está escrito na sua testa. Se ele não fosse o pai, você não concordaria que ele fizesse a metade das coisas que ele faz com

você. Orgulhosa do jeito que é, não permitiria mesmo! — Ela sorri e segura na minha mão, acariciando-a com calma. — Então, qual é o nome escolhido?

— Bernardo. Eu acho esse nome a carinha do meu filho.

— E é mesmo, aposto que o Maurício também achará.

Não vou perguntar para ele. O Maurício só saberá que é o pai do meu filho quando ele estiver com um ano. É o tempo que ele precisa para desmamar, pois sei que o Maurício vai exigir o seu direito de pai, de acompanhar o crescimento do Bernardo, por isso que só vou contar a verdade um ano depois do nascimento. Como eu farei isso, não sei. Se for preciso, fujo para bem longe dele e só volto

quando o Bernardo estiver com uns cinco anos. Eu sei que isso é loucura, mas não quero que o meu filho passe pelo mesmo que eu passei quando era criança.

— Eleonora — Cilene me traz de volta à realidade. — Fique atenta aos sinais, qualquer incômodo, siga direto para o hospital, e no caminho me ligue, entendeu?

— Entendi, é só isso? — Digo, já me levantando.

— Por enquanto, sim. Qualquer dúvida me ligue.

Cilene me acompanha até a porta, despeço-me e sigo em frente. Dou graças a Deus que a Vanessa não esteja na recepção. Vê-la faz com que eu me lembre do Maurício, dos dois juntos, se beijando, se amando, fazendo coisas que eu gostaria que ele fizesse comigo.

— Eleonora.

Já estou abrindo a porta do carro, quando escuto a Vanessa me chamar.

Fecho a porta e me viro. Ela está diante de mim com o semblante sério.

— Vanessa, estou com pressa, o que você quer?

— Serei rápida. — Ela se aproxima um pouco mais. — Não me interrompa. — Já estava pronta para argumentar. — Você é uma idiota, sabia? Como pode duvidar do amor do Maurício? Aquele homem só pensa em você. Sabia que durante as nossas saídas, de dez palavras que ele falava, seis eram o seu nome? O homem respira você! E quer saber? Se ele me desse algum pequeno sinal de interesse por mim, eu já estaria em Salvador, só que ele só pensa em você...

— Poupe-me do seu discurso, Vanessa! — Eu a interrompo — Eu sei que você dois estão juntos...

— Covarde! — Ela me interrompe. — O Maurício a ama, ele nunca a traiu. Nós somos apenas amigos. As marcas de batom foram propositais, foram para lhe fazer ciúmes. Eu queria que ele se interessasse por mim, pois o agarraria para nunca mais soltar. Se eu fosse você, faria isso, porque ele está magoado, decepcionado, e quando um homem fica assim, ele é alvo fácil para mulheres que querem um homem para casar. O Maurício não quer ter um caso com você,

ele quer se casar, construir uma família. O amor do Maurício é para sempre, “doutora” Eleonora, para sempre, entendeu? — Fico sem reação para a enxurrada de palavras jogadas na minha cara. — Deixe de ser trouxa e corra para o seu homem, porque ele é seu, por enquanto. Bem, era isso o que tinha para dizer, passe bem.

Vanessa dá meia-volta e vai embora. E eu fico pasmada e com uma vontade louca de chorar. Eu sou uma imbecil!



Capítulo 28

O céu cinza e nuvens pesadas cobrem a cidade. Hoje o dia não está com uma cara boa, está chovendo, e a cidade de Salvador não dá muito certo com a chuva, pois ela foi feita para o sol. Mesmo sendo muito cedo, pouco mais de sete horas da manhã, o trânsito já está caótico, e não foi uma boa ideia vir pela Avenida ACM. Alguém grita e xinga um motorista de barbeiro, e o outro responde “é a mãe!” A motorista que está do meu lado esquerdo manda o motorista que está à sua frente tomar em um lugar não muito apropriado. E

assim segue a sessão de amorosidade. Chego ao Home Center quase nove horas da manhã, o humor já se arrastando para bem longe de mim.

— Bom dia, senhor Maurício. O dia hoje está *atordoado*, não é? Então vá se preparando, pois, aquele carregamento de luminárias não vai chegar hoje, o fornecedor já ligou avisando.

— Você adora deixar o meu dia mais agradável, não é, Glória? — Passo por ela e a fito enviesado. — Daqui a uns dez minutos ligue para eles e me passe a ligação, e durante esse intervalo eu não quero ser incomodado.

Entro na minha sala, jogo a minha pasta na poltrona e arregaço as mangas da camisa, respirando profundamente.

Eleonora... o que você anda fazendo?

Sento-me e procuro pelo meu celular no bolso da camisa, digito um

número que está escrito em um cartão de visitas, espero alguns segundos, até que a pessoa do outro lado da linha atenda.

— Alô, Doutora Cilene, é o Maurício, como vai?

— Maurício da Eleonora?

— Não sei se sou da Eleonora, mas é ele mesmo.

— Perguntei por você anteontem, soube que foi para Salvador, já voltou?

— Não, não voltei. A Eleonora não lhe contou?

— Não, ela só me disse isso. Aconteceu alguma coisa?

— Estamos separados, acho que só volto quando o bebê nascer, e é por isso que estou ligando. Como foi a consulta, eles estão bem? A Eleonora está bem?

— Eles estão bem, mas ao que tudo indica, o bebê poderá nascer a qualquer momento, no máximo, em umas três semanas.

Meu coração vai à boca assim que a Cilene se cala. Como eu gostaria de estar lá no momento do nascimento do meu filho, como eu gostaria de assistir ao parto,

de cortar o cordão umbilical, de segurar meu filho nos braços e de ver o seu rostinho. Deus, será que estou pedindo muito?!

— *Maurício, você está aí?*

— Estou, estou doutora... — Engulo a emoção que teima em me desestruturar.
— Três semanas, nossa, tão rápido... — E eu estou tão longe.

— Cilene, salve este número, e se puder me mantenha informado sobre a saúde da Eleonora, eu te agradeço. Por favor, não diga nada para ela, mesmo que estejamos separados, me preocupo com eles, por favor, me avise quando o bebê nascer e me diga se ela está precisando de algo, eu quero saber de



tudo.

— *Eu não entendo vocês, são loucos um pelo outro e ficam com esse jogo de gato e rato. O amor é um presente de Deus, não podemos ignorá-lo.*

— Diga isso para a Eleonora, é ela quem o ignora. — Meu telefone fixo toca. — Cilene, só um minuto. — Atendo.

— Senhor Maurício, eu posso passar a ligação do senhor Oliveira? —

Oliveira é o fornecedor das luminárias.

— Daqui a dois minutos, Glória. — Volto a falar com a doutora Cilene.

— Cilene, eu preciso desligar, mas não esqueça de me manter informado sobre a Eleonora. Um forte abraço e até mais.

Desligo o celular e volto para a minha rotina.

— Alô!

— *Quem está falando?*

— Maria da...

— *Desculpe, foi engano...*

Saio da minha sala e dou de cara com a Glória segurando o meu celular e olhando seriamente para ele.

— Estou feito louco procurando por essa porcaria e você com ele! —

Sem pedir licença, eu pego o celular — O que foi? Alguém ligou?

— Uma mulher, e eu posso jurar que já ouvi a voz dela, só não estou conseguindo associar a pessoa com a voz.

— Quem era, ela disse o nome? — Eu a interrompo.

— Não, ela praticamente desligou na minha cara.

Destravo o celular e vou direto para ligações recebidas. E como eu pensava, foi a Eleonora. Certamente ela não se lembra da Glória, e ciumenta como ela é, deve ter pensado que a Glória é uma namorada, mas se foi isso, ela continuará pensando.

— Deve ter sido engano, e se não foi, ela vai ligar outra vez. — Guardo o celular no bolso da camisa e volto para a minha sala.

Depois da ligação da Eleonora, não consegui me concentrar direito no trabalho. Passei o dia inteiro olhando para o celular. Todas as vezes que ele tocava, eu pensava ser a Eleonora. Não sei o que ela queria falar comigo, e se depender de mim, não saberei, pois não vou retornar à ligação. Se ela quer falar comigo, que me ligue outra vez. Mas a minha estupidez e empáfia só fizeram aumentar a minha ansiedade. A única vez que eu consegui esquecê-la foi durante a reunião do final da tarde, pois esta precisava da minha total atenção.

A bendita reunião só terminou agora, já são quase vinte horas. Mas foi até bom que ela tenha terminado tarde, pois o retorno para casa está sendo tranquilo.

Entro no meu apartamento, o silêncio está por toda a parte. Isso me incomoda, por isso, ligo meu aparelho de som e deixo tocar uma música suave. Largo a minha carteira, as chaves e o meu celular sobre a mesa de jantar.

— Enfim, em casa... — Sirvo-me de uma dose de conhaque e me jogo no sofá.

Deito a cabeça na almofada e fecho os olhos. — Eleonora, o que você está fazendo uma hora dessas? E o que queria falar comigo?

Viro a bebida de uma vez. O líquido caramelo desce queimando a minha garganta, e eu deixo o copo cair no tapete felpudo. Meus olhos pesam, estou cansado, não tem sido muito fácil nesses dias. Vivo para o trabalho, estou me

abstendo de qualquer tipo de diversão. Estou quase cochilando, quando escuto o toque do meu celular. Abro os olhos lentamente, procurando por ele.

Levanto-me e sigo para a mesa de jantar. Reconheço o número. É a Eleonora.

— Alô. — Seguro a minha emoção, pois não quero que ela perceba o quanto estou nervoso. Sigo para o sofá e me sento. — Aconteceu algo com o bebê?

— Oi — Sinto seu nervosismo através da sua voz. — O bebê está bem, ele está com saudade... — Eleonora faz uma pausa, respirando fundo. —

Todas as vezes que eu falo o seu nome, ele faz um reboliço na minha barriga.

— Coloque o celular na sua barriga e me dê três minutos para falar com ele. — Nossa! Vem aquela vontade louca de sair correndo para ela, mas eu me seguro. Escuto-a dizer que já posso falar. — Oi, garotão, o papai o ama muito. Estamos longe um do outro, mas não será por muito tempo, logo estaremos juntos, e não judie muito da mamãe, ok?

Espero a Eleonora falar.

— Agora ele não me deixará dormir, vocês dois se entendem. Se você estivesse aqui, veria o que ele está fazendo.

— Mande um vídeo para mim. — Que se foda o meu orgulho. Minutos depois, o vídeo chega.

As lágrimas escorrem pelo meu rosto quando eu vejo meu filho se movendo na barriga da Eleonora. Ele faz montinhos e as vezes se move feito uma cobrinha, com movimentos rápidos. Eleonora toca nele e ele troca de posição. Ver tudo isso só aumenta a minha ansiedade e as minhas dúvidas.

Será que estou fazendo o certo? Será que tenho mesmo que bancar o idiota

orgulhoso? Não sei o que dizer. O meu coração me manda correr para ela, mas a minha razão diz não.

— Viu como ele fica quando escuta a sua voz? — Ela está chorando, isso me quebra. — Obrigada por ter me lembrado da consulta, está tudo bem conosco, a Cilene me disse que ele pode nascer em breve. — Ela se cala. E

depois de alguns segundos embaraçosos, ela completa: — Está tudo bem com você? Ainda está zangado comigo?

— Estou bem, um pouco cansado, mas estou bem — Ela sabe que só precisa me dizer três palavras para que eu volte. — Eleonora. — Engulo em seco antes de responder a sua próxima pergunta. — Não estou zangado com você, foi melhor para nós dois ter vindo embora.

— É o que você acha? — Ela faz uma nova pausa. — Não sente saudades do bebê?

— Muita... — Ia completar e lhe dizer que sentia falta dela também, mas preferi me calar.

— Maurício... — Ela não vai dizer as palavras, eu sei que não vai. —

Você não me ama mais?

— Você sabe a resposta, Eleonora. Não sabe? — Não vou jogar o jogo dela, pois ela quer que eu tome a iniciativa de correr até ela. Só que desta vez ela terá que vir até mim.

— Se me amasse, você não teria ido embora. — Eleonora aumenta o tom da voz. — Se me amasse, você não nos abandonaria. E se me amasse, você não teria me substituído tão rápido por outra mulher. É assim que demonstra o seu amor?

— Novamente a história da Vanessa?! Eu já expliquei...

— Não é a Vanessa — Ela me interrompe — Quem é Maria? — Então é isso, ela pensa que a Gloria é uma namorada. — Para uma mulher atender o celular de um homem, ela tem que ser muito íntima dele, não acha?

— Ou ela pode ser a secretária dele. — Perco a paciência. — Pelo amor de

Deus, Eleonora! A “Maria” em questão é a Glória, a minha secretária, e não me venha com desculpas, foi você quem me mandou embora, se lembra?

— Ela quer discutir a relação por telefone, mas não estou a fim de fazer isso.

— Não mandei nada, você quem resolveu partir.

— Pois é, eu cansei de bancar o idiota. — Ela quer mesmo ir por este caminho? Se quer, ela vai quebrar a cara. — E quer saber? Sou um homem livre, posso ficar e foder a mulher que eu quiser, não lhe devo satisfação. —

Sei que peguei pesado, mas a Eleonora me tira do sério. — Eleonora, estou cansado e amanhã acordo cedo. Se você não tem mais nada para me falar, vou desligar. Você e o bebê precisam descansar, boa noite. — Desligo o celular sem deixá-la argumentar.



Capítulo 29

A pós a minha conversa com a Eleonora, mal consegui fechar os olhos, tive uma noite de cão, praticamente vi o dia amanhecer.

Como sempre, terminei brigando com ela e fiquei sem saber o que ela queria falar comigo. Uma noite sem dormir é o suficiente para me deixar de mau humor, eu sei que terei um dia longo e bastante exaustivo, só espero que ele não me reserve surpresas desagradáveis.

— Senhor Maurício, o que houve com o seu celular? — Glória abre a porta da minha sala, mas não entra, ela deixa apenas passar a cabeça pelo vão aberto e me olha com reprovação. — O senhor Matheus está ligando há mais de meia hora.

Procuro o celular no bolso da camisa e não o encontro, só agora eu me lembro que o joguei dentro da pasta de documentos.

— Fale para o nervosinho do meu irmão que ele pode me ligar agora. —

Pego o celular e o deixo bem na minha frente.

Glória balança a cabeça e sorri, fechando a porta atrás de si.

Dois minutos depois, meu celular toca, atendo-o rapidamente.

— O que tem de tão urgente para me falar, Matheus? — Despejo o

verbo, pois não estou de bom humor para escutar suas reclamações.

— Maurício... — Não é o Matheus, é a Eleonora. — Sou eu, a Eleonora.

— Me desculpe, não quis ser grosseiro. — Suavizo o tom da minha voz.

— Você está bem, precisa de algo?

— Não... quer dizer, eu estou bem, é... é que ontem... bem...

— O que você quer, Eleonora? O que quer de mim? — Ela não dirá, eu a conheço, ela é orgulhosa demais para dizer “eu amo você”.

— Deixe para lá, só quero pedir desculpas por pensar que a Glória... —

Ela limpa a garganta — Você sabe...

— Não, eu não sei, mas tudo bem, seja lá o que for, você está desculpada, agora preciso desligar, estou atrasado para uma reunião. Se você quiser, pode me ligar

à noite, mas agora tenho que ir. Até mais, Eleonora.

Desligo o celular rapidamente, ou não terei coragem de fazê-lo. Fico olhando para o aparelho por mais alguns segundos, e quando levanto a cabeça, encontro dois pares de olhos negros me encarando.

— Reunião? Que reunião? — Gloria me olha enviesado, como se quisesse adivinhar os meus pensamentos.

— Agora costuma escutar atrás das portas, Glória? Coisa feia. —

Guardo o celular no bolso da camisa. — O que você quer? — Digo e fecho o notebook.

— Para o seu governo, senhor Maurício Lafaiete, não costumo escutar a conversa alheia não, só ouvi o final da conversa quando abri a porta. E não sou eu que quero algo, é o senhor Matheus, ele o aguarda na casa do senhor Marcos, e mandou o senhor se apressar. Pronto, o recado está dado. — Ela me fita com as sobrancelhas arqueadas e fecha a porta.



— Droga, nem sabia que o Matheus viria para Salvador. O Marcos deve ter lhe contado sobre a Eleonora. Aquele fofoqueiro filho da mãe!

Levanto-me, pego as minhas coisas, olho ao redor para ver se não esqueci de nada, pois não tenho a intenção de voltar para a loja, hoje não mais. Só tenho uma pergunta na mente: o que o Matheus quer comigo?

Bem, o meu dia acaba de piorar.

— Humm! Senhor Maurício Lafaiete, até que enfim eu o vejo! — Lana, minha cunhada, me recebe com um sorriso agradável nos lábios e uma frase pronta na ponta da língua. Ela está aprendendo direitinho a ser sarcástica com o Matheus.

— Nossa, como você está linda! Estou bem, e você? — Devolvo o sarcasmo com a mesma moeda. Dou-lhe um beijo no alto da sua cabeça e entro.

— Maurício... — Alexia me recebe com um abraço apertado e uma alegria

contagiante, ela está radiante. — Os seus irmãos estão na varanda. —

Ela me olha e sorri, um sorriso zombeteiro, como se quisesse me dizer algo como: se prepare, porque lá vem bronca.

— A propósito, como vai a Eleonora? — As duas seguem pelo corredor, e antes de entrar no quarto do casal, Lana se vira e me questiona. — Ela me ligou ontem à noite, parecia triste. Perguntei se estava tudo bem, mas ela foi um pouco vaga, só me disse que estava tudo de acordo com o seu merecimento. — Lana faz uma pequena pausa, e depois junta as sobrancelhas e me encara de longe. — Eu sei que a Eleonora é durona, mas você poderia dar um desconto. Ela está grávida, e não há uma pessoa melhor do que eu para lhe afirmar como isso mexe com as nossas emoções. — Realmente ela sabe, e se depender do Matheus, a prole não parará de crescer. Lana se cala e

fica esperando por uma resposta.

— E não há uma pessoa melhor do que eu para lhe afirmar que eu fiz de tudo para ficarmos juntos. — A Lana sabe que estou sendo sincero.

— Concordo, mas você é um Lafaiete, isso faz uma grande diferença, pois nós conhecemos a determinação de vocês. — Ela olha para a Alexia, e as duas me encaram. — Portanto, cunhado, a prepotência não lhe cai bem, pense nisso.

As duas entram no quarto e fecham a porta. Sigo caminhando até onde estão meus irmãos.

— Até que enfim chegou, já estava com o celular na mão para ligar para você. — O impaciente do Matheus mostra o celular.

— Não me viu chegar? Sua esposa estava me interrogando. — Aceito a cerveja que o Marcos me oferece.

— A Lana deixou algo para nós? Porque você merece uns bons puxões de orelha. — Matheus fecha a mão na minha orelha e a puxa.

— Para... — Eu o empurro e levo a mão até a minha orelha, massageando-a. — Não sou mais uma criança, Matheus. Que porra! Isso dói pra cacete, sabia?

— Eu sei, sempre que tem uma oportunidade, a Lana puxa a minha. —

Ele leva o gargalo da garrafa até a boca, dando um gole na cerveja. Marcos faz o mesmo enquanto tenta controlar a risada.

— Bem, eu me abstenho de opinar, pois sempre achei a Eleonora estranha, ela é complicada demais. — Marcos vai até o balde com gelo e pega outra garrafa de cerveja, abre-a e a leva até a boca.

— Deixe de hipocrisia, Marcos! Você é o único que não pode falar da Eleonora, pois mais complicada do que a Alexia a Eleonora não é.

— É diferente — Marcos me interrompe imediatamente. — A Alexia passou por um trauma terrível, mas quanto a Eleonora, ela é estranha. Onde já se viu negar a um homem o direito de ser pai? Isso é maluquice.

Matheus deixa a cerveja na mesa e se senta, cruza uma perna sobre a outra e me encara, logo depois encara o Marcos.

— Já passou pela cabeça machista dos dois que a Eleonora pode ter passado por algum trauma também? Nenhuma mulher em sã consciência deixaria um filho sem pai, a não ser que o cara fosse um miserável, o que não é o caso do Maurício.

Ele pega a cerveja e a leva até a boca enquanto nos observa. Ficamos com caras de idiota.

— Sinceramente, Matheus, eu não sei, não entendo a Eleonora. Pelo que eu sei, ela nunca assumiu um romance, ela foge de relacionamentos, o Maurício foi o primeiro...

— Vamos parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui. — Essa conversa já está me incomodando, eu sabia que o Matheus iria me encher o saco por causa da Eleonora. Fazer o assunto virar polêmica não me agrada.

— Se querem saber, cansei. Cansei de correr atrás da Eleonora. Eu a amo, mas não vou implorar para que fique comigo. Se ela quiser ficar comigo, terá que vir atrás, ok? Encerrou o papo! Agora, chega de falar da Eleonora e vamos beber, já encerrei o expediente hoje, agora posso encher a cara.

— Que seja. — Matheus se levanta e toca a sua garrafa na minha, e o Marcos faz o mesmo. — Só não seja muito duro com ela, as mulheres merecem toda a

atenção e respeito dos homens, mesmo que sejam loucas.

Começamos a gargalhar.

— E viva as nossas sementes! — Marcos altera a voz. Eu e o Matheus

nos entreolhamos. — O que foi? Estou grávido! Ou vocês pensaram que eu os chamei até aqui para falar da Eleonora?

— Co-como assim? — Olho perplexo para o Marcos. — A Alexia está grávida?

— Está, nós soubemos ontem. É claro que foi uma surpresa, no entanto, estamos muito felizes. Ela... ela não cabe em si de tanta felicidade. A psiquiatra acha que será muito bom para a Alexia, afinal, é o fruto do nosso amor que ela carrega no ventre, e isso é melhor do que qualquer tratamento.

— Cacete, velho! Parabéns! Seja bem-vindo ao mundo dos filhos, eles são algo indescritível, nos deixam loucos, literalmente! — Matheus abraça o Marcos e o puxa pelo pescoço, formando um abraço coletivo.

— Então, vamos beber para comemorar. — Levanto a garrafa para o alto.

— Vamos... — Matheus e o Marcos fazem o mesmo.

Estou feliz pelo meu irmão. Ele e a Alexia passaram por tantos obstáculos para chegarem até aqui. Se tem um casal que merece tamanha felicidade, são os dois. Espero que tudo siga em paz e que a Alexia consiga levar a gravidez até o final, pois tenho medo da reação dela caso aconteça algo.

— Maurício. — Matheus bate no meu ombro. — Acorda, cara! — Ele me puxa para um abraço. — Não fica assim, logo essa porra de situação se resolve, e quando o seu filho nascer, você pode mandar a porra toda se foder.

O importante é o seu filho, para o resto sempre há um jeito.

— É o que o papai sempre fala. — Completa o Marcos. — Venha, vamos encher a cara, preciso aproveitar que a Lana está com a Alexia no quarto, podemos beber e falar palavrão à vontade.

Começamos a rir alto, sentamos e nos entregamos à alegria do Marcos.

...Enquanto isso, no quarto...

— Alô, Eleonora?

— Alexia, é você? Oh, minha princesa, como você está?

— Feliz. Eleonora, eu vou colocar no viva-voz, a Lana está aqui, tenho uma novidade para contar, mas antes, nos fale como você está.

— Lana, está tudo bem mesmo? Por que não me disse que estava indo para Salvador?

— Eleonora, eu não disse nada porque eu e o Matheus fomos pegos de surpresa. O Marcos praticamente nos intimou para virmos até Salvador, não se preocupe, a notícia é ótima.

— Ufa! Que bom, já chega de coisas ruins.

— É o Maurício, não é? Você está triste assim por causa dele. Ele veio embora, já estamos sabendo.

— Oh, Alexia, são tantas coisas. Estou tão confusa, e o Maurício é o maior motivo desta confusão, mas deixa para lá, não quero que a minha tristeza apague o brilho da sua felicidade. Me conte a novidade.

— Eleonora, não quero me meter, mas acho que está na hora de você enfrentar os seus medos. Todos nós sabemos, e você também sabe, que o Maurício a ama mais do que tudo, e esse problema de idade não é empecilho para você ser feliz, não acha?

— Lana, ele me ama hoje, mas como será daqui a dez anos? Sou bem mais velha do que ele, e nós sabemos que os homens, quando envelhecem, adoram uma mulher mais nova. Não quero que meu filho sofra a dor do abandono, não quero...

— Eleonora, o Maurício jamais vai a trocar por outra mulher. Você enlouqueceu? Ele a ama e a amará muito mais quando souber que realmente é o pai do seu bebê. Ele quer muito uma família, não diga besteiras.

— Alexia, eu conheço a natureza dos homens...

— Eleonora, deixe de idiotices! Pare de falar asneiras, acho melhor você contar a verdade para o Maurício. Diga de uma vez que ele é o pai do seu bebê, isso se você realmente o ama e não quer perdê-lo, pois se o Maurício descobrir após o parto, ele não vai a perdoar, aí sim é que ele vai deixá-la.

— Vocês me ligaram para me dar sermões? Se foi isso, vou desligar.

— Não... eu liguei para dizer que estou grávida, estou esperando um filho do amor da minha vida. Dentro de mim tem uma sementinha do Marcos e ela germinou, não é lindo? Agora serei mamãe, estou tão feliz, Eleonora.

— Não chore, meu amor. Alexia, pare de chorar, se o Marcos sonhar que você está chorando, ele virá atrás de mim armado até os dentes. Fico muito feliz por saber que a sua felicidade está completa agora.

— Eu queria muito que soubesse, quero que os nossos filhos sejam amigos, e se possível, que cresçam juntos.

— Quem sabe, não é? Amigos eu sei que eles serão.

— Já imagino as nossas festas de final de ano lá em casa. O Matheus mandou construir um miniparque no quintal.

— Lana, Alexia, preciso desligar, tem alguém me chamando na porta, um beijo enorme. Estou com saudades de vocês.

— Nós também, beijos, Eleonora.

— Lana, por que você não contou que o Maurício está aqui?

— Não percebeu que ela estava chorando, Alexia? Eu notei assim que

ela atendeu, se eu dissesse que o Maurício está aqui ela ficaria pior.

— Verdade. Eles precisam resolver logo essa situação.

— É, Alexia, só que não podemos fazer nada por eles.

— Vamos ver o que os nossos homens estão fazendo?

— Vamos...



Capítulo 30

A comemoração na casa do Marcos foi até tarde. Nós acabamos ligando para o papai, que está na Argentina, e contamos a novidade para todos.

Sabrina gritava de alegria, e o papai, é claro, chorou de emoção, afinal, é mais um neto para alegrar os seus dias.

O Matheus e a Lana foram para um hotel, apesar da insistência do Marcos e da Alexia para que ficassem no quarto de hóspedes. Mas o Matheus logo abriu a boca para dizer que não iria desperdiçar uma oportunidade de ficar a sós com a Lana, sem testemunhas das suas loucuras sexuais, afinal, eles estão sem as crianças e não é sempre que isto acontece. E eu? Vim para casa... curtir a minha solidão e a minha saudade.

Assim que entro em casa, olho diretamente para o relógio no meu pulso: quase meia-noite, é tarde demais para sair à procura de diversão e cedo demais para dormir, não no meu estado de espírito, pois desde que voltei de Lírios do Vale não sei o que é uma boa noite de sono.

Deixo as minhas chaves e a carteira jogadas em um canto qualquer. Tiro a camisa, desafivelo o cinto e me jogo no sofá, descansando a cabeça no encosto, com os olhos fechados e os pensamentos atordoados.

Eleonora, o que você está fazendo?

Com certeza dormindo, e muito bem, nem lembra do otário aqui. Estico as pernas no sofá, cruzo os braços no peito e respiro profundamente. O

silêncio da sala, aos poucos, me leva para um cochilo. Quando penso que finalmente vou conseguir dormir, ao menos umas duas horas seguidas, escuto o celular tocar no bolso da frente da minha calça. Sem verificar quem é a pessoa desavisada que ousa me ligar em uma hora dessas, atendo com um tom de voz não muito amigável.

— Qual é o problema? Espero que seja grave...

— Des-desculpa, Maurício, eu volto a ligar amanhã.

— Eleonora! — Exclamo, preocupado, me sentando imediatamente. —

Aconteceu alguma coisa? Você está bem? O bebê está bem?

— Não... quer dizer, sim... não... — Ela me deixa confuso com o seu nervosismo aparente. — Mau-Maurício... — Eleonora faz uma longa pausa, e isso me deixa desesperado.

— Eleonora, o que você está sentindo?

— Estou... estou... quer dizer, o bebê está com saudade de você.

Depois de completar a frase, ela se cala. E o meu coração acelera, pois a minha vontade é de pegar a chave do carro e sair ao seu encontro, no entanto, sei que preciso ser firme, pois agora é a vez da Eleonora correr atrás, o que eu precisava fazer para provar o meu amor eu já fiz, agora, cabe a ela admitir que me ama.

— Coloque o telefone na sua barriga, quero falar com ele. Me dê dois minutos. — Espero o sinal da sua voz para que eu possa conversar com meu filho. Ao longe escuto-a dizer que já posso falar.

— Filhão, é o papai. Está tudo bem? Não se preocupe, pois logo estaremos juntos. Eu o amo muito e nada nesse mundo vai nos separar, nem a

sua mãe fará isso.

Um nó se forma na minha garganta e os meus olhos marejam.

— Maurício. — A voz inquieta da Eleonora me traz de volta, e eu engulo em seco, disfarçando a minha emoção.

— Oi... — Limpo a garganta. — Acho que agora você pode voltar a dormir. — Digo secamente, pelo menos tento ser indiferente.

— Eu... eu... — Ela não consegue completar as frases. — Maurício, você... — Eleonora se cala outra vez.

— Eleonora, o que você quer? Se não percebeu, já é tarde, preciso dormir, você precisa dormir, então, se não tem mais nada para me dizer, desligue. — Agora sou frio. Dói falar assim com ela, mas não posso voltar atrás.

— Por que você está me tratando assim? — Ela está quase chorando, sinto sua voz nervosa.

— Assim como, Eleonora? — Sou cínico, um filho da mãe miserável.

— Friamente. O que eu fiz? Eu... eu só liguei porquê... Porque... — Ela soluça, caralho! Eu sou um monstro.

— Por que o quê? Seja direta, Eleonora, basta dizer as palavras certas.

Só depende de você.

— Escute aqui, senhor Lafaiete prepotente filho da mãe. — Ela me interrompe com a voz alterada. — Não tenho nada para lhe dizer, o meu filho estava com saudades de você, só isso, então...

— Escute aqui, senhora Eleonora Miranda — Agora sou eu que a interrompo. — Não fui eu quem ligou, portanto, deixe de ser covarde e fale as palavras. Você só precisa fazer isso, ou desligue essa porra de telefone e

me deixe em paz, caralho!

— Idiota! — Grita.

— Cabeça-dura do caralho! — Retruco.

— Convencido! — Ela soluça, engolindo o choro.

— Orgulhosa! — Juro que se eu estivesse diante dela, ela já estaria sobre os meus joelhos, levando umas boas palmadas.

— Eu... — Eleonora começa a chorar. — Eu... eu sinto a sua falta. —

Finalmente ela começa a aceitar. — Desculpe-me, eu sou uma idiota.

— Não é o suficiente, você precisa me convencer.

— Imbecil do caralho, eu não vou me humilhar, senhor Lafaiete.

— Eu posso me humilhar, e você não?! — Começo a perder a paciência.

— Ok, então, passe bem, doutora Eleonora. Durma bem...

— Eu amo você. — Ela diz apressadamente, quando eu já estava pronto para desligar, mas assim que escuto as palavras, emudeço. — Me desculpe, por tudo o que eu fiz, por tudo o que eu disse. Eu sou uma besta quadrada, se não admiti o meu amor é porquê...

— Eleonora, não diga mais nada. — Eu a interrompo. — Quero que me diga tudo isso olhando nos meus olhos. Vá dormir, eu também farei o mesmo, e assim que eu puder, vou vê-la. Boa noite.

Desligo o celular. Eu sei que a deixei confusa, e eu sei que ela provavelmente está aos prantos. Conhecendo a Eleonora como conheço, ela pensa que não a quero mais, sei de tudo isso, mas preciso olhar nos olhos dela quando finalmente seus lábios me disserem que ela me ama, o mais depressa possível.

Levanto-me, pego minhas malas, aquelas mesmas que eu não havia



desfeito, e as levo de volta para o carro, entro no veículo e parto para Lírios do Vale. Antes mesmo do dia clarear estarei ao lado da mulher que eu amo e do meu filho.

O dia ainda não tinha clareado quando cheguei a Lírios do Vale. Olho para o relógio no meu pulso e vejo que passou um pouco de quatro horas da manhã. Estaciono o carro na frente da casa da Eleonora, pois ainda tenho a chave no meu chaveiro. Desço e sigo pelo estreito caminho de pedras entre as flores de todas as cores, até chegar na entrada principal. Dirijo o meu olhar para cima, para o quarto da Eleonora. Ela está dormindo, as luzes estão apagadas. Viro a chave na porta com cuidado e entro. O silêncio cerca todo o ambiente, escuto apenas um barulho dos pingos de uma torneira, provavelmente a do lavabo. Deixo as minhas chaves na mesa da sala, subo as escadas e sigo direto para o quarto que eu ocupava quando, às vezes, dormia aqui. Abro o armário e procuro roupas confortáveis, por isso separo uma calça de moletom e uma camiseta branca. Tomo um banho rápido, uso um pouco da loção pós barba que a Eleonora tanto gosta e me visto. Olho-me no espelho, encarando o homem com o cabelo molhado e bagunçado.

Chegou a hora, Maurício Lafaiete... chegou a hora de acabar com essa palhaçada. Chega de bancar o idiota, essa mulher é sua, reivindique-a!

Passo os dedos entre os fios dos cabelos, ajeitando-os, e saio do banheiro, caminhando em direção à porta. Sigo pelo corredor, pensativo. Ela terá que repetir as palavras, ou eu vou embora para sempre.

Engulo em seco. Não consigo deter a confusão mental e as lembranças da Eleonora dizendo que me ama . Essa porra me deixou atordoado.

Sufocando uma respiração, caminho para a porta e agarro a maçaneta. Meus dedos congelam sobre o metal, como uma onda de calor. Abro-a com

cuidado. Entro e só vejo a luz do abajur acesa. Eleonora dorme abraçada ao meu travesseiro, era nele que eu dormia quando me deitava com ela para acalmar o nosso filho. Pé ante pé, sigo até a cama.

Caralho! Ela está muito mais linda do que quando eu a deixei. Ela está deitada de lado, a camisola branca e soltinha evidencia o seu ventre grande e os seios avantajados, as suas coxas nuas e lisas estão um pouco flexionadas, deixando um pouco à mostra a sua calcinha branca. Sento-me na cama e o colchão se move,

afundando um pouco com o meu peso.

— Quem está aí? — Ela se assusta com o meu movimento brusco.

— Sou eu, Maurício. Fique calma. Ei, sou eu, olhe... — Ela pisca os olhos rapidamente e me encara, confusa.

— Como assim? Maurício! Oh, Deus.

— Hei, se acalme, sou eu mesmo. — Ela se equilibra nos cotovelos e me olha, atordoada.

— O que você está fazendo aqui? — Ela deixa escapar as palavras em um murmúrio. — É madrugada, caso não tenha notado, ficou louco?

— Acho que sim. — Concordo. — Foi meio doido dirigir a essa distância toda de Salvador até aqui, na neblina e escuridão em alguns trechos, mas eu precisava ver você. — Eleonora fica estagnada. Ela engole em seco, movendo a língua pelos lábios.

— Por quê? Não poderia ter esperado amanhecer? O que é tão importante para você ter se arriscado tanto?

— Acho que você sabe.

Vim atrás de apenas duas palavras.

De repente, os olhos castanhos da Eleonora brilham de uma forma

medrosa. Sua boca treme e ela morde o lábio inferior, como se estivesse pronta para se defender. O nervosismo cru parece escoar pelos seus poros.

Ela encolhe os ombros, baixando os cílios e desviando o olhar do meu.

— Eleonora. — Seguro a ponta do seu queixo com os meus dedos, exigindo o seu olhar. — É hora de conversarmos sobre nós dois e sobre o que me disse ontem à noite. —Digo com voz rouca. Ela tenta desviar o olhar, mas eu mantenho a dureza da minha mão no seu queixo. — Lembre-se, tudo só depende de você.



Capítulo 31

E leonora não consegue fixar seus olhos nos meus, e ainda que eu mantenha os meus dedos pressionados firmemente no seu queixo, ela mantém os cílios baixos. Eu a conheço, o tremor dos seus lábios a entrega, ela sabe perfeitamente do que estou falando. Talvez ela tenha se arrependido por ter revelado o seu amor por mim, contudo, é tarde demais para voltar atrás, agora já sei que não amo sozinho. Essa mulher é minha e eu não vou desistir dela, agora mais do que nunca.

— Eleonora. — Minha voz soa firme, os meus dedos erguendo um pouco mais o seu rosto. — Namorada, olhe para mim! — Uma lágrima desce lentamente pela sua face.

— Eu estava confusa quando disse aquela bobagem, pensei que você não tivesse levado a sério. — Ela engole em seco. — Poxa, Maurício, você não deveria ter se arriscado por causa de uma bobagem! Desculpa, mas você não deveria ter levado isso a sério mesmo, será que você não entende? Estou grávida e geralmente as mulheres grávidas ficam carentes, principalmente quando estão

sozinhas.

— Olhe para mim, Eleonora. Por favor, não fuja desta vez, não se esconda atrás dos seus medos. — Ela resiste ao meu olhar por alguns segundos, até que, timidamente, ela me encara com aqueles olhos castanhos que penetram fundo nos meus. Contendo a minha respiração, contesto. —

Discordo, completamente. — Solto o seu queixo.

Aproximo-me um pouco mais, ela inspira profundamente, sentindo o meu cheiro, e fecha os olhos outra vez, quando inala o aroma. Logo depois ela solta o ar lentamente, para logo em seguida abrir os olhos e encontrar os meus, que a esta altura brilham de desejo por tê-la tão perto.

— Eu já disse, esqueça o que falei, aquilo não significou nada. — diz, rispidamente. — Foi um erro.

— Nós dois sabemos que isso não é verdade. — Fico descalço, levo uma perna para cima da cama, ficando de frente para ela — O que me disse é o que sempre sentiu, tarde demais para arrependimentos, Eleonora. Eu vim até aqui só para ler nos seus olhos um “amo você”. — Ela engole visivelmente.

— Esse tempo todo que estivemos juntos, esperei por este momento, implorei por ele. Então não tente desmenti-lo ou chamá-lo de erro, porque nós dois sabemos que não foi.

O inferno que ela vai fugir de mim outra vez. Ou ela admite que me ama, ou acaba aqui, juro que vou esquecê-la e seguir com a minha vida.

Um suspiro escapa dos seus lábios. Ela abre e fecha os olhos rapidamente, franzindo a testa.

— Ei, você está bem? Eleonora, responda-me! — Seguro-a pelos ombros.

— Eu estou bem. — Ela se move, afastando as minhas mãos dos seus ombros.

— Então... — Eleonora volta a baixar os cílios, fugindo do meu olhar.

— Eleonora, vamos parar de infantilidade, eu a amo, e só depende de você para ficarmos juntos. — Ela baixa a cabeça em um gesto de resignação. Os seus

cabelos longos cobrem o seu rosto.

Droga, por que ela tem que ser tão teimosa, tão orgulhosa e tão medrosa?

Ela sabe que a desejo, que a amo mais do que qualquer outra coisa, então por que não confia em mim e no meu amor? Nos meus relacionamentos anteriores, eu nunca senti tamanha força, tamanha vontade de ficar junto. É

claro que já me apaixonei, é claro que já quis me casar, mas assim que as mulheres corriam de mim, as esquecia. Com a Eleonora é diferente, é como se ela fizesse parte de mim, fizesse parte do meu corpo e da minha alma.

Inferno! Por que ela não entende o quanto é importante para mim?

— Então, Eleonora? Estou esperando. — Repito.

Nossos olhares colidem e o medo que eu vejo nos seus olhos suga o fôlego dos meus pulmões como um vácuo. Uma pergunta se repete como um disco arranhado em uma vitrola antiga: *O que aconteceu com ela para que tenha tanto medo de se envolver?* Eu não sei a resposta ainda. Mas vou descobrir, e será hoje. Seu olhar magnético, a sua boca entreaberta e os lábios trêmulos a traem. Ela quer fugir, no entanto, algo a puxa exatamente para a minha direção.

— Eleonora, estou esperando. Seja lá o que for, encerramos hoje nossas diferenças. Ou ficamos juntos ou vou sair da sua vida. — Minhas sobrancelhas se juntam em uma carranca. — E aí, o que você decide?

Eleonora me encara como se dissesse: nenhuma coisa, nem outra.

— Maurício, eu... eu... — Ela volta a se fechar no seu silêncio.

Sabendo que ela não vai adiante, eu me aproximo mais, de forma que ela fique com o seu rosto rente ao meu.

— Repita o que você me disse pelo telefone. — exijo asperamente.

— Já expliquei que estava me sentindo carente, foi isso. — Ela me encara, e enquanto os seus lábios argumentam com palavras, o seu olhar me

diz outra coisa.

Não digo nada, ao invés disso, pego o seu queixo outra vez e cubro a sua boca com a minha. O beijo é tímido, lento, mas cheio de emoção. A força da minha mão ao redor do seu queixo deixa a Eleonora impotente para lutar contra o desejo – o meu e o dela – pois as batidas fortes que assolam o seu peito confirmam isso.

Minha boca roça sobre a dela, com firmeza, mas sem perder a doçura e a gentileza dos meus dedos que acariciam as suas bochechas. Eleonora solta um ofego, e eu aproveito para aprofundar o beijo, empurrando a minha língua entre os seus lábios. Ela não resiste, ofega mais uma vez, gemendo na minha boca. Imediatamente deslizo a minha mão pelo seu ombro, puxando-a para mim, sem deixar nenhuma oportunidade para que a Eleonora escape do meu aperto, tudo o que ela pode fazer é ceder, se entregar ao prazer.

O beijo fica mais ousado, quase desesperado. Meus dentes cercam o seu lábio inferior, mordendo-o lentamente, para em seguida sugá-lo fortemente, provocando um gemido baixo. O fogo que nos consome fica ainda mais quente quando me deito sobre ela. Mantenho o peso do meu corpo longe do dela, empurro uma coxa entre as suas pernas, até encostar no seu sexo e sentir o calor que vem de lá. Meu pênis pressiona a sua boceta, e eu posso senti-la, ela está molhando a sua calcinha. O pensamento de ter a sua carne quente em volta do meu pau, todo dentro dela, faz com que ele pulse desesperadamente.

— Eu a amo, Eleonora. — Murmuro contra os seus lábios trêmulos. —

Ontem, hoje e sempre.

As minhas palavras rapidamente a afastam de mim, trazendo-a de volta à realidade. Ela me empurra com uma das mãos, fecha e abre os olhos em uma tentativa de não olhar para o meu rosto.

— Até quando vai durar o seu amor? — Seus olhos medrosos encontram

os meus. Suas palavras são articuladas em um tom de voz que demonstra desespero.

— Até que um de nós morra, eu te asseguro isso, meu amor. Não tenha medo, eu não vou te deixar, só se você quiser me deixar, e mesmo assim, você terá que me dar motivos plausíveis para isso. — Eu lhe digo seriamente, não apenas com palavras, mas também com o meu olhar.

E antes que ela possa se afastar, eu a puxo contra mim novamente e encaixo o meu corpo no seu, empurrando a minha pélvis contra a sua, para que ela possa sentir a minha ereção pulsante. Baixo a cabeça e meus lábios pairam sobre o seu ouvido, minha respiração quente soprando nele.

— Ontem, hoje e sempre, meu amor. Eu sou seu e você é minha.

— Por Deus, Maurício...

— Sim, Deus sabe o quanto eu a amo. — Eu lhe digo, deixando que a minha respiração aqueça a sua pele, mordendo o lóbulo da sua orelha. —

Chega de desculpas ou motivos incertos para tentar justificar o porquê de não podermos ficarmos juntos. Por muito tempo, eu tentei provar o meu amor por você, provar que sou o homem certo, mas agora chega! Estou cansado. Ou você admite que me ama, ou eu vou embora... Falo sério.

Eleonora engole um gemido quando tomo o lóbulo da sua orelha na minha boca e o sugo. Com o coração batendo forte, olho para ela, resignado.

Não estou brincando, realmente vou embora da sua vida e farei o impossível para esquecê-la. Só vou lutar pelo meu filho, a nossa única ligação será ele.

Ela ergue a cabeça e examina os meus olhos. Talvez busque alguma negativa neles, busque por algo que possa pôr em dúvida o meu amor, que possa lhe dar a certeza de que um dia eu posso abandoná-la, a ela e ao nosso filho. Mas antes que ela encontre algo que possa nos afastar, passo o dedo

indicador pela suavidade dos seus lábios, girando os quadris para que eu possa roçar a minha ereção sobre a sua vulva, através do tecido fino da camisola.

— Você... você vai mesmo embora para sempre? Não seremos nem amigos? — Eleonora sussurra, com o olhar marejado e a voz trêmula.

— Vou, sim, e não quero a sua amizade, só quero se ela vier junto com o pacote completo, fora isso, não faço questão de sermos amigos. — Mais uma vez, a encaro com força no olhar.

Ela respira fundo, e eu continuo fitando-a, deixando que o seu corpo perceba o quanto eu a quero.

— Última chance, Eleonora. Você só precisa repetir as palavras, só isso, mas faça olhando nos meus olhos. — Inclino a cabeça, fitando-a com desafio no olhar. — Então?

Com o olhar preso ao meu, ela engole em seco. Uma parte sua quer negar que me ama, eu sei disso, pois posso ver através do seu olhar incerto.

Mas a outra parte está prestes a desabar, pois o medo está explícito no seu rosto. Ela está com medo de me perder, medo que eu vá embora e nunca mais volte. São minutos tensos, o nosso olhar fixo um no outro, nossas bocas tão próximas e nossas respirações ritmadas. Estamos quase sem piscar, só na expectativa do que vai acontecer.

— Eu... — Ela aperta os olhos, certamente está travando uma luta interna para dar o próximo passo. — Eu amo você. — Ela murmura.

— Olhando para mim, Eleonora. Diga outra vez. — Ela abre os olhos e as lágrimas vêm junto.

— Mauricio Lafaiete, eu amo você, amo com toda a força do meu coração. Pronto, satisfeito?

Eu a beijo, e desta vez eu deixo que o beijo demonstre o quanto estou satisfeito. Minha língua se entrelaça com a sua, fazendo com que a Eleonora solte gemidos desesperados. As suas lágrimas molham o meu rosto e o beijo torna-se salgado. Eu a prendo junto a mim, com força, enquanto uma das minhas mãos passeiam pelas suas curvas redondas. Ela arqueia o seu corpo, roçando em mim. Solto a sua boca e ergo o meu corpo, observando-a atentamente.

— O... o quê? O que foi? — Eleonora pergunta, com o olhar assustado.

— Shh... não diz mais nada, só fique quieta.

Dispo a minha camisa, minha calça e a cueca, fico completamente nu.

Volto a admirar a mulher que eu tanto amo. Eu nunca tinha visto nada mais lindo e sexy. Os lindos cabelos castanhos espalhados no travesseiro, a pele sedosa e os lábios umedecidos pelo meu beijo. O seu olhar está com um brilho de satisfação e o peito oscila em um sobe e desce, acredito que pela sensação que acabo de causar nela. É a porra da imagem mais foda que os meus olhos já viram. Eu quis

a Eleonora desde o primeiro segundo em que a vi. Eu a desejei para mim, fiz planos, em um segundo ela se transformou no meu maior motivo para viver, no entanto, em um passe de mágica, tudo acabou. Ela chutou a minha bunda, mas mesmo assim eu luto por ela, faço coisas que os outros homens não fariam. A verdade é que eu faria tudo novamente, se fosse preciso. Não me importo de estar bancando um idiota, ela é tudo o que eu sempre desejei em uma mulher, e agora eu sei, Eleonora é MINHA. Se os outros homens não foram capazes de conquistá-la, eu sou, pois sou o homem certo para ela.



Capítulo 32

S em tirar os meus olhos dela, baixo o meu corpo sobre o colchão e me deito sobre ela. Ela ainda está vestida, o que é um problema, pois há muitas barreiras entre nós, por isso, pego a bainha da camisola com as mãos e a puxo lentamente, quase em câmera lenta. Minha boca enche d'água quando eu vejo seus seios. Cheios, altivos, com mamilos escuros e pontudos, que clamam pela minha boca, língua e dentes.

Eleonora estremece quando sente o calor da minha respiração na pele sensível

dos seus seios. Ela me fita com um olhar foda demais, quase me deixando pronto para gozar como um garotão de dezesseis anos. Vendo seu olhar de desejo, eu sorrio levemente e levanto a mão para acariciar o seio intumescido.

— Quer a minha boca aqui, futura esposa? — Indago asperamente, com um olhar audacioso.

— Esposa? Você me chamou de esposa? — Eleonora pisca os olhos, surpresa com a forma como a chamei.

— Não, eu te chamei de “futura” esposa, agora responda à minha pergunta. — Massageio os seus deliciosos seios, enquanto a fito com um olhar faminto, adorando ver como o seu corpo reage ao meu toque.

— Sim... sim, eu quero a sua boca aí e em todos os lugares, senhor

Lafaiete.

Eu já sabia a resposta, só queria escutar seus lábios se moverem ao pronunciar cada palavra.

— Sentiu a minha falta? Durante todo esse tempo que estivemos separados você me desejou, me quis dentro de você? Fodendo-a com força, hein, Eleonora? Olhe para mim e responda.

— Não, eu não quero responder, já passou.

Imediatamente solto seu seio. Ela me fita, decepcionada, e arqueia o peito, em uma tentativa de me seduzir e me instigar a tocá-la outra vez, mas a fito com determinação.

— Eu quero a verdade, Eleonora. Sem mentiras entre nós, sem enganação, me diga.

Um longo silêncio se estende entre nós. Eu quero dar prazer a ela, mas não até que ela diga o quanto me desejou por todo esse tempo.

— Eu… — Ela respira fundo e em seguida solta lentamente. — Eu pensei e desejei você me fodendo e usando essa sua língua magnífica em todas as partes do meu corpo, em cada segundo que fiquei longe de você.

Satisfeito, senhor arrogante Lafaiete? Agora o senhor pode voltar a fazer o que estava fazendo, ou quer que eu implore mais um pouco?

— Oh, sim, futura esposa. Estou muito satisfeito e não precisa implorar por nada. — Levanto uma sobrancelha, descontraindo-a, e assim que ela relaxa o corpo, seguro as suas pernas e retiro sua calcinha.

Eleonora fica completamente nua para mim. A barriga arredondada e lisa é linda, eu admiro-a e a acaricio lentamente. Ao fazer isso é como se eu estivesse acariciando o meu filho, que deve estar dormindo... Assim espero, pois não quero que ele perceba o que farei com a mãe dele a partir de agora.

Movo-me de forma a ficar entre as suas coxas. Meu pênis se aconchega contra a rechonchuda boceta, mas resisto ao desejo de deslizar para dentro daquele paraíso que eu já conheço e tanto anseio. Desvio os meus pensamentos para uma outra parte do corpo dela, pairo a minha boca sobre o seu seio, mordendo o bico retesado de tesão.

— Se você soubesse o quanto esperei por este momento. — Travo os dentes lentamente sobre ele, fazendo-a soltar um grito, enquanto o seu corpo se arqueia.

Arrasto a minha boca para baixo, deixando um rastro de beijos, molhando a sua pele arrepiada com a minha saliva. Circulo seu umbigo com a língua, esfregando os meus lábios sobre o seu ventre, até chegar à sua vulva. Ela geme e arqueia os quadris, forçando minha boca lá.

— Calma, meu amor, calma. — Murmuro. Ela responde com um suspiro suave.

Abro as suas coxas com as mãos e pressiono os meus lábios na sua boceta, dando uma lambida entre as suas dobras. Eleonora solta um grito orgástico e eu aproveito para empurrar a língua na sua abertura molhada, socando dentro e fora.

— Maumau, assim eu gozo, tanto tempo sem a sua língua em mim, estou quase enlouquecendo. — Eleonora se contorce, e eu a seguro pelas coxas e dou a ela o que ela tanto quer: prazer.

O pulsar do seu pulso bate nos meus ouvidos, causando sensações que há muito não sinto. Fica difícil até de pensar, respirar e agir. Mas isso não é sobre mim, não sou egoísta, isso tudo é a respeito dela, do prazer que eu posso lhe dar, não só hoje, mas pelo resto de nossas vidas. Então, esqueço de mim, da minha

aflição, e baixo os lábios outra vez, deixando que a minha língua se mova pela sua intimidade, varrendo o seu precioso líquido do

prazer, batendo fortemente no seu clitóris. Eleonora se derrete na minha boca, sucumbindo ao desejo. Ela arqueia os quadris e grita. Eu agarro as suas coxas e sugo forte o seu prazer, enquanto ela envolve as pernas nos meus ombros, me apertando fortemente.

Minha excitação vai para o cume, não sei por quanto tempo posso resistir, meu membro está duro de latejar, a minha umidade jorra em gotas espessas, quero muito senti-la, quero muito estar dentro dela, fodê-la com força e reivindicá-la, gritar para os quatro cantos do mundo que ela é MINHA, só minha.

Mais excitado do que nunca e ofegando feito um desesperado, ergo a cabeça e a encaro. Ela está foda demais, com os olhinhos brilhando e vidrados nos meus.

— Você está bem? — Pergunto, preocupado, pois ela não me parece bem, afinal, o meu filho nascerá em algumas semanas, ou dias, e todo este esforço pode apressar o parto.

— E-estou. — Antes de responder, ela movimenta a cabeça, afirmando.

— Por que parou? — Eleonora estica os lábios em um sorriso safado.

— Isso é um pedido? — Arqueio uma sobrancelha, sorrindo com malícia.

— Sim, senhor Lafaiete. — Esta é a minha Eleonora, a mulher que me deixou, e me deixa, completamente louco.

Mergulho a cabeça outra vez entre as suas pernas, prendendo o seu clitóris entre os lábios, e dou a ela o que ela quer, mais prazer. Sugo o seu clitóris com força. Eleonora grita, até que o seu grito se transforma em um gemido orgástico, enquanto ela se derrete na minha boca. Empurro um dedo bem fundo dentro dela, logo depois, acrescento um segundo dedo, e então um

terceiro. Ela se contorce, delira e sussurra o meu nome, até que um gemido baixo desliza da sua garganta e ela explode. O clímax vem em ondas, e a escuto chamar o meu nome bem alto.

— Eu amo você, Maurício... amo... amo...

Uma satisfação penetra no meu âmago. Escutá-la gritar que ela me ama faz o meu pênis pulsar incontrolavelmente. Quase a tomo, quase a fodo com todo o amor que eu sinto por ela. Mas vou satisfazê-la, plenamente. Mergulho minha língua o mais profundo que posso, até que sinto a contração dos seus músculos internos. Eleonora se contorce na cama, sussurrando o meu nome inúmeras vezes. Quando sinto seu orgasmo diminuir, movo a outra mão para o seu buraco traseiro e empurro um dedo dentro dele. Seu corpo desperta para mais uma onda de prazer, e eu escuto outro gemido selvagem. O clímax vem duro, gradual, sonoro e fugaz. Deus! Meu pênis quase explode junto com o prazer dela.

— Também amo você, futura esposa. — Murmuro.

Sorrindo, deslizo sobre o seu corpo e cubro a sua boca com a minha, em um beijo terno, mas ao mesmo tempo dominante. Exijo tudo dela, deixando-a excitada outra vez, despertando nela o poder que ela tem sobre mim.

— Senhor Lafaiete, preciso dar a você o mesmo que o senhor me deu. —

Sua mão alcança meu pênis duro e latejante, louco por ela. — Nossa! Isso é por minha causa? — Eu a beijo e assinto com a cabeça. — Precisamos dar um jeito nisso, não acha? Para o bem dele, o seu e o meu também.

Eu sei o que ela quer, e é o mesmo que eu quero. Quero sentir o calor da sua boceta em volta do meu pau. Ela se arrasta sobre o meu corpo, mas o seu ventre arredondado não favorece a posição, e ela faz uma careta.

— Eleonora, o que foi? — Imediatamente ela se deita e eu me sento

sobre os meus joelhos, tocando na sua barriga, exatamente onde está a sua mão. — Por Deus, meu amor! Exagerei, foi isso? É o bebê? Caramba, Eleonora, diga alguma coisa!

Ela respira com dificuldade, solta o ar lentamente, quase soprando.

— Está desconfortável, acho que exageramos um pouco. Perdoe-me, Maumau, não foi o que eu planejei para o nosso primeiro reencontro. — Fala tristemente.

— Hei, não fique assim, nós teremos muito tempo para tirar o atraso, não é mesmo? — Digo, enquanto beijo a sua barriga dura e ela alisa os meus cabelos.

— Sim, meu amor... — Eleonora ofega, e eu encaro o seu rosto com duas rugas de preocupação. Ela aperta os olhos, como se estivesse sentindo dor.

— Amor, o que você tem? — Ela continua quieta, com os olhos fechados. — Eleonora, me responda, está se sentindo bem?

— Só estou indisposta, preciso descansar, é só isso. — Ela me puxa para mais perto. — Abrace-me, preciso dormir só um pouco. — Beijo-a com carinho e me levanto. — Aonde você vai? — Assustada com minha atitude, ela ergue o corpo, apoiada sobre os cotovelos.

— Procurar uma camisola para você e me vestir. — Visto-a com cuidado, e depois eu me visto também. Deito-me ao seu lado e puxo-a para o meu peito. — Amo você, futura esposa.

— Amo você, senhor Lafaiete. — Ela se agarra a mim e cheira o meu peito, e segundos depois, nós adormecemos.

Estou sonhando com ela – a dona do meu mundo – quando escuto um murmúrio e alguém me cutucando.

— Maumau, Maumau... chegou... chegou a...

Abro os olhos e sinto algo molhado na minha perna. Ergo a cabeça e tento me acostumar com a claridade.

— Amor... o bebê...

Somente agora eu volto à realidade. Eu e a Eleonora, não foi um sonho.

Sento-me imediatamente, e agora vejo o seu desespero. A cama está molhada e a Eleonora mal consegue respirar. Meu filho está prestes a nascer.



Capítulo 33

E leonora respira apressadamente. Ela segura o ventre com as mãos, e entre intervalos de minutos, ela faz uma careta de dor. Eu seguro a sua mão e sinto a pressão dos seus dedos sobre a minha mão.

— Ai... meu... Deus! — Eleonora aperta os olhos e tenta manter a calma.

— Maumau... me ajude a levantar.

Desesperado, eu me levanto, passo as mãos nervosamente pelos meus cabelos, procurando manter a calma. Porra! Meu filho está prestes a nascer, é isso mesmo?

Precisei de mais alguns segundos para refletir sobre o que está acontecendo. Então, meus olhos se arregalam.

— Vamos ter um bebê...?

— Isso mesmo. Acho que chegou a hora.

A confirmação é suficiente para fazer com que toda a tensão se dissipe e dê lugar à euforia.

— Calma, amor, respira devagar. — Estendo-lhe a mão, ela a segura e eu a ajudo a se levantar, guiando-a até uma cadeira.

— Sente-se — Peço com a voz trêmula. — Não, espere, acho que

precisamos ir para o hospital.

— Sim, amor, nós precisamos ir rapidamente para o hospital — Ela afirma, sorrindo.

Seu sorriso morre nos seus lábios, dando lugar a outra careta. As dores estão menos espaçadas.

— Onde estão suas coisas e as do bebê? — Articulo, enquanto avalio todo o quarto. — Já estão arrumadas, ou não?

— Já. Está tudo pronto. — Ela puxa o ar com força para dentro dos pulmões. — Minhas roupas, Maurício, eu preciso tirar a camisola, ela está molhada.

Corro para o armário e pego o primeiro vestido que encontro. Eu ajudo a Eleonora a se vestir e penteio os seus cabelos, e como por mágica, me troco o mais depressa possível.

— Tenha calma. São as contrações, e pode demorar horas.

Olho para ela com um olhar de desespero, passo os dedos entre os fios dos meus cabelos, a calma que eu tinha está se esvaindo a cada careta de dor que ela faz.

— Como posso ficar calmo vendo você sentir dor? Não tem como me manter calmo! — Eleonora me olha com uma cara, não sei dizer se é dor ou zanga.

— Maurício, você tem que ficar calmo para conseguir me ajudar, está bem? Afinal, não era isso que você tanto queria?

Pisco várias vezes, cerro os punhos e respiro fundo.

— Está bem. Onde estão as malas?

— No quarto do bebê, a bolsa azul e minha mala.

Corro para o quarto do meu filho, pego tudo e coloco em meu ombro, assim que retorno, vejo Eleonora se curvar para frente segurando a barriga.

Quase em desespero, vou ao seu encontro. À medida que a dor aumenta, ela cerra os dentes e agarra o meu braço com mais força, se apoiando nele. Ela me fita de modo penetrante, mas eu a olho com amor, puxando-a para perto de mim, beijando o alto da sua cabeça.

— Estou aqui, meu amor, estou aqui com você. Se eu pudesse, sentiria todas as suas dores, como não posso, pode me xingar, me bater, me morder, faça o que você quiser para amenizar a sua dor. — Digo-lhe, e por incrível que pareça, a dor vai passando devagar.

— Podemos ir, quer que eu a leve nos braços até o carro? — Viro-me para ela, e olho com carinho para o seu rosto adorável.

— Podemos e, sim, eu prefiro que me carregue, pois acho que não consigo andar até o carro — Eleonora afirma, se encostando no meu peito.

A minha ansiedade está quase me matando, mas antes que isso aconteça, ligo para a doutora Cilene. Ela faz várias perguntas, que são respondidas por Eleonora, pois o celular está no viva-voz. Ao obter todas as respostas, a médica me pede para que eu siga direto para o hospital. Ela já está a caminho.

Nem espero que a doutora se despeça, desligo o celular, pego a Eleonora nos braços e a levo direto para o carro.

Agradeço por estarmos em uma cidade pequena, pois o trânsito é tranquilo. Já estava preocupado, sem saber se dirijo depressa ou devagar, já que a cada olhada que dou na sua direção, a Eleonora faz caretas de dor e os seus dedos apertam com força a minha coxa.

Doutora Cilene já nos aguarda logo na entrada do saguão.

— Eleonora, venha, nós vamos levá-la direto para o quarto. — Uma

enfermeira a ajuda a se sentar em uma cadeira de rodas, Eleonora não solta a minha mão e isso me deixa mais calmo. Ninguém ousaria afastá-la de mim.

— Qual é o intervalo das contrações?

— Acho que de quinze em quinze... — Ela mal termina a frase, e outra contração vem forte. A médica começa a contar os minutos no relógio.

— Levem-na, vamos! Ela precisa ser monitorada. — A Dra. Cilene apressa as duas enfermeiras que cercam a Eleonora.

— Maurício, venha, não quero ficar sozinha. — Uma das enfermeiras nos afasta, e eu quase pulo no pescoço da mulher.

Dra. Cilene vê o meu desespero e segura no meu braço, impedindo-me de ir até a Eleonora.

— Vá até a recepção, depois você vai até o quarto. Não se preocupe, o bebê não vai nascer agora, ela ficará bem.

Eleonora me fita com os olhos marejados, suas mãos estendidas me chamam. Vou até ela, sem me importar com o olhar de repreensão da médica.

— Vou até a recepção, não se preocupe. Já, já estarei ao seu lado. —

Beijo levemente os seus lábios, e ela circula os braços no meu pescoço, prendendo-me.

— Não, não, por favor! Não me deixe outra vez, não me deixe... —

Eleonora começa a chorar convulsivamente, e me preocupo e estranho essa reação, pois ela nunca foi frágil.

— Hei... — Com esforço, eu a afasto do meu corpo e olho com carinho para o seu rosto molhado pelas lágrimas. — Não vou te deixar, só vou acertar a sua entrada no hospital, só isso. Se acalme, meu amor.

— Você promete? — Ela soluça e toca com a sua mão no meu rosto, acariciando-o.

— Prometo. — Beijo o alto da sua cabeça, e antes que ela possa me tocar, a enfermeira a afasta de mim.

Foi a manhã mais longa de toda a minha vida.

Fiquei sentado ao seu lado por horas, vendo-a suportar com coragem todas as contrações, que ficavam cada vez mais fortes. Às duas da tarde, as contrações se intensificaram. Eleonora tentou não gritar, mas às vezes se tornava impossível evitar isso. Meus dedos que o digam, pois em certas ocasiões pensei que os perderia. Ela é muito corajosa, eu me orgulho da sua coragem, no entanto, estou em frangalhos.

Pelas minhas leituras sobre a gravidez e o parto, eu sei que parir é doloroso, mas não pensei que fosse tanto assim. Acho que Deus sabe o que faz, pois nós homens jamais conseguiríamos dar à luz a uma criança.

Não consegui sair do seu lado. Até quando precisei ir ao banheiro, só fui quando ela estava em um dos seus cochilos, entre uma contração e outra. A verdade é que ela já estava tão cansada que mal podia abrir os olhos. Fiquei ali ao seu lado, segurando as suas mãos, enxugando o seu suor e as lágrimas.

Quando ela podia se levantar, eu a ajudava a caminhar um pouco, para que descansasse as costas que ficavam doloridas por ficar tanto tempo deitada.

Pouco depois das vinte e três horas, as contrações vieram fortíssimas e a Eleonora não teve como evitar os gritos. Ela foi levada para a sala de parto, e eu fui com ela, só que antes precisei trocar as minhas roupas. Antes mesmo de entrar na sala, eu já escutava os gritos da Eleonora, e o meu nervosismo aumentou.

— Força... — A enfermeira ordena para a Eleonora. — Você precisa fazer força.

— Muito bem — Dra. Cilene diz, encorajando-a. — Seu bebê está

prestes a nascer.

Eleonora consegue sorrir e chorar ao mesmo tempo, e eu sequer consigo respirar. As coisas acontecem rapidamente. Um grito dilacerante e um chorinho preguiçoso. Esse som é música para os meus ouvidos. Eu acho que este será o momento mais inesquecível da minha vida. A doutora segura o pequeno melecado pelos pés e o separa da Eleonora.

— Venha, Maurício, venha cortar o cordão umbilical. — Cilene me chama, e eu

quase entro em pânico. Fico sem reação, até que escuto a voz cansada da Eleonora.

— Vai, Maurício, não existe outra pessoa no mundo que mereça mais esse momento do que você.

Eu vou. As lágrimas banham o meu rosto e as minhas mãos tremem quando eu corto o único meio que ainda liga o meu filho à sua mãe. Assim que eu os separo, o bebê chora. Acho que ele sabe que a partir de agora está separado dela. Uma enfermeira o pega para limpá-lo e embrulhá-lo em um pequeno lençol. Meu filho chora, ele está zangado, agita os braços e as perninhas. Ele é birrento e tem uma senhora garganta. A enfermeira o leva para a Eleonora, que estende os braços para segurá-lo.

— Pronto, mamãe. Aqui está o pequeno príncipe, ele já tem um nome?

— Eleonora, em lágrimas, o segura, olhando para ele e o avaliando.

— Ele se parece com o pai, é lindo como o pai... — Ela me encara, os seus olhos estão brilhando. Ela está linda. — Espero que o pai dele concorde com o nome que eu escolhi para ele. — Ela volta a admirar o bebê. —

Bernardo, o nome dele é Bernardo.

— Bernardo... — Interrompo-a. — É o nome do pai dele? — Ela nega com a cabeça, — Do seu pai, ou irmão? — Ela nega outra vez.

— Desde criança eu sempre dizia que quando tivesse um filho, ele se chamaria Bernardo — Ela volta a me encarar. — Gostou do nome?

— É bonito, forte, se parece com ele. — Seguro a mãozinha dele, e ele faz um muxoxo.

— Bernardo, eu quero te apresentar uma pessoa. — Ela ergue meu filho e o mostra para mim. — Maurício Lafaiete, este é o Bernardo. — Sua voz embarga e os meus olhos marejam. — Bernardo este é o Maurício Lafaiete, seu pai.

Eleonora chora. E eu tento controlar a mistura de sentimentos que me tomam neste momento. Ela está muito emocionada, e eu me preocupo com o seu estado. Fica pior quando escuto o som intermitente de um bip e a médica pede para que

me tirem da sala de parto. A enfermeira segura meu filho nos braços, e sou retirado da sala à força, chamando pela Eleonora.

— Eleonora... Eleonora... — Ela não responde. — Por favor, me digam o que está acontecendo! — Antes que fechem a porta atrás de mim, viro a cabeça na direção da maca onde ela está deitada e vejo a cena mais terrível que eu já vi na minha vida. A doutora Cilene faz massagem cardíaca na Eleonora.



Capítulo 34

P ermaneço parado diante da porta pela qual acabei de passar.

Estagnado. Um desespero íntimo me devora. Com minha mente completamente paralisada, só consigo ver a Eleonora deitada na maca, sem se mover, sem respirar. Não... não, Deus não faria isso comigo, ele não a tiraria de mim.

Alguém passa por mim, quase levando consigo o meu ombro. Esse ato me traz de volta à realidade. Olho à minha volta e só então percebo que estou na sala de recepção da maternidade. As pessoas vão e vêm, homens andam de um lado a outro, e as senhoras tentam acalmá-los. Enfermeiras, médicos e funcionários

circulam pela imensa sala, sem sequer notar o que está acontecendo comigo. Eles nem sabem o medo que estou sentindo.

Mas que inferno! Reaja, Maurício!

Dirijo o meu olhar para o balcão da recepção e sigo até lá. Observo o crachá da atendente.

— Senhorita Ieda — Ela para o que está fazendo e me encara. —, eu preciso saber notícias de uma paciente, o nome dela é Eleonora Miranda, ela acabou de dar à luz.

— Só um minuto. — A moça pega o telefone e disca um número. Ela pergunta sobre a Eleonora assim que atendem. Depois ela desliga, e com uma

fisionomia inexpressiva, me encara outra vez. — A médica virá falar com o senhor em alguns minutos, espere naquela sala. — Ela aponta para uma grande porta vermelha.

Por Deus! O que aconteceu?

Meu corpo inteiro arrepia e o meu coração bate com força. A moça volta a fazer o que estava fazendo anteriormente, e eu sigo reticente para a sala indicada.

A sala é sóbria, com algumas poltronas acolchoadas e diversas cadeiras vermelhas que estão quase vazias, o que me preocupa. Só há um homem e uma senhora, mas pela expressão dos dois, há algo de errado. Sigo até a janela, olho para um ponto fixo qualquer, tentando manter a calma. Eu me sinto tão impotente. Não sei como vou reagir se algo tiver acontecido com a Eleonora, não sei mesmo.

— Maurício... — Viro-me rapidamente quando reconheço a voz que me chama.

— A Eleonora, como ela está, eu posso vê-la? — digo rapidamente, nervoso, segurando os ombros da doutora Cilene.

— Se acalme, homem! Você está tremendo. — E estou mesmo, dos pés à cabeça. Estou quase tendo um ataque de pânico.

— Não me enrole, doutora. Eu quero ver minha mulher. Agora! —

Exijo, fitando-a com determinação.

— Calma, você vai vê-la em alguns minutos, o susto já passou. Ela está bem, ela sofreu um aumento da pressão arterial devido à forte emoção pela qual passou. No momento, ela já foi para o quarto e está dormindo. Por que não aproveita para relaxar um pouco e comer alguma coisa? Depois vá ver o seu filho no berçário, ele é o único menino no meio de sete meninas, e elas

estão se aproveitando, não param de chorar, acho que querem chamar a atenção dele.

Cilene consegue me descontrair. Saber que a Eleonora está bem e que o meu filho já está fazendo sucesso entre as meninas me faz rir.

— Aposto que ele está calminho, quem sabe até esteja dormindo tranquilamente. — Digo, enquanto relaxo os ombros.

— Dorme sem se abalar com o barulho. — Cilene solta uma pequena gargalhada.

— Não nega o sangue dos Lafaiete. — Falo, cheio de orgulho.

— É um bebê esperto e destemido, esse vai dar trabalho para a mulherada se continuar assim. — Cilene diz, enquanto a sua mão toca o meu ombro. — Siga o meu conselho, vá comer alguma coisa, foram horas de muita ansiedade, você precisa relaxar.

— Eleonora está bem mesmo? Ela ficará quantos dias internada?

— Se tudo estiver bem, amanhã ela recebe alta.

— Então vou para casa tomar um banho, trocar de roupa e comer alguma coisa.

— Isso mesmo, não se preocupe, a Eleonora nem vai notar, ela vai dormir por algumas horas. — Diz a Dra., antes de se despedir e se afastar.

Aliviado e com o coração feliz e cheio de planos para o resto da minha vida, sigo para a casa da Eleonora.

Antes de voltar para o hospital, passo no shopping da cidade e compro flores e

uma surpresa para Eleonora. Não sei qual será sua reação, também não quero pensar nisso agora, o importante é que já tomei a minha decisão e ela não tem como fugir desta vez.

Ao entrar no quarto, fico pasmado com a cena que eu vejo. Eleonora está com o Bernardo nos braços, e assim que ela me vê abre um sorriso, os olhos com um brilho tão lindo que quase me perco na sua luz.

— Olhe só para ele, Maurício. Ele é tão quietinho, só dorme. — Eu me aproximo com os olhos marejados, mal consigo respirar.

Deixo as rosas com a enfermeira e chego o mais perto que posso das duas razões do meu viver. A emoção rouba a minha voz.

— Ele se parece com você. A boca, o nariz e até as mãozinhas são iguais às suas — Ela diz, por fim, engolindo o nó que se formou na garganta.

— Bernardo — Ela fala o nome pausadamente — Gostou do nome? —

Indaga, trêmula e chorando, enquanto acaricia o rostinho do Bernardo.

— Bernardo — Repito. — Olhando para ele, percebo que ele tem carinha de Bernardo.

Eu jamais vou esquecer desta cena, mesmo que eu viva mais cem anos.

Vê-la segurando o nosso filho nos braços, olhando para ele com tanto amor, é marcante demais. Vendo-os assim, posso afirmar que se o Bernardo não fosse meu filho biológico, ele seria de alma.

— Ele é perfeito, meu amor. Tem os nossos traços, veja, ele tem a sua covinha — Toco o rostinho dele. — E este sinal aqui, olhe, é igualzinho ao seu, é menorzinho, mas quando ele crescer vai ficar igual.

Eleonora tem um sinal no pulso esquerdo, se parece com um mapa, eu sempre brinquei com ela lhe dizendo que se eu seguisse aquele mapa, acabaria chegando ao seu coração.

— Os cabelos são iguais aos seus — Ela começa a chorar. — Perdoe-me, Maumau... perdoe-me. — As lágrimas descem pelo seu rosto e morrem na

roupinha do nosso filho.

— Eleonora, não chore. — Beijo sua testa, mas este ato só piora, só a faz chorar muito mais. — Me dê o Bernardo, vou colocá-lo no berço.

Eu o pego dos braços da Eleonora com cuidado. Beijo-o e ele faz um muxoxo, mas fica quietinho. Com cuidado, o coloco no bercinho e permaneço observando-o por mais alguns segundos. Ele abre a boquinha em um bocejo e logo depois fecha os olhinhos, adormecendo. Acho que ele entendeu que o papai e a mamãe precisam ter uma conversa. Volto para o lado da Eleonora, sento-me na cama, acaricio o seu rosto e limpo as lágrimas que molham o seu lindo rosto. Seguro uma de suas mãos e a levo até os meus lábios, beijando-a ternamente.

— Meu amor, você precisa descansar, foram horas de trabalho de parto.

Esqueça o resto, nós estamos bem, somos uma família agora e nada nesse mundo vai me separar de você. Descanse, ficarei aqui ao seu lado, não vou a lugar algum.

— Não, eu preciso explicar, preciso lhe dizer por que menti para você.

Só depois disso ficarei bem, por favor, só me escute...

Ela começa a chorar outra vez. Não consigo ficar indiferente à sua dor, por isso a puxo para meus braços com cuidado, minha boca procura a dela, nossos lábios se encontram em um beijo carregado de emoção.

— Eu te amo tanto, tanto... — Junto as nossas testas, ela permanece de olhos fechados e meus avaliam o seu rosto. — Eleonora, nunca vou te abandonar, e nem ao nosso filho. Vou logo lhe dizendo que daqui a um ano eu quero outro filho. — Ela sorri, finalmente os seus lábios se esticam em um lindo sorriso.

— Maurício, não vou me alongar na minha explicação, pois falar sobre isso dói demais, mas preciso que saiba os meus porquês, mesmo que não os entenda, mas pelo menos que saiba por que não confio nos homens.

Sinceramente, ela não precisa me explicar nada, não me importa o seu passado, o importante agora é o nosso futuro, a nossa família. Mas ela precisa falar, precisa pôr para fora toda a sua dor.

— Ok, meu amor, só não se canse. — Eu ajeito a Eleonora sobre os travesseiros, deixando-a o mais confortável possível.

— Mamãe era mais velha do que o meu pai, cinco anos, mas isso não o impediu de se apaixonar por ela. Mamãe era uma mulher deslumbrante, eles se casaram e eu sou o fruto deste casamento. Cresci em um lar feliz, cheio de amor, e eu achava que todo esse amor seria para todo o sempre, até que a minha mãe ficou doente. Ela engordou cinquenta quilos, ficou feia e velha.

Eu tinha onze anos quando flagrei papai com outra mulher, aos beijos no escritório dele. A moça devia ter cerca de vinte e dois anos. Imagine o meu susto? Dois dias depois, papai foi embora de casa, e assim que o divórcio saiu ele se casou com a moça. A mamãe quase morreu de desgosto, mas não morreu, ela superou a doença da tireoide, emagreceu e voltou a ser a mulher linda, forte e decidida, mas nunca mais foi capaz de confiar em homem nenhum, e nem eu. A mamãe faleceu quando eu completei dezoito anos, mas antes de morrer, ela me fez jurar que eu jamais confiaria na palavra de um homem. Ela nem precisava ter me pedido isso, pois o papai me ensinou que os homens gostam de carne fresca e nova.

Ela esconde o rosto entre as mãos e chora compulsivamente.

— Meu amor, não chore, jamais faria isso com você, eu a amo.

— Agora eu sei disso. — Ela se afasta, segura o meu rosto com as duas mãos e o nosso olhar se fixa. — Maurício, se eu não tivesse ficado grávida nós estaríamos juntos até hoje, mas quando eu descobri sobre a minha gravidez, bateu um medo e eu só pensei no que eu passei quando era adolescente. Não permitiria que meu filho passasse por aquilo, por isso fugi e

menti, só queria proteger meu filho, e quando ele estivesse maiorzinho e se acostumando só comigo, eu o levaria para conhecê-lo. Sei que você me odiaria, mas entre o seu ódio e proteger meu filho de uma decepção, fico com meu filho. Você me perdoa? Diz que me perdoa, por favor.

Ela me puxa e me agarra fortemente. A força do seu abraço é tão poderosa que temo que ela se machuque. Sinto seu coração bater fortemente contra meu peito e a sua respiração acelerada. Preocupado, eu a afasto lentamente, avalio seu rosto molhado pelas lágrimas, os olhos vermelhos e inchados, os lábios trêmulos. Ela é linda! Minha, só minha.

Assustada, ela tenta me segurar quando eu me levanto.

— Já volto, só vou pegar algo na sacola. — Ela solta a minha mão, e eu sigo até a mesa, pego um embrulho de dentro da sacola, abro uma pequena caixa preta e retiro algo de dentro dela, e fecho a mão.

Volto para a cama, sento-me com os olhos vidrados no rosto dela.

Seguro sua mão esquerda, e sem tirar os meus olhos do seu rosto, pergunto:

— Eleonora Miranda, aceita ser a minha esposa, hoje, agora e sempre?

— Mostro a aliança de ouro e brilhantes, e antes mesmo que ela diga sim, coloco-a lentamente no seu dedo. — Então, aceita ser minha esposa?

Ela olha para o dedo, boquiaberta.

— Também tenho uma para você colocar no meu dedo, ou você quer que eu ande por aí sem uma aliança? — Mostro-lhe a outra aliança.

Eleonora segura a aliança, admirando-a por alguns segundos. Ela engole em seco, segura a minha mão esquerda e coloca a aliança no meu dedo.

— Maurício Lafaiete, agora você é meu, só meu! Eu quero muito ser a senhora Lafaiete.

Fixamos os nossos olhares, e como em câmera lenta, nos beijamos com

paixão.

— Assim que voltarmos para Salvador, vamos nos casar, futura esposa.

— Desta vez eu a beijo de forma ousada.

— Oiee... — A enfermeira limpa a garganta, ela está bem atrás de mim.

— Papai, a sua esposa precisa descansar e o lindo príncipe precisa dar um passeio até o berçário, mas já voltamos, ok?

— Algum problema com ele? — Eu me levanto imediatamente. Em dois passos estou diante do pequeno bercinho.

— Ele está bem, nosso filho está bem. — A Eleonora tenta se levantar, e eu corro para impedi-la. Detenho-a antes que ela coloque o pé fora da cama.

— Se acalmem, o pequeno príncipe está bem, são só os exames de rotina. Logo, logo ele estará de volta, e posso garantir que estará morto de fome, por isso, mamãe, descanse. — A enfermeira pega o Bernardo e o leva com ela.

Ficamos a sós, completamente sozinhos. Bate uma saudade do meu filho, dos muxoxos que ele faz quando está acordado, do cheirinho dele, os pezinhos e as mãozinhas se agitando no ar. Eu sempre imaginei como seria essa sensação, só não imaginei que fosse tão forte e tão incomparável.

Eleonora puxa a minha mão e a coloca sobre o coração.

— Eu senti tanto a sua falta. Eu sofri tanto, pensei que não sobreviveria sem você — Eu me recosto na cabeceira da cama e puxo a Eleonora para o meu peito, beijando o alto da sua cabeça — E a cada dia que eu ficava sem você, tinha medo de perdê-la para sempre.

— Não pense você que foi fácil para mim mandá-lo embora. Eu também tive medo, foi a decisão mais difícil que já tomei na minha vida, principalmente de dizer a você que o Bernardo não era seu filho — Ela

confessa, murmurando com a voz embargada. — Quando você surgiu na minha porta, quase tive um ataque do coração e quase confesso a verdade, mas lembrei do que aconteceu com a mamãe.

Agora sabendo dos verdadeiros motivos pelos quais a Eleonora mentiu para mim, eu a entendo. A verdade é que alguns homens só valorizam a grama do vizinho, a deles está sempre feia e seca. Geralmente quando um homem sacaneia a sua esposa, ele sacaneia os seus filhos também, eles nem pensam nas consequências, só pensam em si mesmos. Eu e os meus irmãos crescemos em um lar onde a mulher está em primeiro lugar sempre, onde ela é tratada com respeito, carinho, cuidados e amor. Um lar onde a sua segurança está acima de tudo. Papai sempre dizia que, se não podemos dar conforto, mimar, proteger, amar e respeitar uma mulher, então é melhor deixá-la onde ela está, porque um outro pode fazer por ela o que não conseguimos fazer. Por isso, somos tão intensos em nossos sentimentos; quando um Lafaiete ama, ele ama para sempre.

— Esqueça, agora você será amada, muito amada. — Eleonora vira o corpo e me

encara.

Seu sorriso ilumina o quarto, e eu a fito de modo penetrante, olhando no fundo dos seus olhos.

Que saudade deste sorriso

Eu jamais me perdoarei se algum dia fizer seu sorriso se transformar em uma lágrima de decepção. Comigo ela sempre terá motivos para sorrir.

— Maurício, eu amo você.

Antes que ela possa completar a frase, a beijo com sofreguidão, quase sufocando-a. De hoje em diante os meus beijos serão fortes, pois ela precisa saber o quanto a quero, em todos os sentidos.

No dia seguinte, a Eleonora recebeu alta. Assim que chegamos em casa, ligo para os meus irmãos, avisando-os que meu filho nasceu e que assim que a médica a liberar para viajar, nós voltaremos para Salvador. Envio os documentos da Eleonora digitalizados para o Marcos, ele vai providenciar os proclamas do nosso casamento. Não quero esperar muito, por isso, assim que os documentos estiverem prontos, nos casamos. O Marcos se ofereceu para reformar meu apartamento, mas não há muito o que fazer com ele, só o quarto do Bernardo que terá que ser reformado, os demais cômodos, a Eleonora fará do jeito dela quando voltarmos.

O que me incomoda no momento é ficar perto da Eleonora e não poder fazer certas coisas com ela. A doutora Cilene nos avisou que o período de recuperação e resguardo é de um mês. Acho que trinta dias passam logo, afinal, já fiquei sem fazer amor por nove meses, então, o que são 30 dias perto disso? Vou sobreviver, sei que vou sobreviver.



Capítulo 35

Mãos desesperadas puxam para baixo o zíper da minha calça jeans. A Eleonora está de joelhos diante de mim, olhando de forma desejosa para a pele exposta. Ela umedece os lábios com a ponta da língua e apressadamente desliza a calça por minhas pernas, até que consiga retirá-las e me livrar delas.

Ela faz o mesmo com minha cueca, só que desta vez seus olhos relampejam ao vislumbrar meu sexo nu.

—Maumau, quanto mais eu o vejo duro mais eu o desejo — Ela prende a respiração e o admira, varrendo com os olhos todo o meu abdômen.

— Futura esposa, não faça com que a minha vontade vire uma tortura.

— Um frio percorre o meu corpo quando sinto o toque aveludado da sua língua na ponta da glande. Ela puxa um fio da minha excitação.

Parecem que passam horas antes que ela toque a língua lá novamente.

— Você tem um pau tão doce. — Ela circula a mão no meu pênis, enquanto murmura.

— Eu mal posso esperar para fodê-la. — Rebato prontamente. — Agora seja uma boa menina e chupe-o, engula-o, devore-me.

Ela ergue a cabeça, encarando-me com um olhar submisso, o que me deixa cheio de tesão.

— Mãos para trás e olhos em mim. — Obediente, ela faz o que eu ordeno.

Levo o meu pênis aos seus lábios e o deslizo sobre eles, a umidade que está nele deixa um rastro brilhante na sua boca – Foda, muito foda – Empurro só um pouco a cabeça do pênis entre os lábios lubrificados, mas só um pouco, o suficiente para que eu veja o meu pau entre eles.

— Puta merda! Esta boca foi feita para meu pau. Ele se encaixa perfeitamente... Lamba-o. — Ordeno com a voz carregada de tesão.

Ela ensaia um sorriso, e mesmo com os lábios ocupados com o meu sexo, ela desliza uma mão pelo meu eixo duro. Os dedos sobre ele, escorregando para cima e para baixo, seus lábios cobrindo a glande e a língua trabalhando em volta e na abertura do meu pau. Um prazer lúbrico se move por todo meu corpo. A necessidade de segurar os seus cabelos e forçá-la a engolir meu pênis é enorme. Vê-la de joelhos, olhando-me, chupando meu pau, só faz com que meu pênis pulse na sua mão.

— Eleo... nora — Deliro. Sei que ela gosta de provocar coisas em mim.

Com um movimento único, meu pênis desaparece dentro da sua boca.

Puta merda! A visão dos seus lábios me engolindo é enlouquecedora, perco-me nos meus pensamentos, sentindo o calor da sua língua circulando o meu eixo, seus dedos ágeis apertando as minhas bolas.

— Foda-me, futura esposa, foda-me com essa boca gostosa. — Fito-a com um olhar presunçoso do caralho. Ela sorri levemente. — Minha, você é minha. — Repito, cheio de empáfia.

Ela lambe todo meu comprimento e puxa uma gota de umidade com a língua,

saboreando-a com tesão. Isso me deixa louco, estou perto de jorrar meu prazer na sua boca. Eu a puxo pelo cabelo, forçando-a a ficar de pé. Ela

larga meu pênis, e antes que reclame, cubro a sua boca com a minha, beijando-a com fervor. Nossas línguas se entrelaçam e o fogo do tesão nos consumindo, pouco a pouco. Um gemido de decepção sai da sua garganta quando interrompo o beijo, mas quando os meus braços circulam o seu corpo e eu a carrego para cama, ela se acalma. Deito-a sobre os lençóis e encaro-a com um olhar penetrante. Com um só movimento, eu me livro da sua camisola. A safada da minha futura esposa está sem calcinha, e isso me deixa com mais tesão. Respiro fundo, enchendo os meus pulmões com o oxigênio necessário, tudo isso sem afastar os meus olhos dos dela, enquanto abro as suas pernas e deixo a sua boceta exposta.

— Espertinha, adoro quando você não usa calcinha. — Digo, salivando.

— Vire-se! — Ordeno.

Ela se vira, ficando sobre as suas mãos e joelhos. Ela ergue o bumbum para o ar, abafando um gemido quando eu me aproximo e acaricio a sua bunda nua. Assim que a minha mão a toca a sua pele, ela se arrepia.

— Maumau. — Eleonora murmura. D ou uma palmada com força na sua bunda, e Eleonora se encolhe, xingando-me. — Senhor Lafaiete, filho da mãe.

— Calada! — Digo com voz rouca, espalmando outra vez minha mão na sua bunda. — Fique sobre os joelhos e quieta, você entendeu, futura esposa?

— Ela assente com a cabeça e solta um gemido quando eu passo a mão entre as suas coxas molhadas pela sua umidade, alisando-as preguiçosamente.

— Maumau... foda-me logo, pelo amor de Deus, tenha dó de uma pobre mãe sem nenhum juízo. — Sua voz lúbrica aquece os meus sentidos.

— Fique quieta, futura esposa desobediente, ou não vou aliviar o seu desejo. — Digo, com certa presunção. Ela apenas acena. — Isto, gosto assim, bem submissa.

Eleonora respira fundo e seu corpo inteiro estremece quando deslizo um dedo entre as bandas da sua bunda, até a sua vagina, concentrando-o na sua abertura

vaginal. Empurro o dedo na sua umidade. Extremamente excitada, ela empina a bunda, desesperada por mais. E eu faço a sua vontade, esfrego o dedo indicador bem no meio do seu traseiro, deixando-a louca de tesão e fazendo com que solte gritinhos abafados de prazer. Antes que ela tenha tempo de pensar no próximo golpe, empurro a ponta do dedo no seu ânus, e quando seu corpo se arqueia, empurro outra vez. Seu corpo inteiro reage, seus músculos se tornam tensos, as pernas tremem, e ao tocar nos seus seios, sinto os mamilos duros.

Aproximo-me mais e roço a ponta do meu pênis sobre as bochechas do seu traseiro, deixando uma camada da minha umidade na sua pele.

Eleonora está prestes a gozar, e eu também. São trinta dias sem fazer amor, trinta longos dias. Bem que tentamos o oral e as carícias, mas não é a mesma coisa, e também há o nosso filho, ele exige muito dela. Sempre que pensávamos em fazer algumas sacanagens, meu garotão acordava choramingando para mamar, e lá se ia a nossa vontade, pois a prioridade é ele. Só agora que o colocamos no seu quarto e que o horário entre as mamadas aumentou é que podemos pensar nisso, então, estamos quase desesperados um pelo outro.

Quando a Eleonora arqueia o corpo com força enquanto o meu dedo brinca com o seu buraco traseiro, já sei que seu clímax está por vir. Seu orgasmo chega como ondas gigantescas, ela ofega por ar, gozando deliciosamente. Agarro a sua cintura e aperto o meu membro contra a sua vagina.

— Eu quero fodê-la com força, com toda a força do meu amor. — Digo com devassidão.

Agarro os seus quadris e forço-a a permanecer nesta posição. Mergulho o meu pênis nela, com força, com uma severa vontade de tê-la.

— Minha! — Digo com posse, enquanto aperto os dedos nas carnes da sua bunda. — Minha, você é minha, Eleonora Miranda.

Ela respira profundamente, sentindo a força dos meus golpes na sua boceta. Eu agarro seus quadris novamente, com força, e a possuo com um ritmo que é febril e selvagem. Seus músculos internos se apertam no meu pênis. Desesperado, diminuo o ritmo, pois sei que vou gozar se continuar assim, então, minha mão desce para encontrar o seu clitóris e o acaricio entre os meus dedos. A excitação domina a Eleonora por inteira, arrepiando a sua pele, e ela mal consegue respirar. Continuo acariciando-a, sentindo o seu orgasmo vir junto com o meu. Mergulho

a minha boca na sua nuca, mordendo-a, e empurro meu pênis dentro dela novamente, mas lentamente desta vez, enquanto envolvo os meus braços ao redor dela por trás, e as minhas mãos alcançam seus seios, provocando os seus mamilos.

— Maumau... eu... vou... gozar! — Seu clímax cresce. — Maurício!

Ela grita o meu nome, gozando, agarrando-se aos lençóis. Eu empurro com força nela, para fora e para dentro, depois para fora novamente, até que ela não consiga mais distinguir nada, até que ela se perca no seu prazer e eu no meu. O suor cobre as nossas testas, nossas pernas estão entorpecidas e o nosso corpo queimando.

Nossa união se completa quando escuto o seu grito orgástico, só então posso liberar meu também. Solto um urro grotesco e jorro todo meu prazer dentro dela, dando-lhe as últimas estocadas, antes que os nossos corpos se separem. Eu me viro de costas para o colchão e a trago para o meu peito, nossas bocas juntas em um beijo avassalador. Estamos suados e descabelados, mas completamente satisfeitos um do outro. Nossa primeira

vez após nove meses, e parece que os nossos corpos nunca ficaram tanto tempo longe um do outro.

A Eleonora e o Bernardo são os meus motivos para acordar todos os dias, por eles morreria mil vezes se fosse preciso.

Engolindo em seco, a Eleonora fixa o seu olhar no meu, ela sabe que estou pensando nela, e congelada pelo meu olhar de amor, ela me beija.

— Amo você, senhor Lafaiete. Você conseguiu descongelar o meu coração. O seu amor e a sua determinação fizeram com que eu finalmente acreditasse que um homem pode, sim, amar uma mulher de uma forma tão intensa. Obrigada por não desistir de mim. — Ela me oferece um sorriso hesitante.

— Eu sou um Lafaiete, futura esposa, e um Lafaiete não desiste do que ama. — Ela bate no meu peito com o punho fechado.

— Convencido. — Eleonora diz, sorrindo, e me beija em seguida. Assim que ela se move, eu sinto meu peito molhar.

— Acho que alguém vai acordar daqui a alguns minutos. — Aponto para os seus seios inchados, meu peito está molhado com o seu leite.

Corremos para o banho, e assim que saímos do banheiro, o Bernardo abre o berreiro. Ele só chora para mamar ou para trocar a fralda. Seguimos apressados para o quarto dele. Eu o pego nos braços, enquanto a Eleonora se senta na poltrona, se ajeitando para lhe dar o peito. Assim que o deixo confortável no colo da mãe e ele abocanha o mamilo e o suga, ele já se cala.

Fico admirando meu filho e a minha mulher em seu momento único, único para os dois, pois este é um laço que o pai jamais terá com seu filho. Eu me sento ao lado dos dois e fico quieto, esperando que o Bernardo termine de mamar.

E pensar que quase a perco, que quase deixo escapar pelas minhas mãos esta união. Sim, estava disposto a desistir de tudo, de tudo menos do meu filho, no entanto, não seria a mesma coisa criar o nosso filho estando separados. Não seria a mesma coisa, pois não seríamos uma família. Ainda bem que a Eleonora finalmente resolveu assumir que me ama e tomou a iniciativa, e daqui a uma semana, finalmente vamos nos casar. Amanhã voltaremos para Salvador e ela será oficialmente uma senhora Lafaiete.

Minha... Minha mulher, minha família.



Epílogo

É uma tarde convidativa para amar...

Rosas lilás espalhadas por todo o salão, uma música linda e romântica tocando ao fundo. Rostos familiares olhando para mim com uma brandura peculiar. No pequeno altar bem atrás de mim, do meu lado direito, estão os meus padrinhos de casamento: Matheus e a Lana. Do meu lado esquerdo estão os padrinhos da Eleonora: Marcos e Alexia. Finalmente meu sonho será concretizado, estou me casando com a mulher que escolhi para chamar de

“MINHA”, e não é só meu sonho de casar que estou realizando. Deus não só me deu uma esposa, como o pacote completo... uma família. Posso afirmar que sou um Lafaiete sortudo.

— Cadê a noiva? — O padre está mais nervoso do que eu, a cada dois minutos ele pergunta sobre a Eleonora. — Que eu saiba é normal que a noiva se atrase alguns minutos, mas não por quase uma hora.

— O senhor quer ficar calmo!? — Exclamo, fitando-o com um olhar fuzilante.

— O noivo sou eu, quem tem que ficar nervoso sou eu, não acha?

— Percorro com os olhos todo o salão, procurando alguém que possa me ajudar.

— Senhor Maurício, não posso ficar à sua mercê, tenho outros

compromissos...

— Cale-se, padre! Eu sei que um dos seus compromissos é celebrar o meu casamento.

Deixo-o boquiaberto e sigo até um corredor, onde papai caminha na minha direção.

— Se acalme, Maurício, sua noiva não vai fugir. — Ele me segura pelo braço, enquanto aproxima os lábios para próximo da minha orelha. — Você se esqueceu que sua noiva também é mãe? E que seu filho é comilão? Ela estava amamentando, e tirar todo aquele monte de panos dá trabalho, não se preocupe, a Sabrina está com ela.

— Custava ter avisado, senhor Alfredo? — Eu me afasto e digo, nervoso. — Já estava a caminho para ir buscá-la.

— Você não nega o sangue quente dos Lafaiete. Volte para seu lugar, que sua mulher já está na porta, pronta para entrar.

Viro-me na direção do altar e encontro o olhar divertido do Matheus e do Marcos. Matheus move os lábios, articulando uma frase silenciosa, que eu entendi perfeitamente.

Agora você sabe o que eu passei...

Marcos olha para ele, faz um gesto com a mão, apontando para o Matheus e depois para ele mesmo, em seguida, diz silenciosamente: *Bem-vindo ao clube...*

Alexia e Lana beliscam os seus homens na cintura, chamando nossa atenção para a porta. Volto para o altar, enxugo as mãos no terno e olho para o clarão que surge assim que a porta se abre totalmente.

Meus olhos marejam assim que eu os vejo. Minha futura esposa e o meu filho

nos seus braços, ele é o seu buquê, ele é o símbolo do nosso amor, um

amor que começou bagunçado, frágil, cheio de dúvidas e incertezas – da parte dela. Um amor que tinha tudo para não seguir adiante, mas a minha determinação superou o medo, a insegurança e o preconceito.

Nosso filho, com pouco mais de um mês, move os bracinhos e os pezinhos nos braços da mãe. Ele está feliz, parece saber que hoje é um dia especial, pois além do casamento dos seus pais, será também o seu batismo, talvez seja por isso que ele está tão calmo, afinal, o murmurinho das pessoas e a música que toca para que a Eleonora atravesse todo o tapete vermelho deveriam agitá-lo. Bernardo não gosta de barulho, ele é igual ao avô, adora música clássica, talvez seja isso que o mantém quieto. A música que escolhemos para a Eleonora foi *Jesus, alegria dos homens,* de Johann Sebastian Bach. A preferida do Bernardo. Sim, quando ele está chorando e não conseguimos acalmá-lo, colocamos essa música para tocar e ele se cala, adormecendo imediatamente.

O Cadu e a Sabrina vêm logo atrás da Eleonora, eles são os padrinhos do Bernardo. O Lucas, filho deles e meu sobrinho, se afeiçoou ao Bernardo de uma forma que mal conseguimos deixá-lo longe do nosso filho. Desde que chegaram da Argentina ele não fica longe dele e suas únicas palavras são: mamãe, papai, podemos levar o “Benado” com a gente? Só isso foi motivo para o Cadu olhar para a minha irmã com aquela cara de homem das montanhas e provocá-la.

Fadinha, eu acho que precisamos praticar mais, nosso filho precisa de um irmão com urgência.

Sabrina respondeu com um olhar de quem adorou a ideia. Esses dois não têm jeito, não se desgrudam, não dão folga.

Meus irmãos são assim, intensos, provocantes e determinados... Somos assim.

A Eleonora está tão linda! Seu vestido tem um decote simples e prático, pois ela está amamentando, ele deixa a junção dos seios à mostra, e logo penso no momento em que eu poderei enfiar o meu rosto entre eles.

Maurício, como você pode pensar em safadeza nesse momento?

Envio os meus pensamentos lúbricos para longe. Volto para a minha Eleonora. Ela está tão sorridente e tão leve. O farfalhar do tecido fluido do vestido deixa-a

parecida com um anjo, o meu anjo.

Enfim, ela chega ao final do tapete. Eu sigo ao seu encontro, e beijo a sua testa demoradamente. Ela limpa as minhas lágrimas. Eu beijo o meu filho e ela também, depois o entrega para a Sabrina. Estendo o braço para ela e a conduzo até o altar.

A cerimônia não foi longa, não havia muito o que falar, nem a acrescentar, já temos tudo, e principalmente temos amor. Mas não deixou de ser emocionante, vi por diversas vezes o papai limpando as lágrimas, e os meus três irmãos com um brilho emocionado no olhar.

A recepção será na casa do papai. Não convidamos muitas pessoas, queríamos algo íntimo, só para a família e alguns poucos amigos, cerca de cinquenta convidados, mesmo porque, o Bernardo é muito pequeno para ficar tão exposto.

— Atenção, todos! — Estamos todos sentados na grande mesa que foi posta no lado externo da casa, após o casamento, quando papai chama nossa atenção, batendo levemente com o garfo na taça de cristal.

— Teremos discurso do excelentíssimo Alfredo Lafaiete? — Matheus especula, mas o papai o adverte com um olhar. — Não é justo, não tivemos discurso em nossos casamentos, por que o Maurício é o privilegiado?

— Você não acha que está velho demais para ciúmes, Matheus?

Papai o encara, e depois dirige o mesmo olhar para os demais filhos, e ninguém ousa reclamar. Papai limpa a garganta e recomeça.

— Bem, aqui estamos reunidos mais uma vez. Meu último filho finalmente encontrou a mulher para chamar de sua, e estou vendo que a família que eu comecei junto com a minha amada esposa está crescendo. —

Ele olha os netos, depois fita a Alexia carinhosamente. — Lucas, meu primeiro neto, filho da minha princesa Sabrina e do meu querido Cadu, esses dois me deram trabalho. A Sabrina quase nos enlouquece.

— Só ao senhor?! A mim também, meu maior medo era ser preso por pedofilia. — Cadu recebe um tapa no braço, a Sabrina faz uma careta enquanto o Cadu alisa o local do tapa. — Você era um perigo para a minha sanidade, e ainda é. —

Ele rebate, dando-lhe um beijo no rosto.

— Sou, é? Aguarde-me, mais tarde eu te mostro o quão louca eu sou. —

Eu e a Eleonora entendemos o recado, rimos com a cara que o Cadu faz.

— Deus do céu, nós não precisamos saber disso. — Matheus olha para a Sabrina com um olhar de advertência.

— Concordo, Matheus. — Marcos se junta a ele.

— Mas valeu a pena passar por tudo isso, hoje eles são uma família unida e feliz. — Papai limpa a garganta e conclui.

— Isso mesmo, sogrão. — Cadu bate palmas, beijando a Sabrina e o Lucas em seguida.

Papai sorri e faz uma pausa, aproveitando para beber um pouco de água.

— Matheus, Lana e o meu neto Marcos. — Continua. — Meu filho mais velho, o que mais se parece comigo, tanto fisicamente, como na personalidade. Eu sempre soube do interesse dele pela Lana, assim como também sabia que quando ela estivesse pronta para ele, Matheus a pediria em

casamento. — De repente, ele fecha os olhos e eu percebo a sua emoção. —

Lana. — Ele abre os olhos e a fita com os olhos marejados. — Quando você foi sequestrada, eu sabia que meu filho a resgataria de qualquer jeito, pois eu faria o mesmo, e aqui está você, linda, feliz e com o fruto do amor de vocês, meu neto.

— Eu também sabia, sogro. Nunca duvidei disso, conheço a força do amor que o Matheus sente por mim. — Matheus beija carinhosamente a testa da Lana.

— Marcos, o mais cabeça quente dos Lafaiete. Eu pensei que o Maurício se casaria antes de você.

— Todos nós pensávamos isso, até mesmo primeiro do que a Sabrina. —

Marcos interrompe o papai. — Cara, todas as moças que você namorava era para casar, nunca vi nada igual.

— Ainda bem que elas fugiram dele, pois ele foi marcado para ser meu.

— Olho surpreso para Eleonora, essa é a primeira vez que ela se declara para mim na frente dos outros. — O que é? Não me olhe assim, você é meu e pronto. O último Lafaiete é meu. — Rimos juntos, e nosso filho faz um muxoxo, acho que está concordando.

— Posso continuar? — Assentimos, e ele continua: — É, Marcos, você se apaixonou sem se dar conta e sem perceber. A força de vida de uma moça chamada Alexia o fisgou no primeiro olhar, e você lutou por ela, fez coisas que só um Lafaiete faz por amor, e aqui estão vocês, felizes, e muito em breve mais um Lafaiete estará entre nós, pois a nossa menina linda está grávida. Eu amo você, Alexia.

— Obrigada, papai. Eu também o amo muito. — Ela diz, emocionada.

Alexia se apegou ao papai, ela o chama de papai e ele a chama de filha.

Ele se volta para mim, e levanta a taça, sorrindo.

— Maurício, o mais parecido com a sua mãe em sentimentos. Doce, romântico, amigo, prestativo e amável, mas com a minha determinação, e isso o torna o melhor de nós. — Papai olha para a Eleonora. — Eleonora, eu sabia que cedo ou tarde você entenderia e acreditaria no amor que o Maurício sente por você. Apesar de toda a sua resistência e dos traumas, eu sabia que vocês ficariam juntos, pois quando um Lafaiete marca uma mulher para ser dele, quando ele realmente se apaixona, ela não tem escapatória. — Ele volta a fechar os olhos, engole a saliva, respira e volta a nos fitar. — Os Lafaiete só amam uma vez, a mulher ou o homem que escolhemos é para toda a eternidade, por isso eu nunca me casei outra vez, pois a mãe de vocês foi a única dona de mim, e ela sabia disso.

— Papai... — Emocionada, Sabrina tenta consolar o papai, pois sabemos o quanto é doloroso ele lembrar da mamãe.

— Não, não, filha... — Ele a interrompe. — Quando a sua mãe se foi, ela levou um pedaço do meu coração, e ele não me faz falta, porque eu sei que está com ela e sei que um dia vamos nos reencontrar. Eu fiquei porque vocês precisavam de mim, meus netos precisam de mim, e eu ficarei aqui até que Deus resolva me levar para os braços da sua mãe. Estou feliz, muito feliz, não dói sentir saudade

da mãe de vocês. Ela precisava ir, já aceitei isso, não tenham receio pela minha saudade, amo lembrar do meu amor.

Papai enche a taça de vinho e levanta-a, em seguida, todos nós fazemos o mesmo.

— Um brinde ao amor, um brinde aos frutos do amor, à nova geração dos Lafaiete, um brinde à determinação dos homens e das mulheres, um brinde para aqueles que lutam pelo que querem, que não desistem nunca, mesmo sabendo que será quase impossível de conseguir, um brinde à família

Lafaiete.

— Aos Lafaiete e aos futuros Lafaiete. — Dissemos em uma só voz.

Após o discurso do senhor Alfredo Lafaiete, o jantar seguiu, a alegria tomou conta dos convidados e da nossa família. Cada um se reuniu com um grupo. Eu fui para o quarto ajudar a minha mulher com o nosso filho.

— Cansada? — Pergunto, admirando-a amamentar nosso filho.

— Feliz. — Ela responde, fitando-me com carinho no olhar. — Sou uma mulher sortuda, tenho o homem mais lindo, mais amigo e mais apaixonado do mundo. — Ela morde o lábio inferior e depois completa: — Nunca mais vou duvidar do seu amor, marido. Nunca mais.

— Esposa, mais tarde, quando estivermos na cama e nus, eu quero escutar tudo isso, quero escutar quando eu estiver todo dentro de você e fazendo-a gozar enlouquecidamente.

— Maumau, fale baixo, nosso filho está acordado e prestando atenção em toda a nossa conversa. Ela junta a cabecinha do Bernardo no peito e cobre a outra orelha dele com a mão. — Safado, tarado... — Eu me aproximo e me agacho, puxando-a para um beijo cheio de furor, deixando-a sem fôlego, e depois eu me afasto.

— Minha! Você sempre foi, é, e sempre será minha. Nunca duvide disso, senhora Lafaiete.

Bernardo solta o seio e olha para mim, levanta a mãozinha como se estivesse

pedindo para que eu a toque. Eu seguro a sua mão, ele agarra o meu dedo e volta a boca para o seio da mãe.

— Até ele concorda. — Pisco o olho para ela e depois beijo a cabecinha do nosso filho, que continua mamando.

Alguns meses depois, nasce uma linda menina loirinha. Seu nome é

Dandara, filha do Marcos e da Alexia. Vocês já sabem o inferno que será a vida desta menina.

Lucas, Marcos e o Bernardo, seus primos, não deixarão moleque nenhum se aproximar da nova princesa Lafaiete.

Continua em MINHA *, a* história do Maurício e Eleonora, o quarto e último livro da série *Os Lafaiete.*



Próxima história

O Beija-Flor

Baseado em uma fábula antiga.

Uma história de amor, além da imaginação.

Após se formar em medicina veterinária, Jordan resolve voltar para sua cidade natal, São Pedro, e abrir uma clínica, após 13 anos afastado dela. O

que o atraente veterinário não sabe é que o retorno à sua cidade natal selará o seu destino: o homem, acostumado a despertar suspiros apaixonados, mas que sempre se manteve distante de romances, será conduzido por uma jovem enigmática e não apenas descobrir o ardor de uma grande paixão, mas também se verá envolvido em uma trama cheia de aventura, romance e mistério.

Ele será conduzido pelo inexplicável; mas o amor o levará a caminhos inimagináveis.

Outros Romances da Autora

Escolhas

Minha Insensatez

Sensibilidade

A Luz do Seu Olhar

Sr. Estranho

Tão Minha – Série Os Lafaiete – Livro 3

Hands that Heal

The Exchange

50 Tons de Mulher

O Contador

KAEL – nos braços do amor – livro 2

KAEL – renascendo para o amor – Livro 1

Ela é Minha – livro 2 da série Os Lafaiete

Ele é Meu – livro 1 da série Os Lafaiete

Nossa História

Depois de Tudo, Você

Recomeço

A Viúva

Emma

Cold Heart

Incontrolável

Pequenos contos:

Depois de Você, Tudo Mudou

A Despedida

Contatos

Fanpage: @autoralarasmithe

Facebook: lara.smithe.14

Site: www.larasmithe1.wix.com/meusite

Instragam: #autoralarasmithe

Document Outline

- Sumário
- Agradecimento
- Mensagem
- Sinopse
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29

- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Epílogo
- Próxima história
- Outros Romances da Autora